



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**

**CAMPUS CHAPECÓ**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM ESTUDOS  
LINGUÍSTICOS**

**CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

**MICHELE SCHNEIDERS**

**MACROANÁLISE PLURIDIMENSIONAL DA VARIAÇÃO DE  
<GURKE/KUMMER> E <PFIRSICH/PESCH> COMO INDICADORES DE  
NORMATIVIDADE E/OU DIALETALIDADE DO HUNSRÜCKISCH**

**CHAPECÓ**

**2017**

**MICHELE SCHNEIDERS**

**MACROANÁLISE PLURIDIMENSIONAL DA VARIAÇÃO DE  
<GURKE/KUMMER> E <PFIRSICH/PESCH> COMO INDICADORES DE  
NORMATIVIDADE E/OU DIALETALIDADE DO HUNSRÜCKISCH**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug.

**CHAPECÓ**

**2017**

## UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Av. Fernando Machado, 108 E

Centro, Chapecó, SC - Brasil

Caixa Postal 181

CEP 89802-112

### PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Schneiders, Michele

MACROANÁLISE PLURIDIMENSIONAL DA VARIAÇÃO DE  
<GURKE/KUMMER> E PFIRSICH/PESCH> COMO INDICADORES DE  
NORMATIVIDADE E/OU DIALETALIDADE DO HUNSRÜCKISCH/  
Michele Schneiders. -- 2017.

110 f.

Orientador: Marcelo Jacó Krug.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Mestrado em Estudos Linguísticos - PPGEL, Chapecó, SC,  
2017.

1. Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional. 2.  
Bilinguismo e Línguas em Contato. 3. Variedade alemã. I.  
Krug, Marcelo Jacó, orient. II. Universidade Federal da  
Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

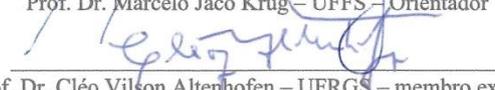
MICHELE SCHNEIDERS

**MACROANÁLISE PLURIDIMENSIONAL DA VARIAÇÃO DE  
<GURKE/KUMMER> E <PFIRSICH/PESCH> COMO INDICADORES DE  
STANDARDIZAÇÃO E/OU DIALETALIZAÇÃO DO HUNSRÜCKISCH**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da  
Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS para obtenção do título de Mestre em  
Estudos Linguísticos, defendida em banca examinadora em 18/12/2017.

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug – UFFS – Orientador

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Cléo Wilson Altenhofen – UFRGS – membro externo

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Cristiane Horst – UFFS – membro interno

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Claudia Camila Lara – UFFS – Suplente

Chapecó, dezembro de 2017

Dedico este trabalho

Aos meus pais Juliane Steffen e Ademar Schneiders, com carinho.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, pelo incentivo ao estudo, pelo amor incondicional e por me apresentarem o Hunsrückisch.

Ao meu companheiro Adriano, pelo apoio e auxílio nas horas de concentração.

Aos meus amigos de São João do Oeste, que compreenderam minha ausência.

Aos meus colegas do Instituto Federal de Santa Catarina pelo apoio para que tudo desse certo.

Aos meus colegas do PPGEL, em especial, Lucélia, Luiz, Munick e Tatiana, pelas conversas, jantares, conselhos, risadas, sugestões e principalmente pela amizade e companheirismo.

Ao meu professor orientador, Marcelo Jacó Krug, pelas sugestões, correções, auxílios e principalmente por ter me aceitado como sua orientanda.

Aos professores do PPGEL por oportunizarem um Mestrado em Estudos Linguísticos na região e principalmente pelas leituras indicadas.

À banca de qualificação pela leitura e pelas sugestões.

Aos coordenadores do projeto ALMA-H por disponibilizarem os dados para que esse trabalho pudesse ser realizado.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral mapear a variação no uso de *Gurke/Kummer* e *Pfirsich/Pesch* por falantes de Hunsrückisch (variedade alemã) a partir dos dados do projeto Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch, doravante, ALMA-H, que envolve 41 localidades de pesquisa, sendo elas distribuídas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Argentina, Paraguai e Mato Grosso. Neste estudo, analisaremos o uso de *Gurke/Kummer* e *Pfirsich/Pesch* e quais as características dos informantes que as utilizam. Nesse sentido, postulamos como hipótese os estudos realizados por Altenhofen (2016) o qual considera que as colônias velhas que compreendem as áreas próximas a São Leopoldo (RS) terão mais ocorrências de uso da variedade [+dialetal], portanto, realizarão *Kummer* e *Pesch* enquanto que as colônias novas que compreendem o noroeste do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina terão ocorrências próximas ao standard, portanto, realizarão *Gurke* e *Pfirsich*. A base teórica utilizada neste trabalho é dada pela Dialetologia pluridimensional e relacional (THUN, 1998; 2010) que prevê a análise linguística a partir de diferentes dimensões. Para esta pesquisa, analisaremos as dimensões diatópica (localidade), diastrática (classe alta e classe baixa), diageracional (mais velhos (GII) e mais jovens (GI)), diassexual (homens e mulheres) e diarreligiosa (católicos e luteranos). Em nossa análise, constatou-se que a dimensão mais significativa na escolha do uso das variantes foi a dimensão diarreligiosa, que trata da religião dos informantes, mostrando que os luteranos utilizam as formas [+standard] *Gurke* e *Pfirsich*, enquanto que os católicos realizam as formas [+dialetais] *Kummer* e *Pesch*, o que confirma os estudos de Wehrmann (2016) e Willems (1980).

**Palavras-Chave:** variedade alemã; contatos linguísticos; cartografia; bilinguismo.

## ZUSAMMENFASSUNG

Diese Untersuchung hat die Variation durch die Verwendung von *Gurke/Kummer* und *Pfirsich/Pesch* unter Sprecher des Hunsrückisches (deutsche Varietät) abzubilden zum allgemeinen Ziel. Die Daten dieser Forschung stammen aus dem Projekt Sprachatlas der deutschen Minderheiten in La-Plata-Becken: Hunsrückisch, im Folgenden als ALMA-H gennant, der 41 Ortschaften umfasst die in Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Argentinien, Paraguay und Mato Grosso liegen. In dieser Studie wird den Gebrauch von *Gurke/Kummer* und *Pfirsich/Pesch* untersucht und welche Merkmale die Informanten verwenden. Dazu werden die Studien von Altenhofen (2016), der erwägt dass die alte Kolonien die in der Nähe von São Leopoldo (RS) liegen die meisten Verwendungsereignisse der dialektalen Varietäten *Kummer* und *Pesch* haben und andererseits die neue Kolonien die in Nordwesten von Rio Grande do Sul und in West Santa Catarina liegen die meisten Verwendungsereignisse die sich mit dem deutschen Standard *Gurke* und *Pfirsich* ähnlichen als Hypothese postuliert. Die theoretische Basis dieser Vorschung folgt die pluridimensionale und relationale Dialektologie (THUN, 1998; 2010), die linguistische Analyse unter verschiedene Dimensionen erforscht. Zu dieser Vorschung werden die diatopische (Ortschaft), diastratische (Sekunderstufe oder höhe und nur Primarstufe), diagenerationelle (ältere Generation (GII) und jüngere Generation (GI)), diasexuelle (Männer und Frauen) und diarreligiöse (Katholiker und Lutheraner) Dimensionen bearbeitet. In dieser Untersuchung wird festgestellt, dass die diarreligiöse Dimension, die Religiösität der Informanten bahandelt, sich am bedeutsamsten beim Verwendungsauswahl der Varianten zeigt. Die Lutheraner benutzen die Arten [+standard] *Gurke* und *Pfirsich* und die Katholiker andererseits verwenden die Arten [+dialektale] *Kummer* und *Pesch*. Diese Ergebnisse bestätigen die Studien von Wehrmann (2016) und Willems (1980).

**Stichwörter:** deutsche Varietät; sprachliche Kontakte; Kartografie; Zweisprachigkeit;

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Esquema do espaço variacional.....	25
<b>Figura 2:</b> Contínuo linguístico do Hunsrückisch.....	31
<b>Figura 3:</b> Cruz das dimensões de análise.....	53
<b>Figura 4:</b> Perfil dos informantes.....	55

## **LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1:</b> Diferença entre Dialetologia Pluridimensional e Monodimensional.....	26
<b>Tabela 2:</b> Dimensões de análise consideradas pelo projeto ALMA-H.....	27
<b>Tabela 3:</b> Subáreas da rede de pontos do projeto ALMA-H.....	55
<b>Tabela 4:</b> Religiões predominantes na rede de pontos do ALMA-H.....	68

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ALMA-H: Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata – Hunsrückisch

ADDU: Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático del Uruguay

ALGR: Atlas Linguístico Guaraní-Románico

ALERS: Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN: instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPA: Alfabeto fonético internacional

Ca: Classe alta

Cb: Classe baixa

GII: Geração mais velha (mais de 55 anos)

GI: Geração mais jovem (entre 18 e 36 anos)

Ho: Homens

Mu: Mulheres

Cat: Católicos

Lut: Luterano

Hrs: Hunsrückisch

Hdt: Hochdeutsch

Pt: português

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 01:</b> Plurilinguismo na região sul do Brasil.....	17
<b>Mapa 02:</b> Tipologia do Hunsrückisch falado no Rio Grande do Sul.....	39
<b>Mapa 03:</b> Áreas <i>Deutsch</i> e <i>Deitsch</i> na rede de pontos do ALMA-H.....	47
<b>Mapa 04:</b> Rede de pontos do ALMA-H.....	54
<b>Mapa 05:</b> Uso de <i>Kummer</i> nas colônias velhas.....	73
<b>Mapa 06:</b> Uso de <i>Pesch</i> nas colônias velhas.....	75
<b>Mapa 07:</b> Variação de <i>Gurke</i> na fala dos homens (Ho).....	87
<b>Mapa 08:</b> Variação de <i>Gurke</i> , na fala das mulheres (Mu).....	88
<b>Mapa 09:</b> Variação de <i>Kummer</i> na fala dos homens (Ho).....	89
<b>Mapa 10:</b> Variação de <i>Kummer</i> na fala das mulheres (Mu).....	90
<b>Mapa 11:</b> Variação de <i>Pfirsich</i> na fala dos homens (Ho).....	91
<b>Mapa 12:</b> Variação de <i>Pfirsich</i> na fala das mulheres (Mu).....	92
<b>Mapa 13:</b> Variação de <i>Pesch</i> na fala dos homens (Ho).....	93
<b>Mapa 14:</b> Variação de <i>Pesch</i> na fala das mulheres (Mu).....	94
<b>Mapa 15:</b> Variação de <i>Gurke</i> na fala dos homens (Ho) católicos.....	95
<b>Mapa 16:</b> Variação de <i>Gurke</i> na fala dos homens (Ho) luteranos.....	96
<b>Mapa 17:</b> Variação de <i>Gurke</i> na fala das mulheres (Mu) católicas.....	97
<b>Mapa 18:</b> Variação de <i>Gurke</i> na fala das mulheres (Mu) luteranas.....	98
<b>Mapa 19:</b> Variação de <i>Kummer</i> na fala dos homens (Ho) católicos.....	99
<b>Mapa 20:</b> Variação de <i>Kummer</i> na fala dos homens (Ho) luteranos.....	100
<b>Mapa 21:</b> Variação de <i>Kummer</i> na fala das mulheres (Mu) católicas.....	101
<b>Mapa 22:</b> Variação de <i>Kummer</i> na fala das mulheres (Mu) luteranas.....	102
<b>Mapa 23:</b> Variação de <i>Pfirsich</i> na fala dos homens (Ho) católicos.....	103
<b>Mapa 24:</b> Variação de <i>Pfirsich</i> na fala dos homens (Ho) luteranos.....	104
<b>Mapa 25:</b> Variação de <i>Pfirsich</i> na fala das mulheres (Mu) católicas.....	105
<b>Mapa 26:</b> Variação de <i>Pfirsich</i> na fala das mulheres (Mu) luteranas.....	106

<b>Mapa 27:</b> Variação de <i>Pesch</i> na fala dos homens (Ho) católicos.....	107
<b>Mapa 28:</b> Variação de <i>Pesch</i> na fala dos homens (Ho) luteranos.....	108
<b>Mapa 29:</b> Variação de <i>Pesch</i> na fala das mulheres (Mu) católicas.....	109
<b>Mapa 30:</b> Variação de <i>Pesch</i> na fala das mulheres (Mu) luteranas.....	110

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>23</b>
1.1 A DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL .....	23
1.2 LÍNGUA E DIALETO .....	28
1.3 CONTÍNUO LINGUÍSTICO ENTRE O STANDARD E O SUBSTANDARD DA VARIEDADE ALEMÃ .....	30
1.4 BILINGUISMO E CONTATOS LINGUÍSTICOS.....	33
1.5 DIGLOSSIA .....	36
<b>2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....</b>	<b>38</b>
2.1 A PRESENÇA DA LÍNGUA ALEMÃ NO BRASIL.....	38
2.2 AS VARIEDADES DO ALEMÃO NA REGIÃO DO ALMA-H .....	41
2.3 PROCESSOS (I)MIGRATÓRIOS: ÁREAS <i>DEUTSCH</i> E <i>DEITSCH</i> .....	44
<b>3. METODOLOGIA DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>51</b>
3.1 O PROJETO ALMA-H .....	51
3.1.1 Rede de pontos .....	53
3.1.2 Os informantes .....	55
3.1.3 O questionário.....	56
3.2 CARTOGRAFIA E CRUZAMENTO DOS DADOS .....	57
<b>4. ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>59</b>
4.1 DIMENSÃO DIATÓPICA.....	59
4.2 DIMENSÃO DIASTRÁTICA.....	61
4.2.1 <i>Uso de Gurke/Kummer pela Ca e pela Cb</i> .....	61
4.2.2 <i>Uso de Pfirsich/Pesch pela Ca e pela Cb</i> .....	62
4.3 DIMENSÃO DIAGERACIONAL .....	64
4.3.1 <i>Uso de Gurke/Kummer pela GII e pela GI</i> .....	64
4.3.2 <i>Uso de Pfirsich/Pesch pela GII e pela GI</i> .....	65
4.4 DIMENSÃO DIASSEXUAL .....	66
4.4.1 <i>Uso de Gurke/Kummer pelas mulheres e pelos homens</i> .....	66
4.4.2 <i>Uso de Pfirsich/Pesch pelas mulheres e pelos homens</i> .....	66
4.5 DIMENSÃO DIARRELIGIOSA .....	67
4.5.1 <i>Uso de Gurke/Kummer pelos católicos e pelos luteranos</i> .....	68

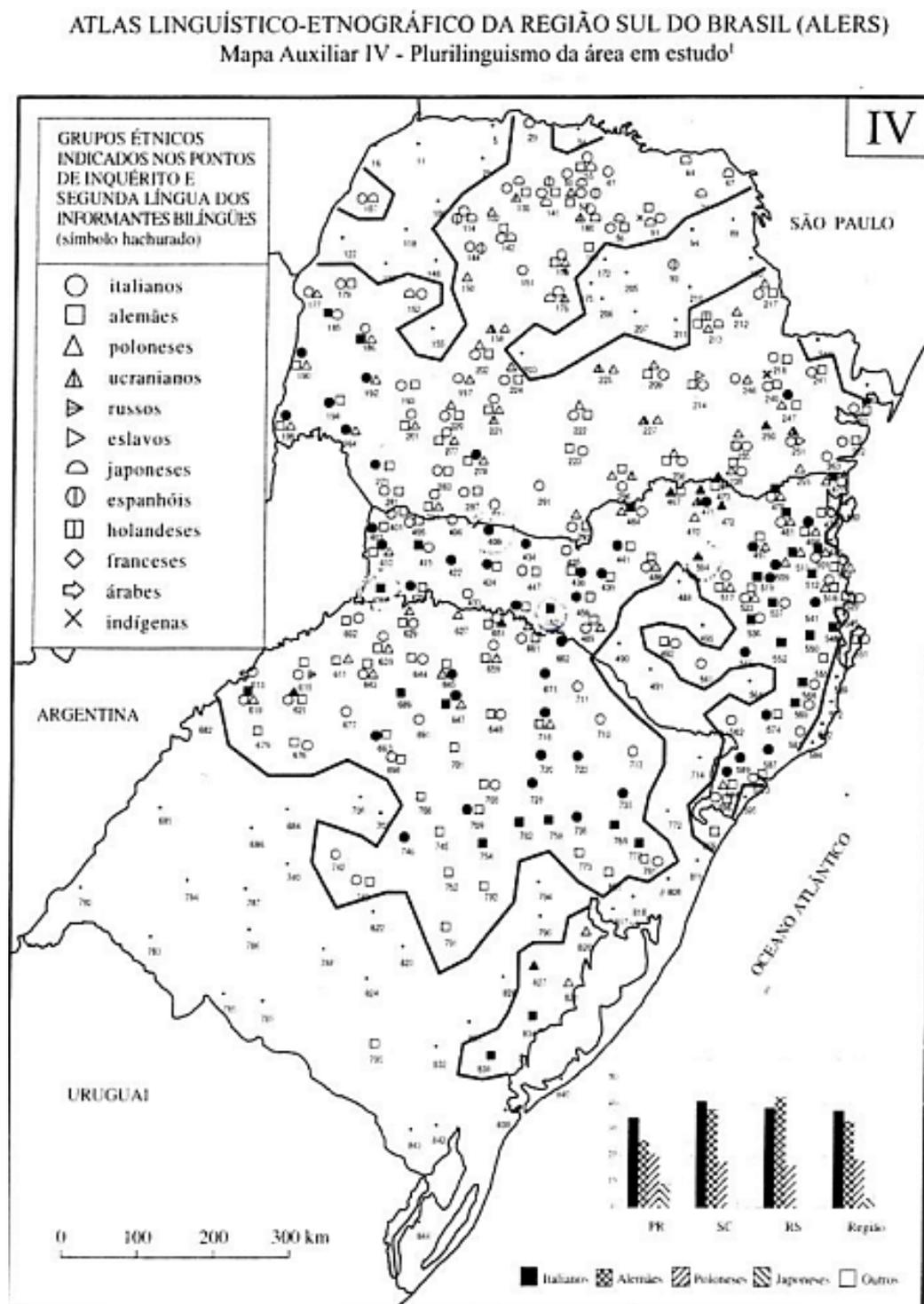
4.5.2	<i>Uso de Pffirsich/Pesch pelos católicos e pelos luteranos</i> .....	70
4.6	CRUZAMENTO DOS DADOS A PARTIR DAS DIMENSÕES .....	72
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>79</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>81</b>
	<b>ANEXOS</b> .....	<b>86</b>

## **INTRODUÇÃO**

Podemos caracterizar a paisagem linguística brasileira como um grande mosaico de línguas e variedades de línguas que constituem a diversidade linguística. Compreendemos que nosso país, apesar de tantos mitos e concepções preconceituosas de que aqui somente se fala o português, “possui cerca de 330 línguas, sendo 274 línguas indígenas e 56 línguas de imigração” (ALTENHOFEN, 2013, p. 35) e é, por isso, “um dos territórios com maior diversidade linguística no mundo” (RASO; MELLO; ALTENHOFEN; 2011, p. 19).

O mapa a seguir confirma a presença de diferentes grupos étnicos na região Sul do Brasil. Nesse sentido, mostra que o plurilinguismo existe e é muito presente no Brasil. Temos, portanto, de forma mais expressiva a presença de italianos, alemães e poloneses, como é possível verificar a seguir:

Mapa 01 – Plurilinguismo na região sul do Brasil:



Fonte: ALERS, 2002

Os imigrantes vindos da Alemanha para o Brasil trouxeram não só sua bagagem material, mas também, sua identidade, cultura, crenças e principalmente, a língua. A comunicação em variedades alemãs trazidas pelos imigrantes ainda é comum em várias comunidades no Sul do Brasil, também em outros estados e até países essas

variedades são possíveis de serem encontradas. É claro que, em grande parte, enfraquecidas pelo contato com a variedade oficial de cada país. Segundo Altenhofen (1996), estima-se que existam mais ou menos 500 mil falantes da variedade alemã (Hunsrückisch) somente no Rio Grande do Sul, sem contar os vários municípios de Santa Catarina, Paraná, Espírito Santo, Mato Grosso, Argentina e Paraguai.

A imigração alemã para o Brasil, no ano de 1824, deu-se por vários motivos, dentre os quais, podemos citar a crise econômica como o principal, pois o objetivo era buscar condições de vida melhores no país, porque “o Brasil era um país novo, onde tudo estava por fazer. Havia enormes vazios geográficos, muita mata para derrubar e dar lugar a plantações” (ROCKENBACH, FLORES, 2004, p. 11).

Chegaram, portanto, entre 1824 e 1830, em São Leopoldo, mais ou menos 5.350 imigrantes alemães (ROCKENBACH, FLORES, 2004; JUNGBLUT, 2000), os quais ocuparam, posteriormente, as cidades do oeste de Santa Catarina, Paraná, e demais regiões do país.

O Brasil, sendo assim, pode ser caracterizado como uma paisagem linguística marcada por contatos, como é afirmado por Raso, Mello e Altenhofen (2011, p. 13) “a história do Brasil, após a chegada do homem branco é toda uma história de contatos linguísticos”.

Considerando esse cenário linguístico e de que nas localidades em que há o contato com o Hrs, é comum haver diferenças no uso de determinadas variantes. Este estudo tem como **objetivo geral** mapear a variação de *Gurke*<sup>1</sup>/*Kummer* e *Pfirsich*<sup>2</sup>/*Pesch* por falantes no uso do Hunsrückisch, nos dados do Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch (ALMA-H), e analisar o que essa variação sinaliza sobre o uso da língua.

Postulamos como **hipótese**, os estudos feitos por Altenhofen (2016), onde se verifica o predomínio de uso de *Gurke* e *Pfirsich* por falantes que denominam sua variedade como *Deutsch*, e *Kummer* e *Pesch* por falantes que denominam sua variedade como *Deitsch*. A hipótese é de que os falantes pertencentes às áreas *Deutsch* utilizarão *Gurke* e *Pfirsich* enquanto que *Kummer* e *Pesch* serão utilizadas por falantes pertencentes às áreas *Deitsch*. Além disso, os fatores como localidade,

---

<sup>1</sup> Tradução: pepino em Hochdeutsch.

<sup>2</sup> Tradução: pêssego em Hochdeutsch.

classe social, idade, sexo/gênero e religião serão analisados e possivelmente terão uma grande influência no uso das duas variantes pesquisadas.

A partir do objetivo geral, detalhamos nossos **objetivos específicos** e na sequência, as hipóteses para cada objetivo:

a) Analisar a variação diatópica no uso de *Gurke/Kummer* e *Pfirsich/Pesch* a partir dos dados do ALMA-H;

b) Verificar a existência de variação a partir da dimensão diastrática no uso das variantes linguísticas;

c) Analisar se há mudança linguística em progresso da GII para a GI no uso das variantes (dimensão diageracional), levando em consideração o tempo aparente;

d) Verificar se há variação entre a fala dos homens e das mulheres a partir da dimensão diassexual;

e) Identificar a influência da religião dos informantes no uso das variantes linguísticas, a partir da dimensão diarreligiosa;

f) Relacionar os dados das dimensões diatópica, diastrática, diageracional, diassexual e diarreligiosa e apontar, em forma de mapa, os processos (i)migratórios e os comportamentos linguísticos em relação ao uso da variedade.

Postulamos, para cada objetivo, uma **hipótese**, apresentada na sequência a seguir:

a) Objetivo a: Nossa hipótese é de que as colônias velhas, que compreendem as áreas próximas a São Leopoldo terão ocorrências próximas ao dialeto<sup>3</sup>, portanto, realizarão *Kummer e Pesch*, enquanto que as colônias novas que compreendem o noroeste do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina terão ocorrências próximas ao standard e, portanto, realizarão *Gurke e Pfirsich*, considerando os resultados dos estudos de Altenhofen (2016).

b) Objetivo b: Quanto ao objetivo b, nossa hipótese é que os informantes de classe alta (Ca) usarão a variedade [+standard] e consequentemente utilizarão *Gurke e Pfirsich* considerando o maior nível de escolaridade e possível acesso à variedade [+standard] se comparados com os da classe baixa (Cb) que tiveram menos acesso à escrita em Hochdeutsch e realizarão, portanto, as variantes [+dialetais] *Kummer e Pesch*, pois, de acordo com Chambers e Trudgill (1980, p. 70) “as variantes usadas pelas classes mais

---

<sup>3</sup> A definição e diferenciação de língua e dialeto será apresentada no capítulo 1, subitem 1.2.

altas possuem mais prestígio e atribuem mais status do que outras variantes”.

- c) Objetivo c: Quanto à geração, nossa hipótese é de que os mais jovens (GI) realizarão *Kummer* e *Pesch* e os mais velhos (GII) *Gurke* e *Pfirsich*, pois, conforme os resultados de Meyer (2009, p. 29) “nas localidades mais antigas, situadas na área *Deitsch*, a ocorrência das variantes [+standard] entre os jovens chega a ser nula”. Já os mais velhos poderão ter conhecimento das variantes [+standard], pelo contato maior com a escrita dessa variedade ou até ensino de alemão-padrão para esses informantes.
- d) Objetivo d: Supõe-se que as mulheres realizarão *Gurke* e *Pfirsich*, pertencentes, portanto, aos traços [+standard] enquanto que os homens utilizarão *Kummer* e *Pesch*, pertencentes aos traços [+dialetais], pois conforme destacam Chambers e Trudgill (1980, p. 85) “as pressões sobre as mulheres para que usem formas linguísticas “corretas” são, portanto, maiores que as dos homens”.
- e) Objetivo e: Supomos que os luteranos, doravante Lut, utilizarão as variantes [+standard] *Gurke* e *Pfirsich*, enquanto que os católicos, doravante Cat, utilizarão as variantes *Kummer* e *Pesch*. Tomamos como base os resultados de Wehrmann (2016) em que os luteranos demonstraram uma maior manutenção do alemão em relação aos católicos. Isso se explica por causa “da estreita ligação através da igreja por ser a língua alemã um símbolo de fé e pelo emprego da variedade padrão” (WEHRMANN, 2016, p. 112).
- f) Objetivo f: Presumimos que ocorram comportamentos linguísticos diferentes em relação ao uso variável de *Gurke/Kummer* e *Pfirsich/Pesch* nas cidades em que compreendem as localidades de Estrela (RS09) e Colinas (RS10) que, a partir dos resultados de Altenhofen (2016) mostraram que, apesar de caracterizadas como colônias velhas, predomina-se o uso de *Gurke* e *Pfirsich*.

Nossa questão norteadora está pautada na análise do contato linguístico entre o standard e o dialeto da variedade alemã, no qual o [+standard], vindo da região de Santa Cruz do Sul (RS) de predomínio *Gurke* e *Pfirsich*, entra em contato direto proveniente das migrações, com a variedade [+dialetal], vinda da região de São Leopoldo (RS), de predomínio *Kummer* e *Pesch*. Sendo assim, analisaremos onde

se utiliza *Gurke/Kummer e Pfirsich/Pesch* e quais as características dos informantes que realizam essas variantes linguísticas (ALTENHOFEN, 2016; MEYER, 2009).

Os dados foram coletados pelo projeto ALMA-H que foi desenvolvido pelas áreas de Romanística da Christian-Albrechts-Universität de Kiel, Alemanha e de Germanística do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Este projeto tem como objetivo principal a constituição de um banco de dados da variedade Hunsrückisch (variedade alemã) em contato com o português e espanhol, e a partir desses dados mapear a variação, os contatos linguísticos e o uso desta variedade.

O projeto envolve 41 pontos de pesquisa, distribuídos entre Paraguai, Argentina (região de Misiones) e Brasil, especificamente em Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso. Sobre essa rede de pontos, Altenhofen (2013, p. 33) destaca que “esse contexto é especialmente propício para o estudo da variação e do multilinguismo, pois desafia o modelo teórico utilizado com uma gama enorme de todo tipo de variável e situação linguística possível de ocorrer”, além de ser um espaço territorial heterogêneo e a situação normal nesse contexto ser caracterizada pelas variedades linguísticas existentes.

A escolha dessas localidades, pertencentes ao projeto do ALMA-H, se dá, portanto, pelo fato de, segundo Altenhofen (2014, p. 70) “as migrações e contatos linguísticos não coincidirem com as fronteiras políticas, seja de países, seja de estados dentro de um país, e sim transcenderem a esses limites”.

Tem-se como base teórico-metodológica a dialetologia pluridimensional e relacional, que identifica, descreve e situa a língua e seus vários usos, de acordo com o espaço sociocultural (THUN, 1998; 2010) Justifica-se o uso desta teoria, pelo fato de sua contribuição para o conhecimento da realidade linguística no Brasil, além de oferecer subsídios para outras áreas afins, como a História, Sociologia, Antropologia, Etnologia, assim como a contribuição para o ensino e aprendizagem de língua materna (RAZKY; LIMA; OLIVEIRA, 2006).

Justifica-se também um trabalho dessa natureza, principalmente, pelo interesse e curiosidade da própria pesquisadora em investigar o uso variável de *Gurke/Kummer e Pfirsich/Pesch*, por ter nascido em uma cidade que convive diariamente com o Hunsrückisch em contato com o Português. Além disso, o trabalho visa contribuir com outras pesquisas com os mesmos dados.

São alguns exemplos, os estudos de Borella (2014) que descreve a variação de sonorização e dessonorização das consoantes oclusivas /p, b/, /t, d/ e /k, g/ com dados de fala do português de 16 informantes do projeto ALMA-H falantes de Hunsrückisch, a pesquisa de Machado (2016) que tem como tema “a competência de fala em Hochdeutsch (Hdt./StDt.) por falantes hunsriqueanos entrevistados no âmbito do ALMA-H” (MACHADO, 2016, p. 12), o trabalho de Radünz (2016) que trata da variação lexical da língua de imigração alemã Hunsrückisch em contato com o português e o espanhol na Bacia do Prata, especificamente a variação de fósforo/Streichholz, o qual também utiliza dos mesmos dados.

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos: no primeiro tratamos dos pressupostos teóricos utilizados como subsídio para a análise, no segundo apresentamos a contextualização da pesquisa, no terceiro explanamos a metodologia da coleta e análise dos dados, no quarto apresentamos e discutimos a análise dos dados que também são apresentados em mapas (vide anexos 09 a 32) e por fim, no quinto capítulo, discute-se as considerações finais seguidas das referências bibliográficas e dos anexos.

## 1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, busca-se aprofundar e exemplificar alguns conceitos e teorias que são fundamentais para a nossa pesquisa, como por exemplo, no que consiste a dialetologia pluridimensional e relacional, os conceitos de língua e dialeto, bilinguismo e contatos linguísticos e diglossia.

### 1.1 A DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL

A dialetologia que representa “dialeto”, “fala”, assim como a sociolinguística que estuda a relação da língua com a sociedade, tem em comum o seu objeto de estudo: a língua ou dialetos em uso. Nesse sentido, convém destacar um breve histórico da forma em que as duas disciplinas se aproximaram.

A dialetologia areal, que Thun (1998) refere como dialetologia tradicional, e a sociolinguística eram disciplinas historicamente separadas. A dialetologia areal era monodimensional (somente uma dimensão) e dava preferência para somente um tipo de informante e ainda considerava esse único grupo de informantes como homogêneo.

O grupo de informantes que se buscava era caracterizado como velho, de escolaridade baixa e habitante da zona rural. Chambers e Trudgill (1980) denominam esse grupo como NORMs (*non-mobile old rural males*)<sup>4</sup> enquanto que Labov (1966) os denomina de ROM (*rural old man*)<sup>5</sup>. Segundo Vandekerckhove (2010, p. 316) há uma ideia de que “a língua em espaços rurais é estática, enquanto que em urbanos é inovadora”<sup>6</sup>, por isso a preferência desse grupo para pesquisa, pois, acreditava-se que eles teriam menos variação na sua fala (consequência da não-mobilidade) e obteriam o vernáculo, ou o dialeto “mais genuíno”, como denominado por Chambers e Trudgill (1980, p. 47).

A sociolinguística, mesmo se preocupando com a multidimensionalidade, ou seja, com fatores externos à língua, deixa de lado o espaço (a área - diatopia), se preocupando somente com uma comunidade de fala. Dessa forma, Thun (1998, p. 702) aborda que a dialetologia areal, monodimensional separada da sociolinguística

<sup>4</sup> Tradução livre nossa: Homens velhos do campo e sem mobilidade.

<sup>5</sup> Tradução livre nossa: Homem velho do campo.

<sup>6</sup> Tradução livre nossa. No original “*the idea of rural language being static and urban language being innovative*”.

é uma sociolinguística limitada e a sociolinguística, multidimensional, separada da dialetologia é uma dialetologia limitada.

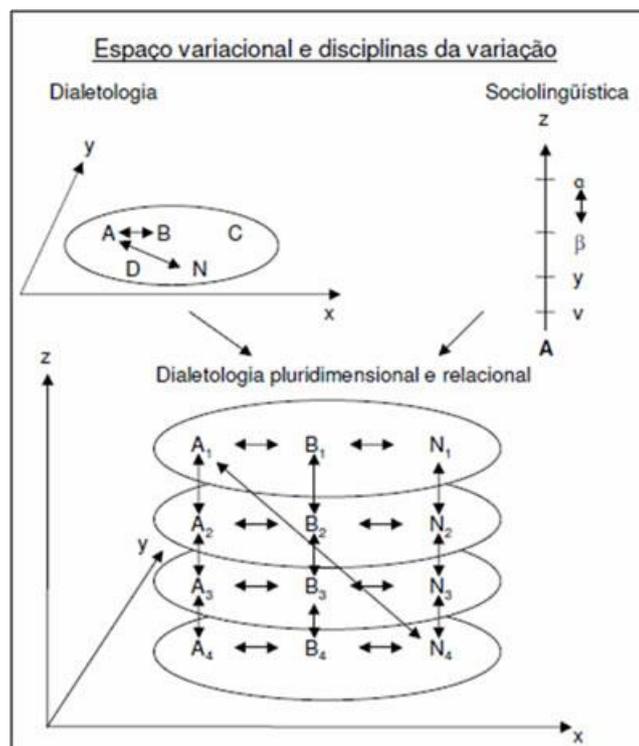
Era necessário que houvesse uma “sociologização da dialetologia”, ou seja, analisar a variação linguística considerando o gênero, idade, escolaridade diferentes (fatores sociais) e uma “dialetalização da sociolingüística” que pudesse unir os parâmetros sociais com a arealidade, porque, “sem a arealização não se pode reconstruir analiticamente o espaço variacional” (THUN, 1998, p. 704).

Nesse sentido, a união da dialetologia com a sociolinguística confluem em uma “geolingüística ampliada que pode ser chamada oportunamente de dialetologia pluridimensional” (THUN, 1998, p. 704) sendo seu campo preferido a superfície e um espaço suficientemente grande para que apareçam todas as inter-relações, e nesse sentido, pode ser definida como a ciência ampla da variação linguística (RADKE; THUN, 1996).

Thun (2009, p. 535) ressalta que “a dialetologia pluridimensional aceitou o desafio da sociolinguística que, na afirmação de sua identidade, distanciou-se explicitamente da geolingüística e da dialetologia tradicional”, considerando a partir daí, o máximo de variação, que caracteriza o mundo atual, não mais topostático, sem mobilidade, mas sim, cada vez mais urbano e com mobilidade.

A partir do princípio básico da pluridimensionalidade, que combina a dimensão diatópica (localização geográfica), no eixo horizontal, com as dimensões sociais, no eixo vertical, tradicionalmente associadas aos estudos sociolinguísticos, Thun (1998, p. 705) elabora o seguinte esquema para ilustrar o foco de análise da dialetologia pluridimensional e relacional:

Figura 1: Esquema do espaço variacional



Fonte: Thun, 1998.

É preciso que se analise e posteriormente relacione todos os planos, como exemplificado na figura acima. Sobre a dialetoлогия pluridimensional e relacional, Thun (1998, p. 705) ainda destaca que “se deve analisar todos os planos e todas as relações. Com este programa a dialetoлогия pluridimensional se aproxima do ideal da descrição completa e ordenada do polimorfismo linguístico e de sua relação com os falantes”.

É preciso considerar também que a dialetoлогия pluridimensional não pretende buscar o vernáculo, o dialeto “puro”, “não contaminado” e “homogêneo” (RIEHL, 2010, p. 336) que antes era preferido pela dialetoлогия tradicional, mas sim, busca-se as variedades mistas, estas que estão geralmente em contato com outras línguas. Se antes buscava-se os NORMs, hoje se estende o estudo a grupos urbanos, com maior grau de escolaridade, de faixas etárias diferentes, que se deslocam e que possuem certa mobilidade (CARDOSO, 2002, p. 12).

A dialetoлогия pluridimensional e relacional pretende estabelecer relações entre os diferentes usos de uma ou mais línguas reconhecendo dessa maneira os vários dialetos presentes, as variedades de línguas e principalmente as variedades em contato.

A partir das observações feitas sobre a dialetologia tradicional e monodimensional, o quadro a seguir sintetiza as principais diferenças entre elas.

Tabela 1: Diferenças entre a dialetologia monodimensional e a dialetologia pluridimensional e relacional

<b>Dialetologia Monodimensional</b>	<b>Dialetologia Pluridimensional e Relacional</b>
Preferência por áreas rurais ( <i>Rural Old Man</i> );	Áreas rurais e urbanas;
Dimensões extralinguísticas restritas;	Diferentes dimensões extralinguísticas;
Reduzidos preferencialmente a um fator linguístico	Diversos fatores linguísticos
Preferência por homens velhos com pouca escolaridade;	Homens e mulheres com diferentes graus de escolaridade;
Espaço social topostático;	Espaço social topodinâmico;
Elimina a variação estilística (admite apenas a pergunta do questionário);	Admite mais estilos de resposta: conversa livre, resposta ao questionário e leitura de texto;
Um único informante entrevistado;	Pluralidade de informantes na mesma entrevista;
Variedade linguística sem variação interna, variedades “puras”;	Variedades não-padrão e variedades em contato, variedades mistas;
Admite somente a primeira resposta espontânea;	Além da primeira resposta espontânea, propõe outras formas que podem ser ouvidas pelos falantes em forma de insistência e sugerência, além dos comentários metalinguísticos;
Pesquisa quantitativa	Pesquisa qualitativa
Relações entre os dados é reduzida à dimensão diatópica	Relação e cruzamento do maior número possível de dados

Fonte: Thun (1998; 2010 adaptado pela autora).

Nesse sentido, o objetivo da dialetologia pluridimensional é analisar a língua a partir de diferentes dimensões, que envolvem parâmetros e critérios, a partir disso, evitam-se “conclusões perigosas da dialetologia monodimensional” (HORST, 2014, p. 57). A dialetologia pluridimensional, de acordo com Thun (2009, p. 536) “introduz a geologia na geografia linguística e transforma a superfície plana da dialetologia monodimensional em um espaço tridimensional”.

Considerando o espaço tridimensional da dialetologia pluridimensional, apresentamos a seguir, um quadro das dimensões de análise que são consideradas pelo projeto ALMA-H, que serve de base a este estudo (ver 3.1):

Tabela 2: Dimensões de análise consideradas pelo projeto ALMA-H

<b>Dimensão</b>	<b>Parâmetro</b>	<b>Critério</b>
<b>Diatópica</b>	<b>topostático</b> (informantes em um domicílio fixo)	41 pontos de inquérito
<b>diatópica-cinética</b>	<b>Topodinâmico</b> (mudança de domicílio – mobilidade espacial)	Em grande parte, relação entre colônias velhas (matriz de origem) e colônias novas (matriz de chegada)
<b>Diastrática</b>	<b>Ca</b> = classe (socioculturalmente alta) <b>Cb</b> = classe (socioculturalmente) baixa	Ca (com formação universitária parcial ou completa) Cb (até ensino médio + profissão que não exija o uso da escrita)
<b>diageracional</b>	<b>GII</b> (geração velha) <b>GI</b> (geração jovem)	= acima de 55 anos = 18 a 36 anos
<b>diagenérica</b>	<b>Ho</b> = homens <b>Mu</b> = mulheres	
<b>dialingual</b>	<b>hrs</b> = hunsriqueano (Hunsrückisch) <b>hdt</b> = alemão-padrão (Hochdeutsch) <b>pt</b> = português <b>sp</b> = espanhol	Esta dimensão é complementada com dados dos atlas linguísticos do português (ALERS e ALiB), para o português
<b>diafásica</b>	<b>Resp</b> = respostas ao questionário <b>Leit</b> = leitura <b>Tx</b> = conversa livre (etnotextos)	Três estilos de uso da língua.
<b>diarreferencial</b>	<b>Lg</b> = fala “objetiva“ <b>MLg</b> = fala metalinguística	Esta dimensão é estimulada pela técnica de entrevista em três tempos: perguntar

		(resposta espontânea) – insistir – sugerir
<b>diarreliosa</b>	<b>Cat</b> = católico <b>Lut</b> = evangélico-luterano	Tipo de localidade conforme as confissões religiosas presentes
<b>diamésica</b>	<b>Escr</b> = língua em meio escrito vs. <b>Fal</b> = meio falado	Coleta de dados em áudio e vídeo (oralidade) e em meio escrito (p.ex. impressos, cartas de imigrantes, inscrições [p.ex. em estabelecimentos comerciais, placas, topônimos, sepulturas].

Fonte: Altenhofen (2013, p. 32).

Com a dialetologia pluridimensional há diferentes possibilidades de análise da língua, que não se limita a somente uma dimensão como fazia a dialetologia tradicional. Atinge-se, assim, uma maior riqueza de dados e de possibilidades de análise.

No item 3, que trata da metodologia, explicaremos as dimensões consideradas nesta dissertação. Antes, cabe elucidar as definições de língua e dialeto adotadas neste estudo.

## 1.2 LÍNGUA E DIALETO

As noções de *língua* e *dialeto* podem parecer um pouco confusas até mesmo para os próprios falantes. À primeira vista, a noção de *dialeto* exprime uma forma desprestigiada, pois, é comum ouvirmos falantes de uma língua minoritária, por exemplo, dizerem que não falam o alemão “correto”<sup>7</sup>, mas sim, o “dialeto”. A variedade Hunsrückisch, por exemplo, é denominada como “*verlorene Sproch* (língua perdida), *vebrochne Deutsch* (alemão quebrado), *Heckedeutsch* (alemão do mato), alemão errado e sem gramática, língua de colono” (ALTENHOFEN, 2004b, p. 91).

Tendo em vista essas observações, para nossa pesquisa, tomaremos como base as noções de *língua* e *dialeto* de acordo com Trudgill (2000) e Coseriu (1982). A língua, de acordo com Trudgill (2000, p. 01) “é o meio pelo qual estabelecemos e

<sup>7</sup> Correto, nesse sentido, refere-se ao alemão-padrão (*Hochdeutsch*).

mantemos relações com outras pessoas”<sup>8</sup>, além disso, é através dela que muitas vezes fazemos juízos de valor, dessa maneira, mostrando quem somos, ou seja, a nossa língua nos denuncia. É, portanto, a partir dessas considerações que a língua se relaciona diretamente com a sociedade.

Para Hudson (1996, p. 36 apud BERRUTO, 2010, p. 231) “não há distinção real entre língua e dialeto (exceto com referência ao prestígio)”, porém, Trudgill (2000, p. 4) menciona que “se dois falantes não conseguem entender um ao outro, então eles estão falando línguas diferentes, mas se eles conseguem se entender, então estão falando dialetos da mesma língua”<sup>9</sup>. Assim, o termo *dialeto* é considerado como uma variedade da língua, de ordem social ou regional; além disso, refere-se a “diferentes tipos de língua que tem diferenças no vocabulário, na gramática e na pronúncia” (TRUDGILL, 2000, p. 5).

Já para Coseriu (1982, p. 10), *dialeto* significa “modo interindividual de falar”<sup>10</sup> enquanto que *língua* consiste no falar e no entender de vários indivíduos. O modo de falar individual também pode ser caracterizado como idioleto (BERRUTO, 2010).

Nesse sentido, Coseriu (1982) destaca que todo dialeto é uma língua, pois possui um sistema fônico, lexical e gramatical. Mas, “se todo dialeto é uma língua, nem toda língua é um dialeto”<sup>11</sup> (COSERIU, 1982, p. 11), isso significa que é possível que falemos em “dialeto de uma língua”, por exemplo, “dialeto do alemão”, “dialeto do português”, enquanto que a língua possui um identificador próprio, como por exemplo, “língua alemã”, “língua portuguesa”.

Coseriu (1982, p. 12) menciona, além disso, que “o termo dialeto, em oposição à língua, designa uma língua menor, incluída em uma língua maior que é justamente uma língua histórica (um “idioma”)<sup>12</sup>. Nesse sentido, ninguém fala “o

---

<sup>8</sup> Tradução livre nossa. No original “*it i salso a very importante means of establishing and maintaining relationships with other people*”.

<sup>9</sup> Tradução livre nossa. No original “*if two speakers cannot understand one another, then they are speaking diferente languages. Similarly, if they can understand each other, we could sai that they are speaking dialects of the same language*”.

<sup>10</sup> Tradução livre nossa. No original “*modo interindividual de hablar*”.

<sup>11</sup> Tradução livre nossa. No original “[...] *pero, si todo “dialecto” es una lengua, no toda “lengua” es un dialecto*”.

<sup>12</sup> Tradução livre nossa. No original “[...] *el término dialecto, en cuanto opuesto a lengua, designa una lengua menor distinguida dentro de (o incluída en) una lengua mayor, que es, justamente, una lengua histórica (un “idioma”)*”.

português”, “o alemão”, “o espanhol”, o que se fala são formas determinadas do português, do alemão, do espanhol (COSERIU, 1982, p. 16)<sup>13</sup>.

De acordo com Berruto (2010), o dialeto pode ser considerado como uma variedade diatópica ou variedade regional, ou seja, é a variedade falada em uma dada localidade. Além disso, cabe acrescentar as variedades sociais ou diastráticas, situacionais ou diafásicas, ou seja, variedades faladas por uma dada classe social em diferentes situações, pois, “todo falante em uma comunidade de fala tem a habilidade de mudar seu modo de falar em relação aos múltiplos fatores presentes ou ativados na situação”<sup>14</sup> (BERRUTO, 2010, p. 228).

Tendo em vista as considerações sobre língua e dialeto, os subtítulos a seguir tratarão, respectivamente, do contínuo linguístico entre o *standard* e o *substandard* da variedade alemã e posteriormente, da definição de bilinguismo e qual sua relação com o contato linguístico. Esses conceitos são importantes, já que os dados utilizados nesta pesquisa provêm de informantes bilíngues.

### 1.3 CONTÍNUO LINGUÍSTICO ENTRE O STANDARD E O SUBSTANDARD DA VARIEDADE ALEMÃ

Todo e qualquer conjunto de variedades no espaço linguístico que constitui uma língua, distribui-se em um contínuo linguístico (BERRUTO, 2010). O conceito de contínuo linguístico surgiu a partir da Geolinguística e é estabelecido quando presenciamos pouca diferença entre dialetos de localidades próximas, observando, porém, que fazem parte do repertório linguístico do falante as variantes não apenas do dialeto-base, mas também de seu contraponto, a norma culta com a qual tem contato pela escrita, pela escola ou outras situações formais (como culto religioso, por exemplo).

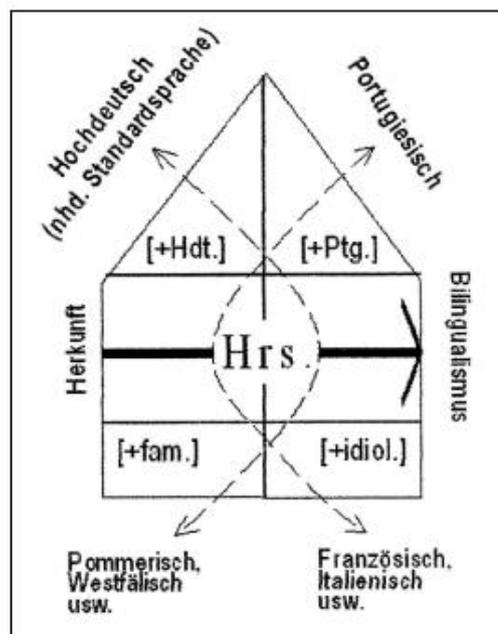
No que se refere ao Hunsrückisch, o contato dessa variedade com as demais línguas se dá, muitas vezes, de maneira prestigiada ou até mesmo des prestigiada. Podemos dizer que os falantes de Hrs estabelecem um contato diário entre as línguas oficiais, ou majoritárias, como por exemplo, o Português e o Espanhol. Dessa forma, os falantes apresentam-se em um contínuo linguístico, onde o

<sup>13</sup> Tradução livre nossa. No original “*Así, nadie habla “el español”, lo que se habla es siempre alguna forma determinada del español*”.

<sup>14</sup> Tradução livre nossa. No original “[...] *every speaker in a speech community has the ability to change his/her way of speaking in relation to the manifold factors present or activated in a situation*”.

standard se relaciona com o substandard. O Hrs é, deste modo, o resultado do contato de variedades do alemão e de outras línguas, ordenadas em um contínuo (ALTENHOFEN, 1996), conforme ilustra o esquema da fig. 2:

Figura 2 – Contínuo linguístico do Hunsrückisch



Fonte: Altenhofen (1996, p. 132).

O contínuo linguístico pode ser dividido pela variedade standard, substandard e, ainda, pelo dialeto-base, definido por Bellmann (1983) como *Basisdialekt*, sendo uma variedade do substandard que possui um maior grau de dialetalidade. O conceito de substandard pode ser definido, segundo Lenz (2005, apud HORST, 2014, p. 39), como aquilo que “aparece abaixo do standard, como variedade desviante da língua padrão-escrita”.

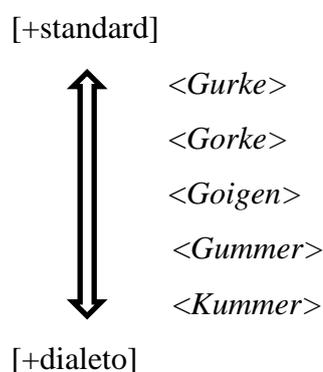
Altenhofen (1996) adota a noção de “famioleto”, como unidade de análise para variação no contínuo linguístico do Hrs. A partir da fig. 2, também é possível perceber que cada vez mais a língua-teto (*Hochdeutsch*) é substituída pelo português, “cuja influência tende a ser cada vez maior, com o passar do tempo e das gerações” (HORST, 2014, p. 40). Isso se justifica pela mobilidade espacial cada vez maior dos informantes que não são mais topostáticos, mas sim, topodinâmicos (RADKE; THUN, 1996).

Bellmann (1983) menciona que o standard emergiu como uma linguagem escrita e se distanciou, essencialmente, dos dialetos do alemão, enquanto que o

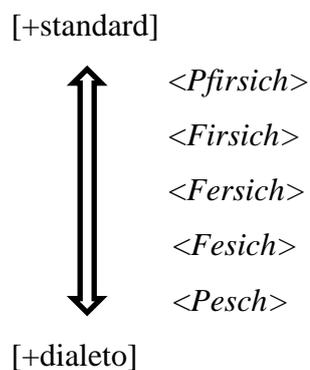
substandard refere-se a um contínuo vertical individual, na medida em que manteve uma base dialetal comum. Bellmann cita Wenker (1885 apud BELLMANN, 1983, p. 122), para enfatizar que “quem quiser se informar daqui há 30 anos, como se fala em dialeto esta ou aquela frase, obterá a seguinte resposta: ‘se fala assim, mas pode ser dito também assado, mas eu já ouvi falarem desta maneira’”. Ele ressalta, com isso, que a unidade linguística homogênea que existia, hoje não existe mais.

Em relação ao presente estudo, que tem como tema a relação das variantes como indicadoras de graus de normatividade e/ou dialetalidade do Hunsrückisch, consideramos o seguinte esquema:

A variável <Gurke> engloba as seguintes variantes:



A variável <Pfersich> engloba as seguintes variantes:



No que diz respeito à situação linguística atual, as relações entre as variantes [+standard] e as [+dialetais] estão muito mais próximas e se relacionam entre si, como podemos perceber no uso de *Gurke*, em que falantes também utilizam <Gorke>, mas conhecem <Kummer>. Da mesma forma ocorre no uso de <Pfersich>, em que os falantes também realizam <Fesich>, ou <Fiersich>, porém, conhecem <Pesch>. Isso se dá pelo fato dos contatos linguísticos serem cada vez

maiores e principalmente pela difusão, cada vez maior, do Hunsrückisch por toda a rede de pontos.

Os conceitos de bilinguismo e contatos linguísticos serão discutidos nos subtítulos a seguir.

#### 1.4 BILINGUISTO E CONTATOS LINGUÍSTICOS

Mesmo que a palavra “bilinguismo” remeta, no senso comum, à noção de uso de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo, essa não é uníssona na literatura. Para Bloomfield (1933, *apud* MACKEY, 1972), por exemplo, o indivíduo bilíngue era considerado como *native-speaker*, aquele com conhecimento de falante nativo em duas línguas e sabe se comunicar bem em duas línguas. Em contrapartida, para Haugen (1953, *apud* MACKEY, 1972) bilíngue é aquele indivíduo que possui a habilidade de produzir frases com sentido, em duas línguas.

Para Grosjean (1996), o bilinguismo está presente em praticamente todo o mundo, nas classes sociais e em todas as faixas etárias, e estima-se que metade da população mundial seja bilíngue. Ele considera o indivíduo bilíngue aquele que “usa duas ou mais línguas (ou dialetos) na sua vida diária” (GROSJEAN, 1996, p. 01).

Essa definição inclui desde o trabalhador migrante que fala com alguma dificuldade a língua do país até o intérprete que é totalmente fluente nas duas línguas. Para o autor, esses indivíduos, por mais que possuam níveis de proficiência diferentes nas duas línguas, compartilham algo em comum: ambos levam suas vidas com duas ou mais línguas.

Já Mackey (1972, p. 555) destaca que “o momento em que um falante de uma segunda língua se torna bilíngue é arbitrário ou até impossível de determinar”. Por isso, a saída seria, considerar o bilinguismo como um fenômeno relativo, definindo-o como “o uso alternado de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo” (MACKEY, 1972, p. 555). Nesse sentido, o bilíngue não necessariamente precisa ser o falante nativo de duas línguas, como considerou Bloomfield, nem mesmo produzir frases com sentido nas duas línguas, como mencionou Haugen. O bilinguismo é, para Mackey (1972), simplesmente um fenômeno relativo e depende de questões de grau, função, alternância e interferência.

Sobre o **grau**, fazemos a pergunta: “quão bilíngue uma pessoa pode ser”? Para saber o grau de bilinguismo de um indivíduo, precisamos saber quais os níveis de proficiência que ele possui nas quatro habilidades, por exemplo, na audição, fala, leitura e escrita. Não é necessário que uma pessoa tenha proficiência em todos os níveis para considerá-la bilíngue, pois há graus de bilinguismo diferentes. Um indivíduo pode ouvir determinada língua e compreendê-la, ter habilidades de leitura e escrita, mas não conseguir produzir frases.

A **função** determina para que e em que condições o indivíduo usa a língua. É possível que um falante de uma determinada língua use-a para falar com a família, com os amigos, com os vizinhos, mas no trabalho utilize outra. Além disso, também pode utilizar uma língua especificamente para o comércio, para falar com os clientes que só entendem determinada variedade minoritária, facilitando a comunicação.

A **alternância** é o fenômeno de mudar de uma língua para outra. Ela depende da fluência e domínio que o falante tem das duas línguas e principalmente de fatores internos e externos, em condições de tópico, pessoa e tensão.

A **interferência** é como uma das línguas do indivíduo influencia no uso da outra. Mackey (1972) destaca que a interferência envolve o uso de marcas ou traços pertencentes de uma língua, enquanto fala ou escreve em outra.

O autor ainda diferencia tipos diferentes de interferência, sendo eles, interferência cultural (influência da cultura de uma língua em outra), interferência semântica (influência de estrutura semântica de uma língua na outra), interferência lexical (introduzir palavras de uma língua na outra), interferência gramatical (introduzir categorias gramaticais de uma língua na outra) e interferência fonológica (influência da articulação, entonação e ritmo de uma língua na outra).

Faz-se necessário, portanto, definir o bilinguismo como um fenômeno relativo e individual, destacando que não há bilíngue ideal e nem bilíngue perfeito, mas sim, graus de bilinguismo diferentes, pois de acordo com Macnamara (1967 *apud* HAMERS; BLANC, 2000) bilíngue é qualquer indivíduo que possui uma competência mínima em apenas uma das quatro habilidades, em outra língua que não a sua língua materna. Por língua materna, compreendemos que seja a primeira língua aprendida, seja ela repassada propriamente pela mãe ou por qualquer familiar (ALTENHOFEN, 2002).

Para Romaine (1995), o bilinguismo deve ser considerado como um meio ou um recurso a ser cultivado, ao invés de um problema a ser superado, destacando que não há um bilíngue ideal, mas sim, graus de bilinguismo.

Alguns autores ainda separam o bilinguismo individual do bilinguismo societal<sup>15</sup>. Segundo Appel e Muysken (2005, p. 2) o bilinguismo societal ocorre quando são faladas duas ou mais línguas em uma sociedade. É possível inferir, portanto, que quase todas as sociedades sejam bilíngues, diferindo somente no grau e na forma do bilinguismo e sendo possível encontrar sociedades que sejam bilíngues, mas os falantes individualmente não serem.

Hamers e Blanc (2000, p. 06) denominam bilinguismo como “o estado de uma comunidade linguística na qual duas línguas estão em contato”, nesse sentido, teríamos um bilinguismo societal (APPEL, MUYSKEN, 2005; HAMERS, BLANC, 2000). Os autores ainda diferenciam o bilinguismo da bilinguidade<sup>16</sup>. A bilinguidade, para Hamers (1981 *apud* HAMERS, BLANC, 2000, p. 6), pode ser definida como bilinguismo individual, além de ser “o estado psicológico de um indivíduo que tem acesso a mais de um código linguístico como meio de comunicação social”.

Dessa forma, é possível pensarmos o bilinguismo como um resultado de um contato linguístico, seja ele *in vivo* (na comunidade de fala) ou *in vitro* (em um espaço de ensino formal)<sup>17</sup>, pois, de acordo com Appel e Muysken (2005, p. 1), “uma língua em contato inevitavelmente leva ao bilinguismo”.

Para Meyerhoff (2006, p. 238), “toda variação e mudança pode ser vista como um resultado de alguma forma de contato entre diferentes indivíduos ou membros de diferentes grupos”. Sendo assim, Altenhofen (2008, p. 130) ressalta que “o que entra em contato são, antes de tudo, modos de falar individuais (idioletos) identificados como variedades linguísticas”.

Nesse sentido, se pensarmos na história do Brasil após a chegada do homem branco, ela revela toda uma história de contatos linguísticos (RASO; MELLO; ALTENHOFEN, 2011, p. 13), inicialmente entre indígenas e europeus, posteriormente com a chegada dos povos africanos e, por fim no século XIX, com a chegada dos imigrantes europeus.

---

<sup>15</sup> Societal and individual bilingualism.

<sup>16</sup> Bilinguality and Bilingualism.

<sup>17</sup> Ver Raso, Mello e Altenhofen, 2011, p. 187.

No Brasil, existem, de acordo com Altenhofen (2013), cerca de 330 línguas, sendo 274 línguas indígenas (autóctones) e cerca de 56 línguas de imigração (alóctones), e é considerado o país com maior diversidade linguística no mundo, mas mesmo assim, ainda tem-se a visão de um país monolíngue.

De acordo com Raso, Mello e Altenhofen (2011, p. 42) essa visão que ainda prepondera na situação brasileira de considerar o monolingüismo como “situação normal, legítima e legitimadora” contrasta com o fato de localidades realmente monolíngues serem inexistentes, pois podemos ser bilíngues até mesmo na própria língua, já que ninguém fala da mesma forma em todos os contextos.

É preciso, portanto, ver o bilingüismo, ou melhor, o plurilingüismo como regra e necessidade, muito mais do que uma exceção, além de ser uma questão de cidadania e identidade (ROMAINE, 1995, p. 7).

### 1.5 DIGLOSSIA

Nas sociedades em que se presencia o contato de duas ou mais línguas, há pelo menos uma delas em que o uso seja restrito para determinadas situações. Elas são utilizadas entre domínios, com pessoas e em contextos diferentes, mantendo funções diferentes na sociedade. Isso acontece, porque de acordo com Grosjean (1996) as necessidades e os usos que fazem em cada língua são diferentes, por isso que os indivíduos não adquirem proficiência equivalente em cada língua.

Segundo Hamers e Blanc (2000, p. 21), “nos casos de diglossia, os usos de cada língua são determinados pelo nível societal”, podemos dizer que a diglossia pertence à sociedade, portanto, é social.

Para Ferguson (1974[1959], p. 111), a diglossia “é uma situação linguística relativamente estável na qual, além dos dialetos principais da língua (que podem incluir um padrão ou padrões regionais) há uma variedade superposta”. Fishman (1967, p. 30) denomina a variedade superposta como alta<sup>18</sup> utilizada no ensino e aspectos culturais com maior status, e baixa<sup>19</sup> referindo-se à língua utilizada no dia-a-dia. Ele também diferencia quatro situações de diglossia e bilingüismo:

1) diglossia e bilingüismo: quando quase toda a população de uma comunidade comparte as mesmas duas línguas (tanto a H quanto a L).

<sup>18</sup> Tradução livre nossa. No original “*High*”.

<sup>19</sup> Tradução livre nossa. No original: “*Low*”.

2) diglossia sem bilinguismo: significa que duas ou mais línguas da comunidade são unidas religiosamente, politicamente ou economicamente, mas se separam em alguns aspectos socioculturais, ou seja, a população não possui uma fala única característica da comunidade.

3) bilinguismo sem diglossia: sendo o bilinguismo uma situação individual, o bilinguismo sem diglossia significa que a comunidade não comparte as mesmas línguas que fazem parte do indivíduo bilíngue. Além disso, Fishman (1967, p. 36) destaca que “bilinguismo sem diglossia tende a ser transitório, tanto em termos do repertório linguístico da comunidade bem como em termos das variantes linguísticas envolvidas”.

4) nem bilinguismo nem diglossia: É possível encontrar essa situação somente em comunidades de fala muito pequenas e isoladas, ou seja, o monolinguismo é quase inexistente. De acordo com Fishman (1967, p. 36), “todo repertório linguístico contém certos termos que são desconhecidos para certos membros da comunidade de fala, e certos termos que são usados diferentemente pelos falantes”. O contato com outros, o crescimento econômico e a exogamia leva à diversificação e conseqüentemente a um repertório linguístico diferente, e, no entanto, se há diversidade, há bilinguismo.

No que se refere às comunidades bilíngues estudadas, o que prevalece como variedade alta (H) na maioria das comunidades é a língua portuguesa, ou a língua espanhola nos casos da Argentina e Paraguai, pois mantém um repertório linguístico escrito. A variedade alemã é considerada baixa (L), tendo em vista que os falantes a utilizam somente na fala, pois, carece de registro escrito.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Neste capítulo, tratamos do contexto da pesquisa, especificamente da presença da língua alemã no Brasil, as variedades alemãs na região que constitui a Bacia do Prata e os processos (i)migratórios.

### 2.1 A PRESENÇA DA LÍNGUA ALEMÃ NO BRASIL

As variedades do alemão chegaram ao Brasil a partir da imigração<sup>20</sup> ocorrida a partir de 1824. Esses imigrantes trouxeram diferentes variedades para o Brasil, pois vinham de diferentes áreas da Alemanha, sendo a região do Hunsrück a mais significativa, já que era a região mais “pobre” daquela época.

Chegaram ao Brasil, principalmente falantes do francônio-renano<sup>21</sup> e francônio-moselano<sup>22</sup>. Segundo Steffen (2013, p. 73) “foram essas variedades que de forma mais notável contribuíram na formação da koiné que surgiu no Novo Mundo”.

Os imigrantes que vieram da Alemanha para o Brasil em 1824 vieram sozinhos ou em pequenos grupos, formando pequenas comunidades rurais, sendo que o trabalho era propriamente agrícola.

Considerando que junto com os alemães também imigraram para o Brasil diferentes variedades linguísticas minoritárias, essas variedades entraram em contato umas com as outras dentro das próprias comunidades. Em algumas até ocorria uma situação de homogeneidade, mas, nas comunidades heterogêneas, segundo Spinassé (2008, p. 119) “houve um processo inevitável, natural e muito forte de mistura de elementos dessas variedades orais, sendo que a variante da maioria normalmente se sobrepunha sobre as demais”. É essa situação que pode ser comparada com a situação atual que acontece no Brasil. O português se sobrepõe, em muitos casos, à variedade alemã.

O Hunsrückisch é uma das variedades de imigração de base alemã vindas para o Brasil. Essa variedade pode ser compreendida como:

<sup>20</sup> No item 3, que trata da metodologia, o mapa 4 demonstra as áreas com as datas da imigração.

<sup>21</sup> São exemplos as realizações de *das* e *was* (STEFFEN, 2013, p. 73).

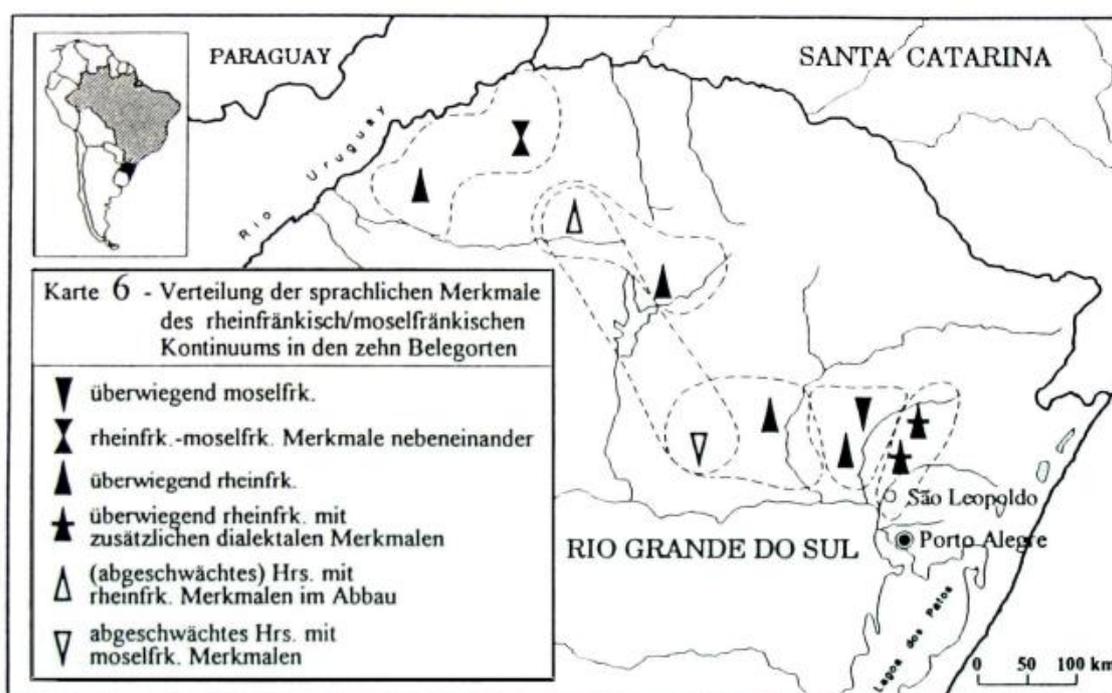
<sup>22</sup> São exemplos as realizações de *dat* e *wat* (STEFFEN, 2013, p. 73).

uma variedade supra-regional do alemão falado no sul do Brasil que tem por base um contínuo dialetal formado essencialmente pelo francônio-renano e pelo francônio-moselano, originários de áreas situadas na Renânia Central, e que recebem, no novo meio, uma forte influência do português e de outras variedades em contato (ALTENHOFEN, 1996, p. 27).<sup>23</sup>

Nesse sentido, o Hunsrückisch pode ser considerado como uma koiné<sup>24</sup> que se estabeleceu a partir do contato de vários imigrantes e migrantes no Brasil, e em sua constituição linguística se caracteriza como um contínuo linguístico baseado no francônio-renano e francônio-moselano que se aproximam do Standard e do Substandard (ALTENHOFEN, 2016).

O mapa abaixo mostra uma tipologia do Hunsrückisch falado no Rio Grande do Sul, em que Altenhofen (1996) identifica a presença maior ou menor de traços francônio-renanos ou moselanos:

Mapa 02 - Tipologia do Hunsrückisch falado no Rio Grande do Sul.



Fonte: Altenhofen (1996).

<sup>23</sup> Tradução: *Hunsrückisch ist der Oberbegriff für eine überregionale Varietät des Deutschen in Rio Grande do Sul / Südbrasilien, die ein Dialektkontinuum darstellt, dessen sprachliche Konstitution auf eine rhein-/moselfränkische Basis zurückgeht und eine Vielfalt sprachkontaktbedingter Elemente anderer deutscher Dialekte sowie insbesondere solche des Portugiesischen einschließt.*

<sup>24</sup> Entende-se por koiné como língua comum, resultando de uma mistura de subsistemas linguísticos, como dialetos regionais (BERRUTO, 2010).

Essa variedade, que apresenta fortes traços do português, de predomínio oral, é conhecida como Hunsrückisch ou riograndenser Hunsrückisch (ALTENHOFEN, 1996), e é uma das línguas de imigração mais faladas no sul do Brasil (STEFFEN, 2013).

Ainda faltam registros<sup>25</sup> de quantas pessoas falem essa variedade, mas as estimativas vão entre 500 mil pessoas só no Rio Grande do Sul (ALTENHOFEN, et al, 2007). O censo de 1940 apresentou que no Rio Grande do Sul 747.859 pessoas não falavam o português em casa, sendo que 393.934 dessas pessoas falavam alemão, considerando que 95% dessas pessoas eram nascidas no Brasil (KOCH, 1979 apud SPINASSÉ, 2008).

As comunidades falantes de Hunsrückisch em contato com o português podem ser consideradas diglósicas, considerando que há na comunidade a presença de uma variedade alta (H – High) que em alguns casos pode ser o português, pois é utilizado na escrita e uma variedade baixa (L – Low) (FERGUSON, 1974 [1959] e FISHMAN, 1967), a variedade alemã, tendo em vista que é utilizada oralmente, pois a escrita ainda carece de produção (ALTENHOFEN et al. 2007, p. 74).

As variedades linguísticas escritas de uma língua são, de acordo com Raso, Mello e Altenhofen (2011, p. 27) mais fáceis de serem documentadas, e permanecerem no eixo temporal, enquanto que as variedades orais “são mais fluidas, mutáveis e, certamente, de muito mais difícil documentação e recuperação no eixo do tempo, o que frequentemente as torna objeto de reconstrução linguística através de artefatos teóricos”.

Além disso, a variedade alemã que é a língua materna de muitos dos descendentes é utilizada preferivelmente no domínio familiar e conseqüentemente é apresentada também como uma variedade baixa (L – Low) no repertório linguístico de cada falante (RASO; MELLO; ALTENHOFEN, 2011, p. 20).

Ocorre, portanto, em várias localidades do Brasil, uma situação de contato linguístico diário dos falantes de Hunsrückisch com o português. A partir desse contato (que poderíamos dizer obrigatório) é que denominamos os imigrantes e descendentes de imigrantes, de bilíngues, apesar de muitos falantes não

---

<sup>25</sup> “No Brasil, a última vez que se incluiu no censo do IBGE uma pergunta sobre a língua foi em 1950, considerando somente duas perguntas: se o recenseado fala corretamente o português? E que língua fala habitualmente no lar” (ALTENHOFEN, 2002, p. 143).

considerarem a si próprios como tal, pois deixam claro que não sabem o alemão “correto”.

## 2.2 AS VARIEDADES DO ALEMÃO NA REGIÃO DO ALMA-H

Com a chegada dos imigrantes alemães para o Rio Grande do Sul, várias foram as variedades que chegaram ao lado do Hunsrückisch, sendo essa variedade a de maior difusão. Outras variedades que chegaram são, segundo Altenhofen (2004c, p. 139) “as variedades de pomeranos (segundo maior grupo), menonitas, alemães-russos (Wolgadeutsche, ou Deuschrussen) e, em menor número, vestfalianos, suábios, boêmios e bávaros”.

### **a) Pomeranos:**

Os pomeranos chegaram ao Brasil a partir da segunda metade do século XIX e se estabeleceram nos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Rondônia, sendo, no entanto, o Espírito Santo uma das maiores colônias pomeranas do mundo (BARRETO, 2015).

A cidade de Pomerode, localizada na mesorregião do Vale do Itajaí, também promove a manutenção da língua pomerana por meio de projetos com o apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Original da região da Pomerânia – uma região histórica e geográfica, situada no norte da Polônia e da Alemanha, os imigrantes chegaram ao Brasil em 1861 e se estabeleceram nas cidades Blumenau, Indaial, Timbó e Pomerode.

### **b) Menonitas:**

Entende-se por menonita um grupo religioso e que originou-se da Reforma Protestante no século XVI e suas convicções religiosas baseiam-se no anabaptismo (MASKE, 2013). Os menonitas chegaram ao sul do Brasil em 1930 e três colônias principais foram fundadas por esse grupo, após a migração para Paraná e Rio Grande do Sul, são elas, as colônias de Curitiba (PR), a Colônia Nova (RS) e a colônia de Witmarsum (PR).

O grupo de menonitas, de modo geral, faz uso de três línguas:

o Hochdeutsch (alemão standard), usado para situações formais como a igreja e a escola; o Plautdietsch, uma variante do baixo-alemão empregada para situações informais do dia a dia; e o português, principalmente para o contato interétnico (DÜCK, 2011, p. 17).

No sul do Brasil, estima-se que existam aproximadamente 11.000 pessoas pertencentes ao grupo menonita (DÜCK, 2011).

**c) Alemães-russos (Wolgadeutsche, ou Deutschrussen):**

No Paraná, os alemães do Volga, denominados de teuto russos, chegaram por volta de 1857 a 1877 e formaram colônias nas proximidades de Curitiba (GREGORY, 2013).

A partir de 1930 os teuto-russos começaram a instalar-se nas regiões oeste de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Argentina, Paraguai e Uruguai. Além disso, eles formavam grupos separados por religião, como mostraram os estudos de Werlang (1992, p. 122):

em torno de 334 famílias, num total aproximado de 1.200 emigrantes, instalaram-se nas terras da Cia Sul Brasil. Destas, 243 famílias evangélicas, das quais 180 se instalaram no atual município de Riqueza (SC), a leste do rio das Antas, e as outras 63 adquiriram terras próximo do rio Iracema (...). Já as famílias católicas, que eram em torno de 91, instalaram-se em linhas Aguihas (São Carlos – SC), próximo do rio Chapecó (SC).

Dessa forma, a imigração de alemães russos para o sul do Brasil se deu através da companhia territorial Sul Brasil (Cia Sul Brasil). Essa empresa, que colonizou a maior parte do extremo oeste catarinense, também foi a responsável pela vinda do maior número de estrangeiros na região (WERLANG, 1992, p. 02).

**d) Vestfalianos:**

No Brasil, a presença do vestfaliano, segundo Horst (2014), pode ser dividida em dois grupos:

- a) O grupo do vestfaliano rio-grandense, de religião evangélica-luterana, que compreende as cidades de Westfália, Teutônia, Colinas e Imigrantes e localidades mais recentes, como, Quinze de Novembro e Panambi.

- b) O grupo do vestaliano catarinense, de religião católica, que compreende a região sudeste de Santa Catarina e envolve as cidades de Rio Fortuna, Águas Mornas, São Bonifácio, São Martinho, Braço do Norte, São Ludgero, Armazém, Santa Rosa de Lima, e Grão Pará. Dessa região, Vandresen (1968) destaca que os imigrantes tenham chegado em 1860.

O grupo de vestfalianos que abrange o Vale do Taquari pode-se dizer que, “formaram uma ilha linguística que abrange as localidades de Westfália, Teutônia, Colinas e Imigrante” (HORST, 2014, p. 31)

Nesse sentido, o vestfaliano pode ser definido como:

uma língua brasileira de imigração alemã originária de uma base dialetal do baixo-alemão provinda da região da Westfália, na Alemanha, conhecida também pelas denominações westfälisches Plattdeutsch, Plattdüütsk ou sapato-de-pau (HORST, 2014, p. 28).

Além disso, a autora ainda destaca que o vestfaliano não teve o mesmo poder de difusão que o hunsriqueano, permanecendo, no entanto, em sua matriz de origem. Horst (2014) menciona que esse grupo, como estava em menor proporção, mesmo que saindo para outras localidades, eram rapidamente absorvidos pela maioria hunsriqueana.

#### **e) Suábios:**

No início de junho de 1951 chegaram ao Brasil, especificamente para a colônia Entre Rios em Guarapuava os primeiros alemães suábios, originários da região Suábia da Alemanha. Também foram denominados de suábios do Danúbio por ocuparem as regiões do rio Danúbio. A vinda para o Paraná foi principalmente para melhorar a condição de vida, já que a maioria dos imigrantes eram camponeses e artesãos. O objetivo da imigração era criar uma colônia de trabalho cooperado e solidário (TEIXEIRA, 2010).

Desse grupo, não foi possível encontrar estudos em relação à aspectos propriamente linguísticos, somente encontramos pesquisas históricas no que se refere à imigração.

#### **f) Boêmios:**

O conceito de boêmio, segundo Habel (2014, p. 14) “remete à matriz de origem de partida dos imigrantes na Boêmia (República Tcheca), que na época da emigração pertencia ao antigo Reino Austro-Húngaro (1867-1918)”.

A imigração de grupos boêmios para o sul do Brasil iniciou na segunda metade do século XIX, sendo que o processo de ocupação iniciou em Picada Hermann, hoje cidade conhecida como Teutônia (RS). Os demais grupos que chegaram instalaram-se em Paverama (RS).

O contexto de imigração dos boêmios, segundo Prediger (2016, p. 342) “revela uma imigração em dois tempos: da Bavária para a Boêmia e de lá para o Brasil”. Nesse sentido, considera-se que os bávaros pertençam à mesma matriz de origem dos boêmios.

### 2.3 PROCESSOS (I)MIGRATÓRIOS: ÁREAS *DEUTSCH*<sup>26</sup> E *DEITSCH*

Consideramos o início da imigração alemã no sul do Brasil a data de 25 de julho de 1824 quando os primeiros imigrantes vindos da Alemanha chegaram ao Rio Grande do Sul para promover a ocupação do território, sendo a cidade de São Leopoldo<sup>27</sup> a primeira experiência de povoamento. Estes imigrantes chegaram, segundo Jungblut (2015, p. 26), “pela promessa que teriam de liberdade religiosa, ajuda financeira e terras”, sendo a maioria deles protestantes.

Seyferth (1993) divide o processo imigratório em duas grandes fases: na primeira, chegaram a São Leopoldo mais ou menos 6.000 imigrantes (entre 1824 a 1830); a segunda fase foi retomada em 1845, “ocupando as terras mais distantes da sede [São Leopoldo], abandonadas por medo de ataques indígenas” (ROCKENBACH; FLORES, 2004, p. 19).

Para Jungblut (2000), por outro lado, houve quatro fases de ocupação dos alemães no Brasil. A primeira fase de ocupação data de 1824 a 1880, a segunda compreende os anos de 1880 a 1922 em que alguns alemães começaram a ocupar a região serrana do Rio Grande do Sul, enquanto outros seguiram para as colônias argentinas do Alto Paraná. A terceira fase, que ocorreu entre 1922 e 1995,

---

<sup>26</sup> Consideramos, com base em Altenhofen (2016) o Hunsrückisch do tipo *Deutsch* como referindo-se à variedade próxima ao standard enquanto que o Hunsrückisch do tipo *Deitsch* refere-se à variedade [+dialetal].

<sup>27</sup> Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

compõem-se de imigrantes que deixaram as colônias velhas e decidiram ocupar o extremo noroeste do Rio Grande do Sul e o oeste de Santa Catarina. Na quarta fase, período que data de 1955 a 1975, os descendentes de imigrantes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina migraram para o oeste do Paraná (JUNGBLUT, 2010).

No que refere-se a rede de pontos do ALMA-H, Altenhofen (2014) destaca que duas correntes imigratórias precisam ser consideradas: a) a partir da colônia fundadora de São Leopoldo (RS01) e seu entorno (pontos RS01 a RS16) e b) a partir de uma área que tem como base o hunsriqueano e que tem como colônia fundadora São Pedro de Alcântara (SC01). Sobre esse ponto, Altenhofen (2014) ressalta que há falantes de *Kaffeeflickersch* (“língua de catador de café”). Além disso, também menciona que na colônia mais antiga que compreende a localidade de Rio Negro (PR01) “tem-se um quadro de perda linguística do hunsriqueano pelos ‘alemães do Trier’, conhecidos também como ‘velhos alemães’” (ALTENHOFEN, 2014, p.89).

De acordo com Seyferth (1993, p. 01), as colônias fundadas nas cidades de Mafra (SC), São Pedro de Alcântara (SC) e Rio Negro (PR) foram transitórias enquanto que a de São Leopoldo (RS) tornou-se bem sucedida.

Os descendentes desses imigrantes formaram as colônias novas nas cidades que compreendem o noroeste do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina e Paraná. Os imigrantes pioneiros, pertencentes às chamadas colônias velhas (*MutterKolonien/AlteKolonien*, pontos RS01 a RS07) não tiveram acesso à escrita e dificilmente eram escolarizados se comparados com os imigrantes tardios, pertencentes às colônias novas (*TochterKolonien/NeueKolonien*), localizadas no noroeste do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina e Paraná, que possivelmente trouxeram uma variedade dialetal mais próxima do Hochdeutsch (MEYER, 2009, p. 19).

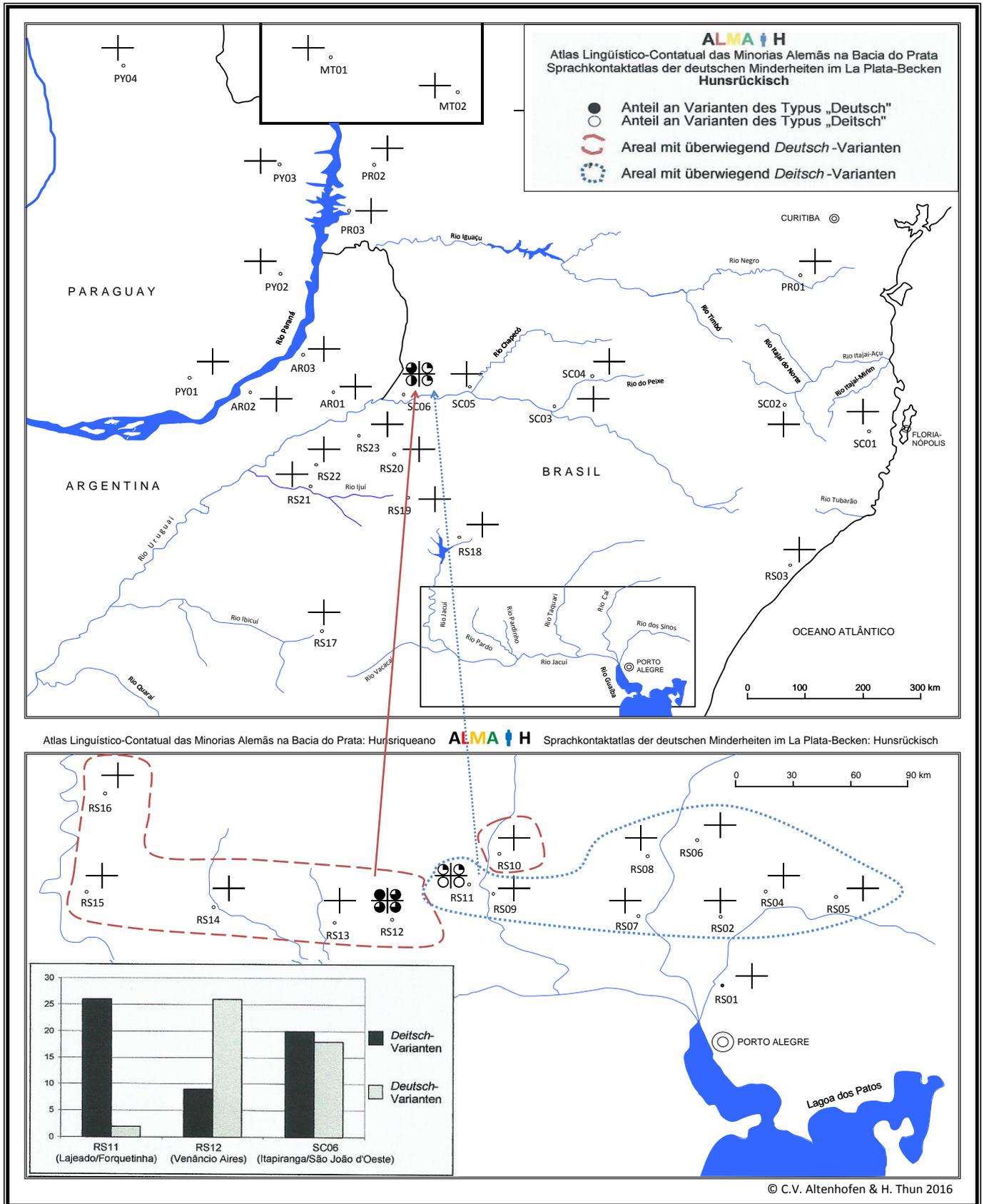
Nesse sentido, estabeleceram-se, nas colônias velhas, duas grandes áreas dialetais: uma área do tipo *Deutsch* que possui características mais próximas ao Hochdeutsch, que corresponde às colônias de imigrantes tardios, de imigração posterior a 1850, e uma área do tipo *Deitsch* que possui características com traços mais distantes do Hochdeutsch e mais próximas ao dialeto, que corresponde aos imigrantes pioneiros, antes de 1850.

De acordo com Meyer (2009, p. 06), quanto mais antiga a colônia, maior a tendência de apresentar uma variedade com traços mais distantes do alemão-padrão, mas mais próximos, portanto, da variedade do tipo *Deitsch*.

Os estudos de Meyer (2009, p. 25) também mostraram que “os pontos do projeto que são situados próximos a São Leopoldo compreendem a área *Deitsch*, enquanto que na região de colonização mais recente há um predomínio do tipo *Deutsch*”.

De acordo com Altenhofen (2016), há, nas áreas que compreendem as primeiras fases da imigração (ponto RS01 ao RS11), um maior grau de dialetalidade, enquanto que nas áreas de imigração posteriores (pontos RS10, RS12, RS16 e SC06) existe um maior grau de normatividade. Isso é possível verificar através do mapa a seguir:

Mapa 03: Áreas *Deutsch* e *Deitsch* na rede de pontos do ALMA-H



Fonte: Altenhofen (2016, p. 121)

O mapa acima demonstra a topodinâmica e a pluridimensionalidade nas áreas de imigração alemã. A área tracejada e o símbolo [●] demonstra o predomínio de *Deutsch*, enquanto que a área pontilhada e o símbolo [○] demonstra o predomínio de *Deitsch*. Os gráficos mostram que o ponto RS11 (Lajeado e Forquetinha) é caracterizado pela dialetalidade da variedade alemã, enquanto que em RS12 (Venâncio Aires) o predomínio da normatividade é bem maior. Quando entram em contato, no ponto SC06 (Itapiranga e São João do Oeste), o que se observa é que, na GI, as marcas do tipo *Deitsch* se sobressaem.

Os alemães e os descendentes, de acordo com Rockenbach e Flores (2004, p. 32) “viviam isolados da comunidade brasileira, cultivando costumes próprios, frequentando suas igrejas, mantendo suas associações e suas escolas comunitárias”. Porém, ao evocar a Primeira Guerra Mundial, estando o Brasil em guerra contra a Alemanha, houve uma campanha de nacionalização e o governo forçou o domínio da língua portuguesa, proibindo o uso da língua alemã por parte dos imigrantes.

Entre 1938-1939, o presidente Getúlio Vargas decretou a Campanha de Nacionalização e o uso da língua estrangeira. O uso de bandeiras e símbolos estrangeiros foi proibido. Vários são os relatos de denúncias e perseguições por falar a língua, como foi o caso de um professor, mencionado por Rockenbach e Flores (2004, p. 37) “que semanalmente precisava se apresentar à Polícia, na sede de Venâncio Aires. Retornava humilhado e com as costas lanhadas. (...) Pesava sobre ele o crime de ser alemão”.

Os autores também destacam que a proibição do ensino e do uso da língua alemã durante a Segunda Guerra Mundial “foi responsável por uma geração sofrida, incapaz de dominar a língua alemã falada na infância e sem saber suficientemente o português para uma escrita correta” (ROCKENBACH; FLORES, 2004, p. 38).

De acordo com Altenhofen (2004b, p. 84):

a substituição da língua de imigrantes pelo português dá-se lentamente, por meio não de leis mas dos mecanismos sociais que ganham impulso com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, o processo acentuado de urbanização e, conseqüentemente, a penetração maior do português através de elementos exógenos.

As conseqüências desse período são marcadas até hoje, principalmente a partir da ideia de que “falar alemão é feio”, ideia essa difundida a partir da Segunda

Guerra Mundial. Os descendentes de imigrantes de hoje ainda são influenciados por essas proibições, considerando que muitos não ensinaram a língua alemã para seus filhos com medo de que sofressem o mesmo preconceito ou estigma que eles.

Os alemães em seu processo (i)migratório trouxeram uma bagagem não só material, mas sim, cultural e linguística. Como apresenta Altenhofen (2004a), “migram os homens, migram as línguas”. Nesse sentido, a proibição do uso da língua não influencia só na cultura, mas sim, na perda de toda uma identidade do descendente. Além disso, quando uma língua cai em desuso ou desaparece, ela “leva consigo um conjunto de conhecimentos sobre o ambiente, sobre a cultura material e de estruturas cognitivas refletidas nas estratégias comunicativas das línguas” (NETTLE; ROMAINE, 2000 *apud* RASO; MELLO; ALTENHOFEN, 2011, p. 21).

Fought (2011, p. 238) coloca o dilema do uso e da identidade da língua materna da seguinte forma: “se você quiser realmente me machucar, fale mal da minha língua. A identidade étnica é irmã gêmea da identidade linguística. Eu sou a minha a língua”. Neste sentido, as comunidades bilíngues geralmente trazem aspectos culturais característicos da colonização de origem, pois se identificam com essa cultura.

De acordo com Fought (2011, p. 239) “a língua não é simplesmente a expressão de uma identidade étnica, mas sim, uma parte crucial de como a identidade étnica é construída por nós mesmos e pelos outros”. Além disso, para Grosjean (1996), um indivíduo que presencia tanto uma cultura A quanto uma cultura B, possui uma identidade bicultural<sup>28</sup>.

A proibição do uso da língua alemã durante a ditadura foi uma das questões que interferiu consideravelmente na construção da identidade do imigrante e do descendente de imigrante, pois, segundo Campos (1998, p. 8), “os imigrantes não conseguiam expressar sentimentos e emoções íntimas em português”, ou seja, eles não se identificavam com essa língua, pois não pertencia a eles. Ainda hoje conseguimos perceber, em comunidades bilíngues, descendentes que preferem utilizar o alemão por não se sentirem confortáveis falando em português, ou até casos em que não conseguem falar o português.

---

<sup>28</sup> Tradução livre nossa. No original “*Bicultural identity*”.

Uma forma de preservar o uso da língua e da cultura alemã são as festas que acontecem em diversas comunidades bilíngues, são exemplos em Santa Catarina a *Deutsche Woche*, Semana alemã que ocorre na última semana do mês de julho na cidade de São João do Oeste, extremo-oeste de Santa Catarina, a *Oktoberfest* que ocorre no mês de outubro em Itapiranga e em Blumenau.

No Rio Grande do Sul, também ocorre a *Oktoberfest*, especificamente nas cidades de Santa Cruz do Sul, Igrejinha, Santa Rosa, Cerro Largo, dentre outras. Na cidade de Estrela acontece anualmente o Festival do Chucrute, comida típica alemã, a base de repolho. Santa Maria do Herval celebra a *Kartoffelfest*, tradicional festa da batata. Já no Paraná, além de *Oktoberfest* também ocorre a *Deutschesfest*, em Missal, no mês de abril.

Na cidade de Oberá - Misiones, Argentina se celebra, durante a primeira quinzena de setembro, a Festa Nacional do Imigrante com o objetivo de reunir os imigrantes que chegaram às terras, principalmente alemães, franceses, suíços, italianos, brasileiros e paraguaios.

No Paraguai também se preserva a cultura alemã. Na cidade de Obligado, por exemplo, ocorre no mês de novembro, a *Choppfest*, Festa do Chopp, bebida típica alemã em comemoração à *Oktoberfest*.

No Mato Grosso, especificamente em Lucas do Rio Verde, cidade a 360 km de Cuiabá, também se preserva a cultura alemã a partir da *Novemberfest*, que já se tornou tradição na cidade.

Essas festas, portanto, são exemplos de preservação da cultura trazida pelos colonizadores. Também pode ser considerado um meio pelo qual se preserva e mantém as tradições e a língua alemã.

### 3. METODOLOGIA DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Nos capítulos a seguir, trataremos da metodologia utilizada para a análise dos dados da pesquisa.

#### 3.1 O PROJETO ALMA-H

Para a nossa pesquisa, utilizaremos os dados já existentes do projeto ALMA-H que contempla as regiões sul e centro-oeste do Brasil (23 cidades do Rio Grande do Sul, 06 de Santa Catarina, 03 do Paraná e 02 do Mato Grosso), 03 cidades da região de Misiones (Argentina) e 04 cidades do Paraguai. Considerando que a coleta dos dados das referidas regiões já foi finalizada, nossa pesquisa consiste na transcrição e na análise qualitativa dos dados, seguindo os preceitos da Dialetoologia pluridimensional e relacional.

O ALMA-H seguiu os mesmos parâmetros de coleta e análise de dados que o Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático del Uruguay (ADDU), bem como o Atlas Linguístico Guaraní-Románico (ALGR) por utilizarem a mesma base teórica e consequentemente a mesma metodologia. Utiliza-se a mesma metodologia, portanto, para que facilite e possibilite a comparação dos dados. Vale destacar que o ALMA-H, ADDU e ALGR “formam a chamada trilogia rio-platense de Harald Thun” (ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 371).

O projeto apresenta a variação no espaço pluridimensional a partir de diferentes dimensões em que há a possibilidade de comparação entre uma localidade com outra (dimensão diatópica), diferentes faixas etárias (dimensão diageracional) bem como gêneros diferentes (dimensão diassexual), religiões distintas (dimensão diarreligiosa), além de diferentes escolaridades (dimensão diastrática). Porém, também podem ser feitas análises na dimensão diafásica, diarreferencial, dentre outras.

Thun (1998, p. 704) também destaca que a dialetoologia pluridimensional e relacional “se entende como parte da ciência geral da variação linguística e das relações entre variantes e variedades de um lado e falantes do outro”. Pode-se dizer que a Dialetoologia tem como princípio o estudo da língua a partir de diferentes dimensões.

Servem de base para a presente análise as seguintes dimensões: a) diatópica (localidade), que compreendem as 41 localidades da rede de pontos utilizada pelo projeto ALMA-H, b) diastrática (classe socioculturalmente alta (Ca) e classe socioculturalmente baixa (Cb)), c) diageracional (geração II (GII) e geração I (GI)), d) diassexual (homens (Ho) e mulheres (Mu)), e e) dimensão diarreligiosa (católicos (Cat) e luteranos (Lut)).

Utiliza-se o termo “classe socioculturalmente alta e classe socioculturalmente baixa” pelo fato de a classe social, para a Dialetologia pluridimensional e relacional, não ser considerada a partir da renda, mas sim, pelo grau de escolaridade. Vale-se, portanto, de um critério prático e facilmente mensurável nas condições de entrevista do atlas. O informante que possuir somente o ensino médio é considerado classe socioculturalmente baixa (Cb) enquanto que aquele que tiver ensino superior, concluído ou cursando-o, é considerado classe socioculturalmente alta (Ca).

Coseriu (1977, apud BERRUTO, 2010) considera que a relação das dimensões entre si (especificamente a dimensão diatópica, diafásica e diastrática) formam a arquitetura da língua. Toda língua e todo espaço linguístico possui, deste modo, sua própria arquitetura, dependendo da extensão da variação geográfica ou espacial, nenhuma língua é homogênea.

Posterior à transcrição dos dados, a partir das transcrições feitas pelo ALMA-H, faremos a análise e o mapeamento das variantes de cada variável. Tomando por base parâmetros como, localização geográfica, religião, idade e gênero dos informantes. O software de cartografia utilizado é um arquivo matriz do Excel. Para tanto, elaboramos mapas analíticos e pluridimensionais do uso variável de *Gurke/Kummer* e *Pfirsich/Pesch*. Esses mapas, além de mostrarem a variação de cada variável, “representam a variação em mais de uma dimensão de análise” (MACHADO, 2016, p. 76). A cartografia dos dados segue o modelo em cruz, já presente nos demais atlas da trilogia rio-platense (ADDU e ALGR) e que separa os dados das quatro entrevistas possíveis em cada ponto de coleta:

Figura 3: Cruz das dimensões de análise

CaGII	CaGI
CbGII	CbGI

A partir da cruz, temos, portanto, a classe alta (Ca) para os informantes com ensino superior, classe baixa (Cb) para os informantes com ensino médio, geração I (GI) para os informantes entre 18 e 36 anos e geração II (GII) para os informantes com mais de 55 anos. Na seção seguinte, cabe apresentar algumas considerações sobre a rede de pontos em que os dados do projeto foram coletados.

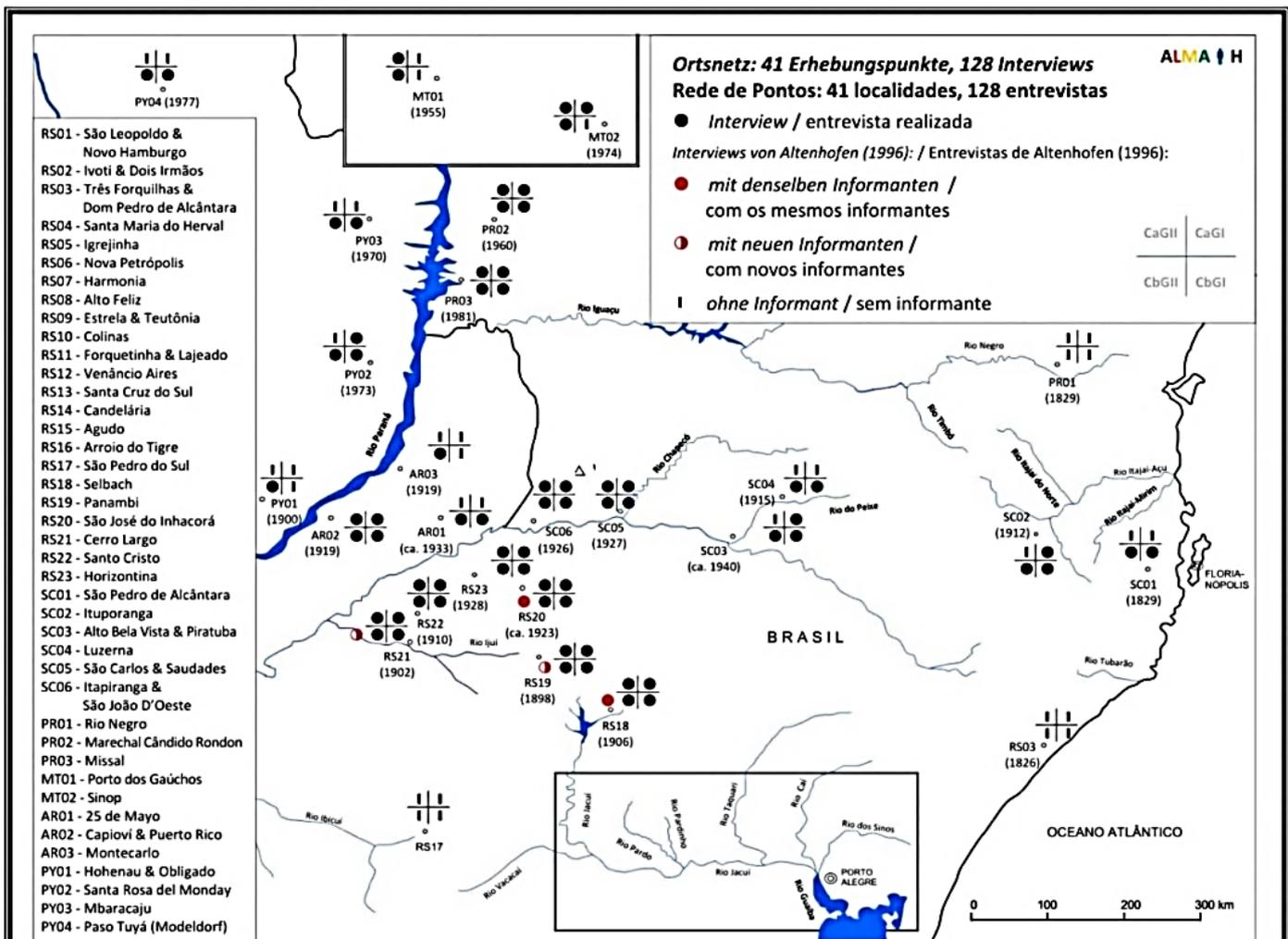
### *3.1.1 Rede de pontos*

As localidades de pesquisa do projeto ALMA-H apresentam uma dinâmica espacial interessante, sendo consideradas as localidades predominantes das colônias pioneiras e as colônias novas, nesse sentido, são 41 localidades que compõem a rede de pontos desse projeto.

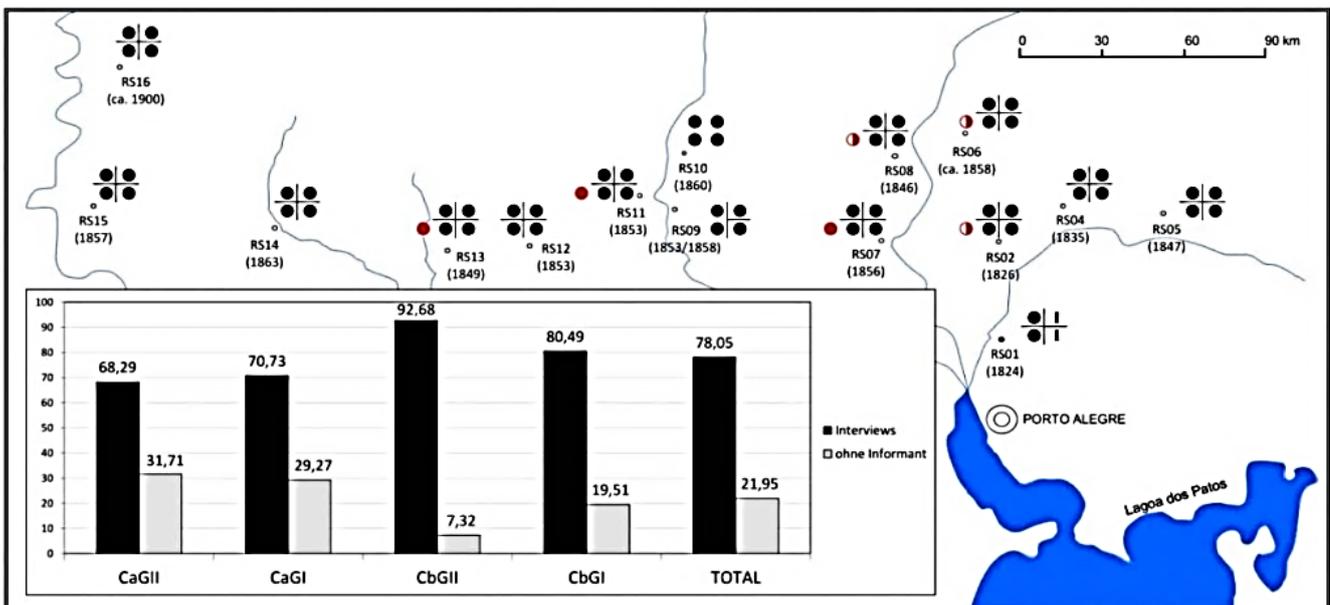
Nesta rede de pontos, segundo dados do próprio projeto, presenciaram-se as migrações de falantes das colônias velhas e novas do Rio Grande do Sul (RS01 a RS23) para áreas do centro e oeste de Santa Catarina (SC01 a SC06), sudoeste e leste do Paraná (PR01, PR02 e PR03), Mato Grosso (MT01 e MT02), Misiones na Argentina (AR01 a AR03) e Paraguai (PY01 a PY04).

O mapa a seguir apresenta a rede de pontos do ALMA-H (versão 2016):

Mapa 04: Rede de pontos que compõe o banco de dados do ALMA-H



Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch



Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: C. Altenhofen

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2016

Optou-se por utilizar os dados de todas as localidades da rede de pontos para que a pesquisa mostre a variação em sua totalidade, dessa forma, otimizando todos os dados disponíveis.

As diferentes localidades da rede de pontos, cada uma com um processo de colonização podem ser divididas em cinco subáreas, como é apresentado na tabela a seguir, com base nos dados do ALMA-H e de Machado (2016).

Tabela 3: Subáreas da rede de pontos do projeto ALMA-H

<b>Territorialidade/área</b>	<b>Época de fundação</b>	<b>Pontos</b>
<b>I</b> Colônias velhas pioneiras	1824-1850	RS01-RS08
<b>II</b> Colônias velhas posteriores	1850-1890	RS09-RS17
<b>III</b> Colônias novas e Misiones/Argentina	1890-1920	RS18-RS23, AR01-AR03
<b>IV</b> Colônias no oeste de Santa Catarina e Paraná	1920-1960	SC01-SC06, PR01-PR03
<b>V</b> Colônias recentes no norte do Brasil e Paraguai	1900-1970	PY01-PY04, MT01-MT02

Fonte: ALMA-H e Machado (2016, adaptado)

### 3.1.2 Os informantes

O perfil dos informantes de cada localidade, conforme já se aludiu, está disposto em forma de cruz. Os critérios de escolha dos informantes do ALMA-H são os seguintes:

Figura 4: Perfil dos informantes

<b>CaGII</b>	<b>CaGI</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>a) um homem e uma mulher <b>acima de 55 anos</b>,</li> <li>b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos),</li> <li>c) com <b>escolaridade superior</b> e ocupação profissional livre/autônoma</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) um jovem e uma jovem <b>de 18 a 36 anos</b>,</li> <li>b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos),</li> <li>c) com <b>escolaridade superior</b> e ocupação profissional livre/autônoma</li> </ul>
<b>CbGII</b>	<b>CbGI</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>a) um homem e uma mulher <b>acima de 55 anos</b>,</li> <li>b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos),</li> <li>c) com <b>escolaridade básica (analfabeto até 2º grau incompleto)</b> e ocupação profissional agricultor ou empregado que <u>não</u> exija o uso da escrita</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) um jovem e uma jovem <b>de 18 a 36 anos</b>,</li> <li>b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos),</li> <li>c) com <b>escolaridade básica (analfabeto até 2º grau completo)</b> e ocupação profissional agricultor ou empregado que <u>não</u> exija o uso da escrita</li> </ul>

Fonte: ALMA-H

Temos, deste modo, na dimensão diastrática, a classe social Ca e Cb, na dimensão diageracional, as gerações, GII (mais de 55 anos) e GI (entre 18 e 36 anos) e, por fim, na dimensão diassexual, um homem e uma mulher para cada célula, aproveitando a pluralidade simultânea de informantes em cada entrevista. Também são critérios, como mostrados no perfil anterior, que o informante tenha vivido pelo menor  $\frac{3}{4}$  da vida na localidade.

Esse perfil de informante também foi buscado em outros atlas, como o ADDU (*Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay*), e o ALGR (*Atlas Guaraní-Románico*). A utilização do mesmo perfil de informantes entre os três atlas é fundamental para garantir a comparabilidade dos dados.

O critério da pluralidade de informantes para entrevista, bem como a técnica em três tempos (perguntar, insistir e sugerir) é central na metodologia do ALMA-H. Opta-se por realizar entrevistas com um homem e uma mulher simultaneamente, pois, segundo Thun (2010, p. 03) “um informante único pode não dar a garantia de que a resposta dada espontaneamente por ele é representativa para toda a sua comunidade”, portanto, no programa pluridimensional pelo menos dois falantes com as mesmas características, que se conheçam e interajam durante a entrevista. Também, a interação de dois informantes resulta em comentários metalingüísticos que também poderão ser utilizados na pesquisa. Esta última faz parte da dimensão diarreferencial (THUN, 2010, p. 03).

### 3.1.3 O questionário

O questionário utilizado na entrevista com os informantes foi aplicado em Hunsrückisch por um dos quatro entrevistadores oficiais do projeto, todos com competência de falante nativo nessa variedade. Ele foi dividido em partes: primeiramente fez-se uma identificação sociológico-lingüística dos informantes que totalizou 37 perguntas e uma pequena descrição da localidade a partir de 4 perguntas, para então chegar na parte lingüística, que totaliza 401 perguntas.

A parte lingüística dividiu-se em léxico (246 perguntas, ordenadas em categorias), fonologia (93 perguntas – técnica de entrevista: apresentação em português, resposta equivalente à tradução para o Hunsrückisch), Gramática I (frases de Wenker, 42 perguntas – técnica de entrevista: tradução do alemão-padrão para o Hunsrückisch), Gramática II (morfossintaxe, 17 perguntas complementares

às frases de Wenker – técnica de entrevista: tradução do português para o Hunsrückisch) e Gramática III (competência linguística no alemão-padrão, 11 perguntas – técnica de entrevista: tradução do português para o alemão-padrão).

Outra parte do questionário foi destinada para a leitura em alemão-padrão da parábola “do filho pródigo”, com a qual se buscou analisar as competências de leitura dos informantes.

Nesta pesquisa, utilizaremos a parte do questionário do ALMA-H que trata do léxico da língua, especificamente a parte C (Clex), capítulo 7 sobre a flora e que engloba as perguntas 108, variável <Gurke/Kummer>, e 121, da variável <Pfersich/Pesch>.

No que se refere ao léxico, a técnica de formulação de perguntas para o questionário segue, conforme já se mencionou, um modelo que envolve três etapas: 1) resposta espontânea - o entrevistador faz a pergunta e aguarda a resposta espontânea do informante; 2) insistência – o entrevistador insiste para obter outras variantes que possam existir na comunidade; e 3) sugestão – o entrevistador sugere novas variantes, nesse caso espera-se que os informantes deem respostas como “já ouvi falar” ou “não conheço/conheço”.

Para esta pesquisa, portanto, analisamos os dados obtidos através da resposta espontânea, aquela que é dada objetivamente após a pergunta do entrevistador e também os comentários metalinguísticos após as sugestões dadas pelo entrevistador.

### 3.2 CARTOGRAFIA E CRUZAMENTO DOS DADOS

A análise dos dados será feita tendo como princípio fundamental a Dialetoлогия pluridimensional e relacional (THUN, 1998; 2010). Após a elaboração dos mapas nas tabelas do programa do Microsoft Excel faremos a análise cartográfica, considerando a dimensão diatópica (localidade), dimensão diastrática (GII e GI), dimensão diastrática (Ca e Cb), dimensão diarreligiosa (Cat e Lut) e dimensão diassexual (Ho e Mu). A partir dessas análises, verificaremos as possíveis isoglossas demarcadas a partir da dimensão diatópica.

Os mapas pluridimensionais, pretendem, de acordo com os estudos de MACHADO (2016, p. 79), “representar a variação em mais de uma dimensão de

análise”, nesse sentido, as variáveis *Gurke/Kummer* e *Pfirsich/Pesch* serão analisadas a partir dos mapas envolvendo cada dimensão.

Buscou-se essa metodologia de análise, pois, segundo Altenhofen (2004c, p. 144), “a aplicação do princípio da pluridimensionalidade multiplica consideravelmente a quantidade de dados e os “cruzamentos” que se pode e deve fazer entre uma e outra dimensão”. Dessa forma, o trabalho é feito com o objetivo de analisar os dados a partir de todas as dimensões e posteriormente relacioná-los, o que confere mais confiabilidade aos resultados.

Com os dados dispostos em forma de cruz em todos os pontos de inquérito do mapa (ver fig. 3) e “a presença sistemática do cruzamento em toda a área implica, cartograficamente, a superposição de quatro mapas em um” (THUN, 2010, p. 10).

#### 4. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados a partir das dimensões diatópica (localidade), diastrática (classe social), diageracional (idade), diassexual (homens e mulheres) e diarreligiosa (católicos e luteranos), previstas como objetivos específicos do trabalho, considerando a cartografia pluridimensional e relacional (THUN, 1998; 2010).

Os mapas com os respectivos dados estão em anexo ao final do capítulo (mapas 09-32).

##### 4.1 A DIMENSÃO DIATÓPICA

A principal diferença da Dialetologia Pluridimensional em relação à Monodimensional é a inclusão de diferentes fatores extralinguísticos, presentes em uma dada localidade, mostrando a situação linguística no espaço. Nesse sentido, o uso das variantes *Gurke/Kummer* e *Pfirsich/Pesch* demonstrou que determinados falantes de Hunsrückisch, com características específicas, em localidades distintas, preferem, ora as variantes [+standard], ora as [+dialetais].

É possível perceber, a partir dos mapas (ver anexo) que as colônias velhas que compreendem as localidades de Ivoti (RS02), Três Forquilhas (RS03), Santa Maria do Herval (RS04), Igrejinha (RS05), Nova Petrópolis (RS06), Harmonia (RS07) e Alto Feliz (RS08), em sua maioria, conhecem *Gurke*, porém, utilizam a forma [+dialetal] como resposta espontânea. Em alguns casos, inclusive, desconhecem a forma [+standard]. No que se refere à variante *Pfirsich*, o desconhecimento dessa variante nessas localidades é ainda maior.

Os mapas também confirmam os estudos de Altenhofen (2016) sobre as áreas *Deitsch* e *Deutsch* (ver mapa 03), em que se apresentam as localidades de RS10, RS12 a RS16 como áreas predominantemente *Deutsch*, enquanto que RS02, RS04 a RS09 e RS11 são predominantemente *Deitsch*. Isso também confirma nossos dados, de forma que as localidades anteriormente demarcadas como *Deutsch* por Altenhofen (2016) são também as que realizam as formas [+standard], como *Gurke* e *Pfirsich*, enquanto que as que foram anteriormente demarcadas como áreas *Deitsch* utilizam as formas [+dialetais], como *Kummer* e *Pesch*.

Os dados relativos às colônias recentes do oeste de Santa Catarina, no que se refere ao ponto SC06 (Itapiranga e São João do Oeste), demarcado por Altenhofen (2016) como uma área de predomínio tanto *Deitsch* quanto *Deutsch*, também mostram a realização das formas tanto [+standard] (*Gurke* e *Pfirsich*) quanto [+dialetais] (*Kummer* e *Pesch*) nessa localidade.

As colônias recentes no norte do Brasil (MT01-MT02) e no Paraguai (PY01-PY04), apesar de serem colonizadas recentemente, mostraram um uso recorrente das formas [+dialetais], *Kummer* e *Pesch*, em todas as áreas, com exceção de PY01 que realiza *Gurke* e *Pfirsich* como resposta espontânea. Cabe mencionar que PY01 recebeu grande número de imigrantes austríacos e suíços posterior à imigração teutobrasileira o que pode ter influenciado o uso pela forma [+standard]. Outra hipótese é que, nesse ponto, o alemão ainda é lecionado nas escolas, o que também pode ter contribuído pela manutenção dessa variante.

O estudo de Koch (1974) revelou uma predominância do uso de *Gurke* e suas variantes em Santa Cruz do Sul, Candelária e Agudo, RS13, RS14 e RS15, respectivamente, o que mostra, a partir dos dados do ALMA-H, que o uso das variantes [+standard] continua recorrente nesses municípios. O autor também mostrou que os informantes dos municípios que compreendem as áreas próximas a Lajeado, como Estrela e Roca Sales, também utilizam *Gurke*, porém, já os dados analisados a partir do ALMA-H revelam que em Lajeado (RS09) e Estrela (RS11) a variante [+standard] é conhecida por três células, sendo elas, a CaGII, CbGII e CaGI, e desconhecida pela CbGI, o que mostra uma tendência de perda da variante.

A forma [+dialetal] *Kummer* e suas variantes são utilizadas, de acordo com Koch (1974) nos municípios de Portão, Ivoti, Caí e Feliz, o que também se confirma a partir dos dados do projeto ALMA-H.

A análise da variação diatópica de <*Gurke/Kummer*> e <*Pfirsich/Pesch*>, corrobora a nossa hipótese de que, nas colônias velhas, próximas a São Leopoldo (RS01) predominam variantes [+dialetais], enquanto que nas colônias recentes próximas a Santa Cruz do Sul (RS13), os informantes realizam as formas [+standard], *Gurke* e *Pfirsich*.

## 4.2 A DIMENSÃO DIASTRÁTICA

Segue-se a análise dos dados a partir da classe social, lembrando que a Dialetologia pluridimensional e relacional prevê a dimensão diastrática não pelo nível socioeconômico do informante, mas sim, pelo nível de escolaridade.

Vejam-se os respectivos mapas de acordo com a dimensão diastrática, nos anexos.

### 4.2.1 *Uso de Gurke/Kummer pela Ca e pela Cb*

Nossa hipótese em relação à dimensão diastrática estabelece, a partir de Chambers e Trudgill (1980, p. 70), que “as variantes usadas pelas classes mais altas possuem mais prestígio e atribuem mais status do que outras variantes”. Nesse sentido, é interessante destacar que, nas entrevistas, era comum ouvirmos os informantes da Cb realizando comentários metalinguísticos de que as variantes [+standard] como *Gurke* e *Pfirsich* eram mais “chiques” e/ou “granfinas”, também que essas formas seriam as “corretas/*Das ist der richtige*”, porém, apesar dessas formas serem consideradas mais “bonitas” pelos próprios falantes, eles realizam as formas [+dialetais] porque são dominantes na localidade.

A partir das variantes *Gurke* e *Kummer*, não constatamos influência da classe social dos informantes não demonstrou influência, uma vez que tanto informantes da Ca quanto da Cb fazem uso da forma [+dialetal] *Kummer*.

Cabe ressaltar que a forma [+standard] *Gurke* foi dada como resposta espontânea por todos os informantes, tanto Ca quanto Cb, nas localidades de RS10, RS14, RS15 e AR02. Da mesma forma, *Kummer* foi dado como resposta espontânea por todos os informantes, tanto da Ca quanto da Cb nos pontos RS04 a RS07, RS09, RS11, RS21 e RS22. Esses resultados confirmam que ter mais ou menos escolaridade não interferem, neste caso, na escolha de uso de variantes [+standard], mesmo conhecendo tal variante.

Em relação às colônias velhas pioneiras (RS01 a RS08), percebemos que a forma [+standard] *Gurke*, é dada como desconhecida por todas as células em RS04, pela CaGI e CbGI em RS02 e RS07, pela CaGI em RS06, pela CbGI em RS08, sendo dada como resposta espontânea somente pela CaGII em RS02. Como se vê, seu desconhecimento na GI que evidencia uma perda em curso.

Sobre as colônias velhas posteriores (RS09-RS17), *Gurke* é dado como resposta espontânea por todos os informantes em RS10, por todos em RS14 e RS15, pela CaGII, CaGI e CbGII em RS12, pela CaGI e CbGI em RS13 e pela CaGI, CbGI e CbGII em RS16.

Nas colônias novas do Rio Grande do Sul (RS18-RS23) a forma [+standard] foi dada como resposta espontânea em RS19 pela CaGI, CbGI e CbGII, em RS20 pela CaGII, e em RS23 pela CaGI e CbGII. Em Santa Catarina, foi dada como resposta espontânea em SC02 pela CaGI e CbGI, em SC03 pela CbGI e CbGII e em SC06 pela CaGII. No Paraná, somente em PR03, pela CaGII e em PR02 pela CbGII. Na Argentina, em AR02 todos os informantes deram *Gurke* como resposta espontânea, em AR03, somente os informantes da CbGII deram essa forma como resposta espontânea. No Paraguai, em PY01 *Gurke* foi dado como resposta espontânea pela CbGII. No Mato Grosso, em MT01, a forma [+standard] foi dada como resposta espontânea somente pela CaGII.

Sobre o uso de *Kummer*, percebemos que nas colônias velhas pioneiras (RS01 a RS08) todos os informantes utilizam essa forma como resposta espontânea, exceto em RS02, pela CaGII, em que a forma é conhecida. Essa forma é desconhecida pelas colônias velhas posteriores, por todos os informantes em RS14 e RS15, bem como pela CaGI em RS13 e CbGI em RS16.

Em relação às colônias novas do Rio Grande do Sul, *Kummer* é dado como resposta espontânea por todos os informantes em RS21 e RS22, e desconhecida pelos informantes da CaGI em RS23. Em Santa Catarina, a forma [+dialetal] é desconhecida pelos informantes da CbGI em SC02. No Paraná, a forma é dada como resposta espontânea pela CaGII, CaGI e CbGI em PR02 e PR03. Na Argentina, *Kummer* é dado com resposta espontânea pela CbGII em AR02 e pela CbGII e CbGI em AR01. No Paraguai, a forma [+dialetal] é dada como resposta espontânea por todos os informantes de todas as células, em PY02, PY03 e PY04. No Mato Grosso, *Kummer* é dado como resposta espontânea em MT01 pela CbGII e em MT02 pela CaGII, CbGII e CaGI.

#### 4.2.2 *Uso de Pfirsich/Pesch pela Ca e pela Cb*

Assim como em 4.2.1, os comentários dos informantes no momento das entrevistas demonstraram que a forma [+standard] tem um prestígio maior, porém,

isso não é determinante na escolha de uso das variantes. A variante *Pfirsich*, a partir dos comentários dos informantes, é vista como “quem fala melhor alemão fala *Firsich*”, ou então, que essa forma pertencente ao Hdt e não ao Hrs.

Dessa forma, como é possível verificar nos mapas 13, 14, 15 e 16, percebe-se que os informantes tanto da Ca quanto da Cb, preferem a forma [+dialetal] *Pesch*. Uma justificativa para o uso das formas [+dialetais] talvez seja a marcação da identidade Hunsrückisch, mostrando que na área predomina a variedade do tipo *Deitsch* e não *Deutsch*.

A variante [+standard] foi dada como resposta espontânea por todos os informantes, tanto da Ca quanto da Cb em RS14 e RS15, em RS10 e RS12 pela CaGII e pela CbGII, em RS16 pela CbGII e CbGI, áreas em que há predomínio de *Deutsch*. Em RS19 e SC02 pela CaGI e pela CbGI e em RS23 pela CaGII, CbGII e CaGI, mostrando que, assim como em *Gurke/Kummer* informantes com mais ou menos escolaridade não diferenciam no uso das variantes [+standard] ou [+dialetais].

A variante [+dialetal] *Kummer* foi utilizada como resposta espontânea por todos os informantes do ponto RS02, RS04 a RS08, RS11, RS21, RS22, SC01, SC05, SC06, PR02, PR03, PY02-PY04, MT01, MT02, bem como AR03, demonstrando, novamente, que a dimensão diastrática não influencia na escolha das formas [+standard] ou [+dialetais].

Em relação às colônias velhas pioneiras, *Pfirsich* é desconhecida com maior frequência, enquanto que nas colônias velhas posteriores, *Pfirsich* é dada como resposta espontânea com maior frequência.

Nas colônias novas, a forma [+standard] é desconhecida em RS21 e RS22 pelos informantes da CaGII, CaGI e CbGI e CbGII, CaGI e CbGI, respectivamente, já em RS19 a forma é dada como resposta espontânea pela CbGII, CaGI e CbGI, assim como em RS23. Em Santa Catarina, *Pfirsich* é dada como resposta espontânea em SC02 pela CaGI e CbGI e em SC03 pela CbGII. No Paraná a forma é desconhecida pela CaGII em PR02 e PR03. Na Argentina, é dada como resposta espontânea pela CaGII em AR01 e no Paraguai é dada como resposta espontânea pela CbGII em PY01. No Mato Grosso a forma não foi dada como resposta espontânea.

Em relação ao uso de *Pesch*, a forma é dada como resposta espontânea por todos os informantes das colônias velhas pioneiras, já nas colônias velhas

posteriores, a forma é desconhecida por todos os informantes em RS15 e pela CaGI, CbGI e CbGII em RS14. Nas colônias novas do Rio Grande do Sul, a forma é desconhecida em RS23 pela CaGI, assim como em Santa Catarina, onde a forma é desconhecida pela CbGI em SC02. No Paraná e no Mato Grosso, a forma é dada como resposta espontânea por todas as células de informantes. Na Argentina, a forma é dada como resposta espontânea por todos os informantes de todas as localidades, exceto pela CaGII em AR02 em que a forma é conhecida. No Paraguai, todos os informantes das células deram *Pesch* como resposta espontânea, exceto em PY01, onde a forma é conhecida pela CbGII.

Da dimensão diastrática, nosso objetivo foi alcançado, porém, os dados não revelaram que a classe alta, pelo maior nível de escolaridade, utiliza as formas [+standard], enquanto que a classe baixa, pelo possível desconhecimento do alemão-padrão, utiliza as formas [+dialetais], sendo assim, nossa hipótese foi refutada, pois tanto os falantes da Ca quanto da Cb utilizam as formas [+dialetais] *Kummer* e *Pesch*.

#### 4.3 DIMENSÃO DIAGERACIONAL

A análise da dimensão diageracional engloba os parâmetros GII (informantes com idade superior a 55 anos) e GI (informantes entre 18 e 36 anos). Iniciemos pela variável <*Gurke/Kummer*>.

##### 4.3.1 *Uso de Gurke/Kummre pela GII e pela GI*

A partir da dimensão diageracional, os dados de *Gurke/Kummer* revelaram que a geração mais velha tem maior conhecimento da forma [+standard] *Gurke* do que os jovens. Porém, em relação à resposta espontânea, verifica-se um predomínio maior de uso da forma [+dialetal] *Kummer*, tanto pelos jovens (GI) quanto pelos mais velhos (GII).

A partir das entrevistas, foi possível perceber que os informantes mais jovens, ao serem perguntados sobre *Gurke*, quando conheciam essa forma, mencionavam que era mais usada pelos mais velhos (*alte Leute*), ou então, que “os avós falavam assim”. Apesar de conhecerem *Gurke*, a maioria dos informantes usa a forma [+dialetal] *Kummer*.

Os dados confirmam o que Altenhofen (2016) já apresentava em seu trabalho, de que os mais velhos teriam um maior conhecimento do alemão-padrão (Hdt) por ter um contato maior com a variedade-padrão, tanto na escola, como em livros, revistas, orações, e em contrapartida os mais jovens, que não tem acesso ao alemão padrão nas escolas (salvo alguns municípios que ainda ensinam para as crianças), além de que o contato com o português é bem maior.

#### 4.3.2 *Uso de Pfirsich/Pesch pela GII e pela GI*

No que se refere ao uso das variantes *Pfirsich/Pesch*, os resultados se assemelham aos dados de *Gurke/Kummer*. Os mapas 13 e 14 (ver em anexo) demonstram que, novamente, há maior conhecimento da variante [+standard] por parte da geração dos mais velhos (GII) em relação aos jovens (GI), como é possível perceber nos gráficos formados a partir dos dados no mapa.

Os mais jovens, em número maior, como demonstram os mapas, desconhecem a forma [+standard], somente em alguns casos em algumas localidades que os jovens utilizam a forma [+standard] como resposta espontânea, como é o caso das áreas *Deutsch* no Rio Grande do Sul e em SC02, que, por ser uma colônia recente, utiliza a forma [+standard].

A variante *Pesch*, em contrapartida, é utilizada como resposta espontânea e conhecida pela maioria dos informantes, até mesmo aqueles que respondem como a forma [+standard], conhecem a forma *Pesch*, como mostram os mapas 13 e 14. Por outro lado, os informantes desconhecem a forma *Pesch* nas localidades de RS14 e RS15, em que há predomínio de *Pfirsich*. O mesmo também acontece na CbGI em SC02 e pela CaGI em RS23.

De modo geral, portanto, a forma [+dialetal] está difundida entre todos os informantes, tanto jovens quanto velhos. Já a forma [+standard], quando usada, predomina entre os mais velhos e em determinadas localidades do tipo *Deutsch*.

A análise da dimensão diageracional confirma, enfim, a hipótese de que os mais jovens preferem as formas [+dialetais] *Kummer* e *Pesch* enquanto que os mais velhos conhecem e realizam as formas [+standard] *Gurke* e *Pfirsich*.

#### 4.4 A DIMENSÃO DIASSEXUAL

Nesta seção a análise das variantes recai sobre as diferenças de gênero dos informantes. Diferencia-se, nesse caso, os homens (Ho) das mulheres (Mu), pois segundo Labov (2008, p. 348) “a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística”.

A análise dos dados a partir da dimensão diassexual pode ser acompanhada através de os todos mapas (07 a 30) em anexo.

##### 4.4.1 *Uso de Gurke/Kummer pelas mulheres e pelos homens*

No que se refere às mulheres, percebemos, a partir das entrevistas que, quando realizadas pelo modelo da pluralidade de informantes (THUN 1998; 2010), não houve divergências entre as respostas dos homens em relação as das mulheres.

Nos gráficos dentro dos mapas (ver mapas 09-12), apresenta-se uma maior preferência de uso da forma [+dialetal] *Kummer* por parte dos homens e das mulheres. Já *Gurke* é, majoritariamente, conhecida pelos informantes homens e pelas informantes mulheres da CaGII, CbGII e CbGI.

A afirmação de Labov (2008, p. 348) de que “as mulheres são mais influenciadas pelas formas padrão do que os homens” consideramos que nesses dados, não há uma diferença significativa na preferência de uso de formas [+standard] pelas mulheres e de formas [+dialetais] pelos homens, pois as formas [+dialetais] estão difundidas tanto entre os homens quanto entre as mulheres.

##### 4.4.2 *Uso de Pfirsich/Pesch pelas mulheres e pelos homens*

Os gráficos dentro dos mapas mostram que os informantes homens, assim como as mulheres da CbGII, em um nível maior, conhecem a respectiva variante [+standard], bem como a CaGII. Tanto na CaGI, quanto na CbGI, os informantes, em um nível maior, desconhecem a forma [+standard], como é possível verificar nos gráficos dos mapas 13, 14, 15 e 16 em anexo.

Em relação ao uso da forma [+dialetal] *Pesch*, assim como em *Kummer*, os dados mostram, a partir dos gráficos dos mapas, que tanto os informantes homens quanto as mulheres utilizam a variante [+dialetal] como resposta espontânea.

Nesse sentido, apesar de Labov (2008) destacar que as mulheres são mais sensíveis aos usos de prestígio e de que elas falem mais que os homens, ao transcrevermos as entrevistas, percebeu-se que, ao contrário do que destacou Labov (2008) os dados revelaram que os homens falam por primeiro a resposta espontânea e as mulheres somente concordam, ocorrendo, muitas vezes, uma igualdade de respostas. Ou seja, raramente houve divergência de respostas, dificultando uma correlação dos dados com esta dimensão.

Percebemos que a dimensão diassexual, em comparação com as demais dimensões, foi a que teve menos influência na escolha de uso entre as variantes, mostrando que tanto homens, quanto mulheres preferem as formas [+dialetais].

O nosso objetivo, em relação aos homens e as mulheres, foi alcançado, porém, nossa hipótese não se confirma em relação ao resultado dos dados, pois, a preferência de uso das formas [+dialetais] *Kummer* e *Pesch* se dá tanto por homens, quanto por mulheres.

#### 4.5 DIMENSÃO DIARRELIGIOSA

Nesta seção, faremos a análise dos dados de *Gurke/Kummer* e *Pfirsich/Pesch* a partir da confissão religiosa dos informantes. Nessa pesquisa, foram coletados dados de informantes de duas religiões, a de católicos e luteranos. Os mapas conforme a confissão religiosa dos informantes estão em anexo (mapas 15-30).

Em relação aos católicos, há predomínio dessa religião no Rio Grande do Sul (RS04, RS07, RS18, RS20, RS21 e RS22), extremo oeste de Santa Catarina (SC05 e SC06), no Paraná (PR03), no Mato Grosso (MT01 e MT02), na Argentina (AR01, AR02 e AR03) e no Paraguai (PY02 e PY04).

Na rede de pontos que compreendem os dados do ALMA-H, também temos localidades em que as duas religiões convivem juntamente, tanto católicos, quanto luteranos. Por exemplo, no Rio Grande do Sul (RS02, RS05, RS06, RS08, RS09, RS10, RS11, RS12, RS13, RS14, RS16 e RS23), em Santa Catarina (SC01 e SC04), no Paraná (PR02) e no Paraguai (PY03).

Em relação aos luteranos, temos no Rio Grande do Sul (RS01, RS15 e RS19), em Santa Catarina (SC02 e SC03) e no Paraguai (PY01). Os dados acima transcritos podem ser visualizados na tabela a seguir:

Tabela 4 – Religiões predominantes na rede de pontos do ALMA-H

<b>Católicos</b>	<b>Católicos e Luteranos</b>	<b>Luteranos</b>
<u>Rio Grande do Sul:</u> RS04, RS07, RS18, RS20, RS21 e RS22 <u>Santa Catarina:</u> SC05 e SC06 <u>Paraná:</u> PR03 <u>Mato Grosso:</u> MT01 e MT02 <u>Argentina:</u> AR01, AR02 e AR03 <u>Paraguai:</u> PY02 e PY04	<u>Rio Grande do Sul:</u> RS02, RS05, RS06, RS08, RS09, RS10, RS11, RS12, RS13, RS14, RS16 e RS23 <u>Santa Catarina:</u> SC01 e SC04 <u>Paraná:</u> PR02 <u>Paraguai:</u> PY03	<u>Rio Grande do Sul:</u> RS01, RS15 e RS19 <u>Santa Catarina:</u> SC02 e SC03 <u>Paraguai:</u> PY01

Fonte: Autoria própria (2017)

#### 4.5.1 *Uso de Gurke/Kummer pelos católicos e pelos luteranos*

A religiosidade dos informantes tem se mostrado um fator importante no uso das formas [+standard] e [+dialetais], assim como já afirmou Altenhofen (2016), de que os imigrantes evangélicos-luteranos teriam uma tendência maior ao uso do alemão padrão em relação aos católicos.

No que se refere ao uso de *Gurke* pelos informantes luteranos, a forma [+standard] é dada como resposta espontânea em um nível maior na CaGI e na CbGI pelos homens, e pelas mulheres também na CbGII, além disso, os informantes mesmo que não dessem essa forma como resposta espontânea, pelos menos a conhecem. No Rio Grande do Sul, por exemplo, a forma é conhecida ou dada como resposta espontânea, assim como em Santa Catarina, em que a variante somente é desconhecido pela CbGI em SC02. No Paraguai, em PY01, foi dada como resposta espontânea pela CbGII.

Em relação aos informantes católicos e o uso da forma [+standard], diferentemente dos luteranos, no Rio Grande do Sul, os informantes conhecem, ou desconhecem a forma [+standard], havendo somente um caso de resposta espontânea, a exemplo, em RS20 pela CaGII. Em Santa Catarina, todos conhecem a variante e um caso de resposta espontânea, em SC06 pela CaGII. No Paraná foi dado como resposta espontânea em PR02 pela CbGII e em PR03 pela CaGII, no Mato Grosso (MT01 e MT02) a variante é conhecida. Na Argentina, a variante foi

dado como resposta espontânea por todas as células em AR02 e em AR01 e AR03 a variante é conhecida. No Paraguai (PY02 e PY03) os informantes conhecem e em PY04 os informantes da CbGI desconhecem *Gurke*.

Nas regiões em que as duas religiões se estabelecem, a forma [+standard] é dada como resposta espontânea por todas as células em RS10, RS14 e RS16. Em RS12 a forma foi dada como resposta espontânea pela CaGII, assim como em RS02.

Em RS05, RS09 e RS11 a forma [+standard] *Gurke* é desconhecida pelos informantes da CaGI e CbGI, respectivamente. Em Santa Catarina SC01 a forma é conhecida pela CbGII e desconhecida pela CbGI. No Paraná PR02 a variante [+standard] foi dada como resposta espontânea pela CaGII e é desconhecida pela CaGI, enquanto que no Paraguai PY03 a forma é conhecida pela CbGII e CbGI.

Sobre os luteranos, a forma [+dialetal] *Kummer* foi dada como resposta espontânea pelas mulheres luteranas em RS01, em RS15 a variante é totalmente desconhecido, em RS19 os informantes conhecem e houve um caso de resposta espontânea pela CaGII. Em Santa Catarina (SC02), a forma é conhecida pela CaGI, dado como resposta espontânea pela CbGII e desconhecido pela CbGI, em SC03 foi dado como resposta espontânea pela CaGI e é conhecido pelos informantes da CbGII e CbGI. No Paraguai (PY01) a forma é conhecida pela CbGII.

Em relação ao uso de *Kummer* pelos informantes católicos, no Rio Grande do Sul, foi dada como resposta espontânea por todos os informantes, exceto em RS20 que a forma é somente conhecida, assim como em Santa Catarina, que todos os informantes católicos deram *Kummer* como resposta espontânea, e em SC06, também, a forma é conhecida pela CaGII. No Paraná e no Mato Grosso, *Kummer* também foi dado como resposta espontânea e é uma forma conhecida pelos informantes. Na Argentina e no Paraguai, a variante foi dada como resposta espontânea e é conhecida.

Nos pontos confessionalmente mistos, observamos uma mistura por parte dos informantes que utilizam a forma [+dialetal] como resposta espontânea, uns que conhecem e outros que desconhecem a variante. No Rio Grande do Sul, por exemplo, a forma é totalmente desconhecida pelos informantes em RS14, em RS02, RS05, RS06, RS08 e RS09 a forma é dada como resposta espontânea e é conhecida pelos informantes. Em RS16 a variante é desconhecida pela CbGI, assim como em RS23 que a variante *Kummer* é desconhecida pela CaGI. Já em Santa Catarina

(SC01 e SC04) a forma [+dialetal] foi dada como resposta espontânea. No Paraná (PR03) e no Paraguai (PY03) a variante além de ser dada como resposta espontânea, também é conhecida pelos informantes.

#### 4.5.2 *Uso de Pfirsich/Pesch pelos católicos e pelos luteranos*

A forma [+standard] *Pfirsich*, é utilizada pelos informantes luteranos homens como resposta espontânea pela CaGII, CaGI e CbGII em um nível maior, como é possível perceber nos gráficos formados a partir dos dados dentro do mapa. Na CbGI a resposta espontânea e o conhecimento da forma standard estão no mesmo nível. Os gráficos mostram que as mulheres luteranas também utilizam com maior frequência a forma [+standard] como resposta espontânea na CaGI, na CbGII e na CbGI.

Em relação aos homens católicos, a forma [+standard], como pode ser observada através dos gráficos, em nenhuma célula há um nível maior de resposta espontânea. Na CaGII e na CbGII o que predomina são os informantes que conhecem, na CaGI e na CbGI os que não conhecem, sendo que a mesma situação acontece com as mulheres católicas. Interessante ressaltar que o mesmo ocorre no uso de *Gurke* pelos informantes católicos, tanto homens quanto mulheres.

A forma [+dialetal] *Pesch* predomina entre os informantes católicos, tanto homens quanto mulheres (ver mapa 29 e 31). Há vários casos em que a forma [+dialetal] é dada como resposta espontânea pelos luteranos, mas há também um número de informantes que somente conhece essa forma, o que acontece bem menos entre os católicos. No caso das mulheres luteranas, especificamente na CaGI, o número de informantes que conhece e desconhece essa forma está equivalente, além disso, o número de informantes luteranos que conhece essa forma é maior que a das mulheres católicas, como é possível observar no gráfico do mapa 32.

Observamos que em relação aos informantes luteranos do Rio Grande do Sul (RS01, RS15 e RS19), a forma [+standard] é dada como resposta espontânea e é conhecida pelos informantes. Em Santa Catarina (SC02 e SC03), a forma [+standard] é dada como resposta espontânea e conhecida pelos informantes, somente em uma célula, em SC03 na CaGI em que a forma é desconhecida. No Paraguai (PY01), a forma é dada como resposta espontânea.

Nas regiões em que predominam as duas religiões, no Rio Grande do Sul (RS02, RS05, RS06, RS08, RS09, RS10, RS11, RS12, RS13, RS14, RS16 e RS23), a forma padrão *Pfirsich* é tanto dada como resposta espontânea, como forma conhecida e como forma desconhecida. Em Santa Catarina (SC01 e SC04) alguns informantes conhecem e outros desconhecem, no Paraná (PR02), forma conhecida e, desconhecida e no Paraguai (PY03), a forma é conhecida.

Nas localidades em que predomina a religião católica, em relação ao uso de *Pfirsich* entre os informantes do Rio Grande do Sul (RS04, RS07, RS18, RS20, RS21 e RS22) a variante [+standard] foi dada como resposta espontânea somente pela CbGI em RS20. Em Santa Catarina (SC05 e SC06), a variante é desconhecida pela CaGI e CaGI e CbGI respectivamente. No Paraná (PR03) a variante é desconhecida pela CaGII assim como no Mato Grosso (MT01 e MT02). Na Argentina (AR02), a variante [+standard] é desconhecida pela CaGI, e dada como resposta espontânea pela mesma localidade na CaGII. No Paraguai (PY02 e PY04), a forma [+standard] é desconhecida pela CaGI e CbGI respectivamente.

A forma [+dialetal] *Pesch*, em áreas com predomínio de luteranos, os informantes do Rio Grande do Sul (RS01, RS15 e RS19), deram-na como resposta espontânea em RS01, porém, a forma é totalmente desconhecida em RS15, conhecida pelos informantes em RS19 e um caso de resposta espontânea pela CaGII na mesma localidade.

Em Santa Catarina (SC02 e SC03), a forma foi dada como resposta espontânea em SC02 pela CbGII, em SC03 pela CaGI e CbGI, como conhecida em SC02 pela CaGI, em SC03 pela CbGII e desconhecida em SC02 pela CbGI. No Paraguai (PY01) a forma é conhecida pela CbGII.

Nas localidades confessionalmente mistas, onde se estabeleceram católicos e luteranos, a forma [+dialetal] *Pesch* foi dada como resposta espontânea pelos informantes em RS02, RS05 RS06 e RS08, como forma conhecida e alguns casos resposta espontânea em RS09, RS10, RS11, RS12 e RS13, em RS14 desconhece e somente uma célula (CaGII) conhece, em RS16 e RS23 a forma é conhecida e foi dada como resposta espontânea em RS16 pela CaGI.

Em Santa Catarina (SC01 e SC04) a forma [+dialetal] foi dada como resposta espontânea, no Paraná (PR02) e no Paraguai (PY03) também foi dada como resposta espontânea, havendo uma célula, CbGII, em PR02 que os informantes conhecem.

Nas regiões em que predominam os católicos, percebemos que todos os informantes de todas as regiões utilizam a forma *Pesch* como resposta espontânea, somente uma célula, CbGI, em RS20, que a forma é conhecida.

Nosso objetivo, em relação à religião dos informantes, foi alcançado e nossa hipótese se confirma, pois os dados revelam que os luteranos realizam as formas [+standard] *Gurke* e *Pfirsich* e os católicos preferem as formas [+dialetais] *Kummer* e *Pesch*.

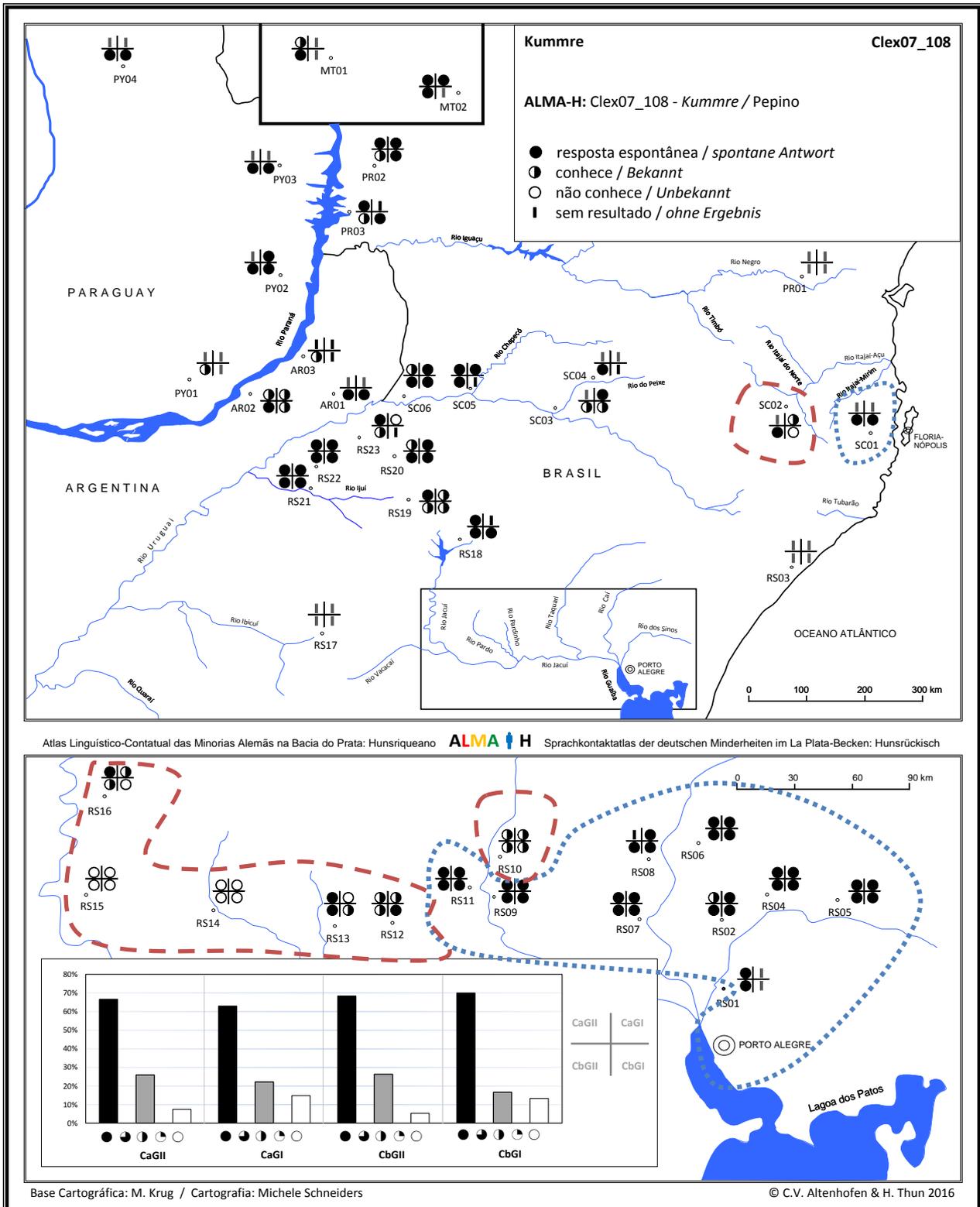
#### 4.6 CRUZAMENTO DOS DADOS: ANÁLISE RELACIONAL

Um dos aspectos previstos pela Dialectologia pluridimensional e relacional (THUN, 1998; 2010), como já anunciado em sua denominação, é a relação entre as dimensões e, conseqüentemente, entre os dados. Especificamente nesse estudo, analisamos as dimensões diatópica, diastrática, diageracional, diassexual e diarreligiosa. A análise dos dados de *Gurke/Kummer* e *Pfirsich/Pesch* a partir da dimensão diatópica revelou que os informantes pertencentes às áreas demarcadas anteriormente por Altenhofen (2016) como *Deutsch* (RS14 e RS15) e *Deitsch* (RS02, RS04, RS05, RS06, RS07 e RS08) realizam *Gurke* e *Pfirsich* e *Kummer* e *Pesch*, respectivamente.

Altenhofen (2016) assinala que a área *Deitsch* predomina em RS11, mas em RS12, apesar de localidades próximas, há predomínio de *Deutsch*, enquanto que em SC06 há predomínio tanto de *Deutsch* quanto *Deitsch*. Os dados, nesses casos, revelam que em RS11 todos os informantes realizam *Kummer* e *Pesch* como resposta espontânea, enquanto que em RS12, especificamente na CaGII e na CbGII as formas [+standard] são dadas como resposta espontânea, mas no que se refere ao uso de *Pfirsich/Pesch*, na CaGI e CbGI as formas [+dialetais] são dadas como resposta espontânea.

Os processos imigratórios também demonstram que as colônias velhas pioneiras (RS01-RS08) que datam entre 1824-1850 realizam as formas [+dialetais] *Kummer* e *Pesch*, as colônias velhas posteriores (RS09-RS17) que datam de 1850-1890 demonstram uma mistura das duas formas, enquanto que em RS09 e RS11 as formas [+dialetais] são utilizadas, nas demais, principalmente em RS14 e RS15 as formas [+standard] são predominantes, como é possível verificar através do mapa a seguir:

Mapa 05: Uso de *Kummer* nas colônias velhas



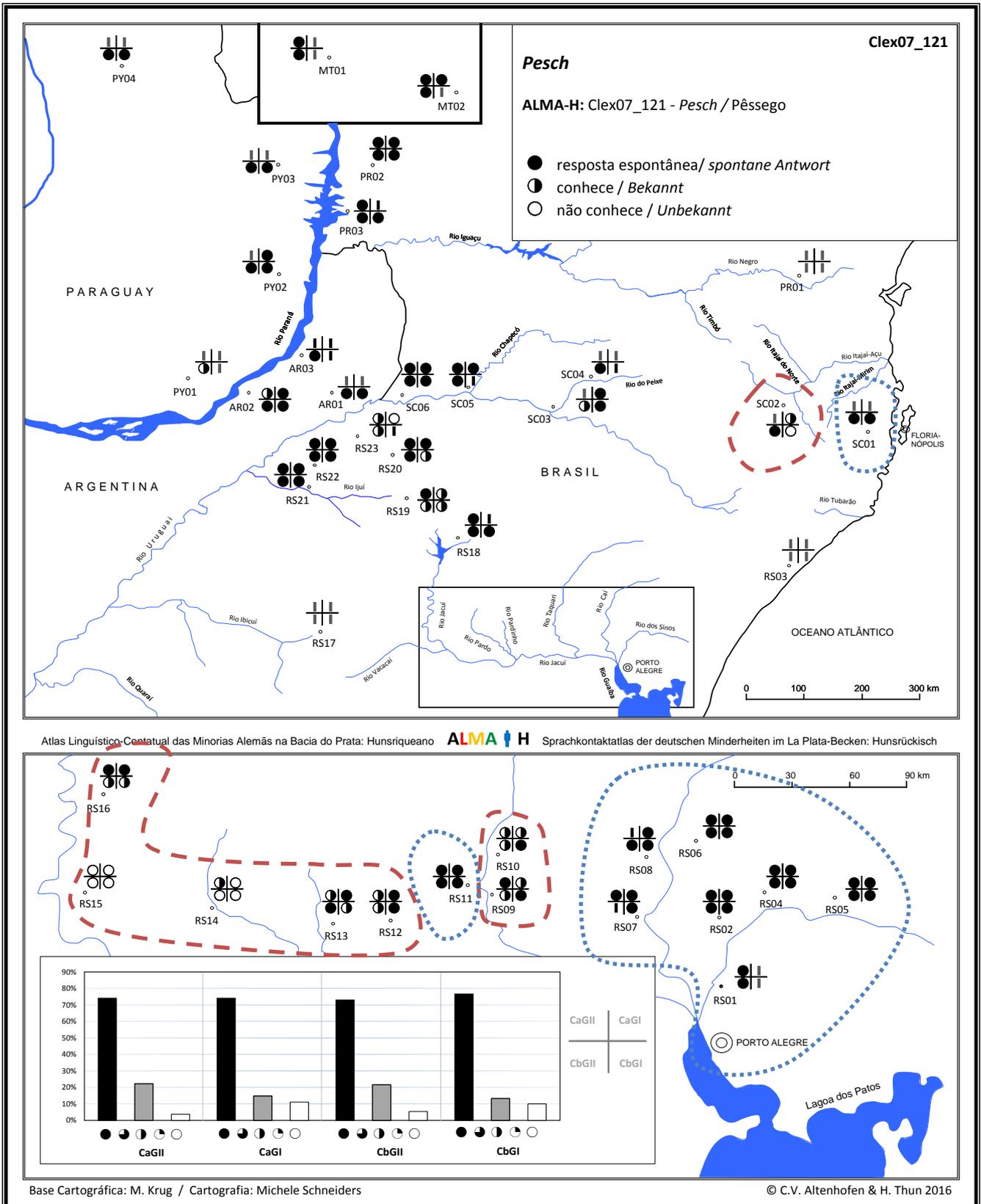
Fonte: Autoria própria (2017)

O mapa 05 evidencia a sobressaliência da dimensão diatópica na variação de <*Gurke/Kummer*>. Observam-se duas áreas nítidas nas colônias velhas, *Kummer* predomina nos pontos de ocupação mais antigos correspondentes à área de predomínio do tipo *Deutsch*; *Gurke* aparece nos pontos de ocupação posterior a 1850, na área do tipo *Deutsch*.

Em Santa Catarina, também se apresenta a preferência das formas [+dialetais] em SC01, enquanto que em SC02 observa-se a mistura das duas formas, tanto [+standard] quanto [+dialetal].

A área de ocorrência da forma [+dialetal] *Kummer* percorre RS21 e RS22, seguindo em SC05 e SC06, perpassando PR03 e PR04, bem como AR02 e AR03, e PY02, PY03 e PY04, até chegar em MT02. Em seguida, apresentamos o mapa de uso de *Pesch* nas colônias velhas.

Mapa 06: Uso de *Pesch* nas colônias velhas



Fonte: Autoria própria (2017)

Cabe ressaltar que, a partir deste mapa, percebemos que a localidade de RS09, que antes pertencia ao contínuo linguístico da forma [+dialetal] *Kummer*, se assemelha a localidade de RS10, e também, quem permanece como uma ilha linguística é a localidade de RS11. As localidades próximas a RS13 permanecem no contínuo linguístico da forma [+standard] *Gurke*.

Nas colônias novas do Rio Grande do Sul e de Misiones na Argentina (RS18-RS23 e AR01-AR03) também há uma mistura das duas formas, enquanto que em RS18, RS20, RS21 e RS22 há predominância das formas [+dialetais], nas demais (RS19 e RS23) as formas [+standard] são escolhidas. Em AR02 e AR03 a forma *Gurke* é realizada, enquanto que em AR01 a forma [+dialetal] é predominante, porém, no uso de *Pfirsich/Pesch*, essas localidades utilizam a forma [+dialetal] *Pesch*.

As colônias do oeste de Santa Catarina e Paraná também realizam as formas [+dialetais], com exceção de SC02 que utiliza as formas standard. O mesmo também ocorre nas colônias recentes do norte do Brasil e no Paraguai, em que as formas [+dialetais] são utilizadas, com exceção de PY01 em que os informantes realizam as formas [+standard].

Em relação à dimensão diastrática, observou-se que a escolaridade não determina o uso das variantes mais ou menos [+standard], pois, como é possível perceber nos gráficos dos mapas de *Gurke*, os informantes da Ca, em um nível bem maior, somente conhecem a variante, e em um nível menor é dado como resposta espontânea. Já a variante *Kummer* está, em todos os níveis, dada como resposta espontânea por informantes tanto de classe alta, quanto de classe baixa, considerando que o mesmo ocorre com a variante *Pesch*.

Quanto à geração, evidenciou-se uma tendência de uso das variantes [+dialetais] *Kummer* e *Pesch* em oposição às formas *Gurke* e *Pfirsich* pelos informantes mais jovens, tanto os de classe alta, quanto os de classe baixa. Os informantes mais velhos demonstram ter maior conhecimento das formas [+standard], apesar de em alguns casos não a utilizarem, enquanto que os mais jovens desconhecem. Os mais jovens, ao serem perguntados sobre as formas [+standard], mencionavam que essas formas eram ditas pelos mais velhos, ou de que os avós falavam assim, no entanto, apesar de conhecerem a variante [+standard], não a utilizam.

No que se refere aos homens e às mulheres, não houve diferença no uso das variantes [+standard] ou [+dialetais], pois, percebemos que tanto homens quanto mulheres utilizam as variantes mais [+dialetais]. O que se confirma nesse trabalho é que não há questão de prestígio, mas sim, muito mais de identidade e de reconhecimento da sua variedade como uma forma de marcação da cultura. Tanto as formas [+dialetais] quanto as [+standard] são prestigiadas pelos informantes, salvo alguns casos em que os informantes dizem que as formas [+standard] são mais corretas.

Se analisarmos os gráficos gerados a partir dos dados nos mapas, observamos que eles apontam para a maior realização dos usos [+dialetais] *Kummer* e *Pesch* em relação às formas standard *Gurke* e *Pfirsich*, tanto por parte dos homens quanto por parte das mulheres, embora mais frequente na geração mais velha (GII) do que na mais jovem (GI), tanto de classe alta quanto classe baixa. Novamente, se sobressai a dimensão diatópica. Há uma correlação clara das áreas *Deutsch* com as formas [+standard], e das áreas *Deitsch* com as formas [+dialetais].

Na dimensão diarreligiosa, observa-se, além disso, que os luteranos têm conhecimento das formas [+standard] e preferem essas variantes. Já nas localidades onde predominam a religião católica, há uma maior ocorrência de *Kummer* e *Pesch*.

O uso das formas [+standard] pelos luteranos justifica-se, segundo Willems (1980 [1946]), por ser um dos valores dessa religião, a língua alemã, sendo utilizada por Martinho Lutero, e a partir dela tornou acessível à sagrada escritura. Além disso, os luteranos consideram que a língua alemã possui um significado religioso. Willems (1980 [1946]) também destaca que a substituição do alemão pelo português é mais forte entre católicos do que luteranos, pois para os luteranos a língua alemã é vista como símbolo religioso.

Observamos que a religiosidade é fator determinante na escolha das variantes, mostrando que localidades onde a religião luterana é predominante, as formas [+standard] são utilizadas, enquanto que onde há somente católicos, as formas [+dialetais] são escolhidas.

Quanto ao uso da forma [+standard] *Gurke* e *Pfirsich*, como é possível verificar nos mapas 09, 10, 13 e 14, quem conhece essas formas são os informantes mais velhos e da classe baixa, tanto homens, quanto mulheres, pertencentes às colônias velhas, próximas a Santa Cruz do Sul (RS13), mostrando que os mais

velhos possuem mais conhecimento das formas [+standard] do que os mais jovens, o que confirma a nossa hipótese inicial e os estudos de Altenhofen (2016).

Quanto ao uso das formas [+dialetais] *Kummer* e *Pesch*, é possível observar nos mapas 09, 10, 13 e 14, que quem prefere essas formas são os homens e as mulheres mais jovens, de classe baixa, pertencentes às colônias velhas, próximas a Novo Hamburgo (RS01), revelando que os mais jovens tem pouco conhecimento das formas [+standard], preferindo as formas [+dialetais], o que também confirma o estudos de Altenhofen (2016).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo inicial deste estudo foi mapear a variação de *Gurke/Kummer* e *Pfirsich/Pesch* por informantes falantes da variedade alemã (Hunsrückisch) levantados pelo projeto ALMA-H e posteriormente verificar o que as variantes sinalizam sobre o uso da língua. A hipótese central que o uso das variantes [+standard] e [+dialetais] para <*Pfirsich/Pesch*> e <*Gurke/Kummer*> coincidia com as áreas identificadas por Altenhofen (2016) como sendo respectivamente de tipo *Deutsch* e *Deitsch* se confirmou.

A partir da análise, percebemos que a localidade (dimensão diatópica) revela um fator determinante no uso dessas variantes, confirmando a hipótese de que as localidades próximas a São Leopoldo teriam mais ocorrências de uso das variantes [+dialetais], enquanto que nas colônias novas as duas formas concorreriam juntamente. Em outras palavras, as colônias próximas a RS01 realizam as formas [+dialetais] *Kummer* e *Pesch*, enquanto que as áreas próximas a RS13 utilizam as formas [+standard] *Gurke* e *Pfirsich*.

Em relação à dimensão diastrática, nossa hipótese afirmava que os informantes de classe alta (Ca) realizariam a variedade [+standard] considerando o maior nível de escolaridade e possível acesso à variedade padrão se comparados com os da classe baixa (Cb) que teriam menos acesso à escrita em Hochdeutsch e realizariam, portanto, as variantes [+dialetais]. Porém, os dados demonstraram que as formas [+dialetais] são utilizadas até mesmo por falantes da classe alta. O que deve ser considerado é que a escolaridade não necessariamente revela um conhecimento do alemão-padrão. Mais significativo o papel do grupo etário, uma vez que falantes da geração mais velha tiveram maior acesso ao ensino e aprendizagem da norma escrita do alemão.

Na dimensão diageracional, nossa hipótese era, que os mais jovens (GI) realizariam as formas [+dialetais] e os mais velhos (GII) as variantes [+standard], pois, os mais velhos possivelmente tiveram um contato maior com a escrita em Hdt ou até ensino de alemão-padrão por e para esses indivíduos. A análise dos dados confirmam a hipótese de que os mais velhos possuem maior conhecimento das formas [+standard] enquanto que os mais jovens não. Os mais jovens, quando conheciam as formas, mencionavam que essas variantes eram ditas pelos mais velhos, reforçando nossa hipótese.

Nosso objetivo em relação à idade dos informantes, além disso, era verificar se há mudança em progresso da GII para a GI no uso das variantes em questão. Nesse sentido, a mudança em tempo aparente sugere a análise dos dados por falantes de diferentes idades e, segundo Chambers e Trudgill (1980), quaisquer diferenças entre as idades são o resultado da mudança linguística. Considerando que os mais jovens tendem a ser mais inovadores no uso da língua, as formas [+dialetais] *Kummer* e *Pesch* sinalizam, de certo modo, uma mudança em progresso.

A dimensão diassexual não apontou diferenças significativas no uso das variantes, embora fosse comum ouvirmos as mulheres nas entrevistas dizendo que as formas [+standard] eram mais “chiques”. Apesar disso, priorizam as formas [+dialetais], mesmo que as formas [+standard] fossem consideradas “mais bonitas”, “mais chiques”.

Em relação à dimensão diarreligiosa, acrescenta-se ainda fator muito importante no uso das variantes. Observamos que os luteranos utilizam e conhecem as formas [+standard] enquanto que os católicos prorizaram as formas [+dialetais]. Nossa hipótese, nesse sentido se confirmou. Aparentemente, os luteranos mostram um maior contato com a variedade Hdt a partir da igreja (WEHRMANN, 2016, p. 112), além de atribuírem ao alemão-padrão um símbolo de fé e religiosidade (WILLEMS, 1980 [1946]).

Com a presente pesquisa, tivemos o objetivo de analisar os fatores extralinguísticos que determinam o uso das variantes *Gurke/Kummer* e *Pfirsich/Pesch*, e também que demonstram a difusão do Hunsrückisch nos 41 pontos de pesquisa, apontando que, curiosamente, nas localidades de colonização mais recente, se observa um processo de dialetalidade maior do que de normatividade. Os mais jovens cada vez mais desconhecem as formas [+standard], preferindo as formas [+dialetais]. Ou seja, há uma possível mudança em progresso da geração II para a geração I, o que já vinha se confirmando em estudos anteriores.

Espera-se, por fim, que este estudo a nível de Mestrado, possa contribuir para aprofundar e ampliar pesquisas futuras que envolvam a variedade alemã e que auxiliem na promoção do Hunsrückisch nas localidades de pesquisa, despertando o interesse para a(s) língua(s) de imigração.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTENHOFEN, Cléo V. **Standard und Substandard bei den Hunsrückern in Brasilien: Variation und Dachsprachenwechsel des Deutschen im Kontakt mit dem Portugiesischen.** In: LENZ, Alexandra N. (Hg). German Abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt - und Mehrsprachigkeitsforschung. Göttingen: V & R unipress; Vienna University Press, 2016, p. 103-130.

\_\_\_\_\_. O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: FERNÁNDEZ, Ana Lourdes da Rosa N. Brochi; MOZZILLO, Isabella; SCHNEIDER, Maria Nilse & URUGUAY, C. Gonzales (Orgs.). **Línguas em contato: onde estão as fronteiras?** Pelotas: Editora UFPel, 2014.

\_\_\_\_\_. **Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual.** In: Revista de Letras Norteamericanas, Estudos Linguísticos: Sinop, v. 6, n. 12, p. 31-52, 2013.

\_\_\_\_\_. Os contatos linguísticos e seu papel na arealização do português falado no Sul do Brasil. In: ELIZAINCÍN, Adolfo & ESPIGA, Jorge (orgs). **Españoly português: fronteiras e contatos.** Pelotas: UCPEL, 2008. p. 129-164.

\_\_\_\_\_. **Migram os homens. E as línguas.** In: Zero Hora: Caderno de Cultura, Porto Alegre, p. 4-5, 24.07. 2004a.

\_\_\_\_\_. **Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil.** In: Revista Internacional de Linguística Iberoamericana (RILI), Frankfurt a.M, n. 1(3), p. 83-93, 2004b.

\_\_\_\_\_. **A constituição do corpus para um “atlas linguístico-contatual das minorias alemãs na bacia do prata”.** In: Martius-Staden-Jahrbuch, São Paulo, n. 51, p. 135-165, 2004c.

\_\_\_\_\_. **O conceito de língua materna e suas implicações para o estudo do bilinguismo (alemão-português).** In: Martius-Staden Jahrbuch: São Paulo. n. 49, p. 141-161, 2002.

\_\_\_\_\_. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen.** Tese de Doutorado. Mainz. 1996

ALTENHOFEN, Cléo V.; THUN, Harald. **As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do sul do Brasil e Bacia do Prata.** In: [AGUILERA, Vanderci & ROMANO, Valter (eds.). A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas.] Londrina: Ed. UEL, 2016.

ALTENHOFEN, Cléo V.; FREY, Jaqueline; KÄFER, Maria L.; KLASSMAN, Mário; NEUMANN, Gerson R.; SPINASSÉ, Karen P. **Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil**. In: Revista Contingentia., vol.2, p. 73-87, 2007.

APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Language contact and bilingualism**. Amsterdam: Amsterdam Academic Archive, 2005.

BARRETO, Gustavo. **Os pomeranos: um povo sem Estado finca suas raízes no Brasil**. In: Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL), 2015. Disponível em: <http://e-ipol.org/os-pomeranos-um-povo-sem-estado-finca-suas-raizes-no-brasil/>. Acesso em: 03 jun 2017.

BERRUTO, Gaetano. Identifying dimensions of linguistic variation in a language space. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Jürgen Erich. **Language and space: theories and methods**. Berlin/New York: de Gruyter, 2010.

BELLMANN, Günter. **Probleme des Substandards im Deutschen**. In: MATTHEIER, Klaus J. Aspekte der Dialekttheorie. Tübingen: Niemeyer, 1983.

CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas: Campinas, 1998.

CARDOSO, Suzana A. M. **A Geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?**. In: Revista do GELNE. v.4, n. 2, 2002.

CHAMBERS, J. K. TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. 1 ed. Cambridge University Press, 1980.

COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

DÜCK, Elvine S. **Vitalidade linguística do Plautdietsch em contato com variedades standard faladas em comunidades menonitas no Brasil**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras: Porto Alegre, 2011.

FERGUSON, Charles A. Diglossia. In: FONSECA, Maria Stella Vieira da; NEVES, Moema Facure (orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974[1959], p. 99-118.

FISHMAN, Joshua. A. **Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism**. Journal of Social Issues, 1967.

GEWEHR-BORELLA, Sabrina. **“Tu dampém fala assim?”: macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues hunsriqueano-português**. 2014. 153f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em:  
<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/108953>.

GREGORY, Valdir. **Imigração alemã no Brasil**. In: Cadernos Adenauer XIV, 2013. Disponível em: <http://www.kas.de/wf/doc/10985-1442-5-30.pdf>. Acesso em: 03 jun 2017.

GROSJEAN, François. Living with two languages and two cultures. In: PARASNIS, I. **Cultural and Language Diversity and the Deaf Experience**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

HABEL, Jussara. **Fundamentos para o estudo das línguas dos imigrantes boêmios no Brasil**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras: Porto Alegre, 2014

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HAMERS, Josiane F.; BLANC, Michel H. A. **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2 ed., 2000.

HORST, Aline. **Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. 231 p. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/102193>.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo Jacó. **Línguas em contato no Sul do Brasil: um estudo de caso do português e da variedade alemã Hunsrückisch**. p. 367-383, 2012.

JUNGBLUT, Roque. **Max von Lassberg: vida, obra, tributos**. Porto Alegre: Letra e Vida, 2015.

\_\_\_\_\_. **Documentário Histórico de Porto Novo**. São Miguel do Oeste: Arco Iris Gráfica & Editora, 2000.

KLUGE, Friedrich. **Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache**. Berlin; NewYork: de Gruyter, 1989.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. **The social stratification of English in New York city**. Cambridge: University Press, 1966.

MACHADO, Lucas Löff. **Standard e substandard do alemão em contato com o português: variação na competência de fala em hochdeutsch de falantes de hunsrückisch**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2016. 166 p. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/139447>.

- MACKEY, William F. **The Description of bilingualism**. In: FISHMAN, Joshua A. (ed) *Reading in the sociology of language*. 3ed. The Hague, Norton, 1972. p. 554-584.
- MEYER, Martina. **Deitsch ou Deutsch? Macroanálise pluridimensional da variação do hunsrückisch rio-grandense em contato com o português**. Trabalho de Conclusão de Graduação. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, 2009. 46 p. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/21647>.
- MASKE, Wilson. **Anabatistas sob o Cruzeiro do Sul: a experiência Menonita no Brasil (1930-1945)**. In: *Revista Pistis Praxis: Curitiba*, v. 5, n. 1, p. 253-273, 2013.
- MEYERHOFF, Miriam. **Introducing Sociolinguistics**. Taylor & Francis e-Library, 2006.
- PREDIGER, Angélica. **A territorialização do alemão falando em comunidades de imigração boêmia no Brasil**. In: *Cadernos do IL: Porto Alegre*, n.º 52, p. 339-360, 2016.
- RADÜNZ, Willian. **Variação e mudança lexical da língua Brasileira de imigração alemã hunsrückisch em contato com o português e o espanhol: análise pluridimensional da variável <fósforo/streichholz>**. Trabalho de Conclusão de Graduação. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, 2016. 58f. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/156980>.
- RADTKE, Edgar; THUN, Harald. **Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie, Heidelberg/Mainz 21.-24.10. 1991, Kiel, Westensee, 1996**
- RASO, T; MELLO, H; ALTENHOFEN, C. V. **Os contatos linguísticos e o Brasil: dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- RAZKY, Abdelhak. LIMA, Alcides; OLIVEIRA, Marilúcia. **Atlas lingüísticos: contribuição para o ensino básico**. In: MOTTA, Jacyra & CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 109-126.
- RIEHL, Claudia Maria. **Discontinuous language spaces (Sprachinseln)**. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Jürgen Erich. **Language and space: theories and methods**. Berlin/New York: de Gruyter, 2010.
- ROCKENBACH, Sílvio Aloysio; FLORES, Hilda Agnes Hübner. **Imigração Alemã: 180 anos, história e cultura**. Porto Alegre: CORAG, 2004.

ROMAINE, Suzanne. **Introduction to the study of bilingualism**. In: Bilingualism. 2 ed. Oxford: Blackwell, 1995.

SEYFERTH, Giralda. **Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o estado brasileiro**. XVII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, MG, 22-25 de outubro de 1993.

SPINASSÉ, Karen Pupp. **O hunsrückisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha**. Espaço plural, n. 19, p. 117-126, 2008.

STEFFEN, Joachim. **Aspectos históricos do contato linguístico entre o alemão e o português no Sul do Brasil através de cartas antigas: interferências fonéticas no português dos imigrantes**. Revista de Letras Norteamericanas. Estudos Linguísticos, Sinop, v. 6, n. 12, p. 73-89, 2013.

\_\_\_\_\_. **Vereinzelte Sprachinseln oder Archipel? Die Mennonitenkolonien in Belize im englisch-spanischen Sprachkontakt**, Westensee, 2007.

TEIXEIRA, Juliana C. **Memórias suábias: O processo de colonização em Entre Rios – Paraná**. In: Revista Percurso: Maringá, v. 2, n.1, p. 03-24, 2010.

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds.). **Language mapping**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010.

\_\_\_\_\_. A Geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: Aguilera, Vanderci de Andrade (org.). **Para a história do português brasileiro: volume VII: vozes, veredas, voragens**. Londrina: EDUEL, 2009. Tomo II, p. 531-558.

\_\_\_\_\_. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl. **Estudos da variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

\_\_\_\_\_. **La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)**. In: International Congress of Romance Linguistics and Philology (21.: Palermo: 1995) Atti... A cura di Giovanni Ruffeno. Tübingen: Niemeyer, p. 701-729, 787-789. v.5, 1998.

VANDEKERCKHOVE, Reinhild. Urban and rural language. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Jürgen Erich. **Language and space: theories and methods**. Berlin/New York: de Gruyter, 2010.

VANDRESEN, Paulino. **Fonologia do vestfaliano de Rio Fortuna**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Linguística: Rio de Janeiro, 1968.

WERLANG, Alceu A. **A colonização as margens do Rio Uruguai no extremo Oeste Catarinense: atuação da CIA Territorial Sul Brasil 1925 a 1954.**

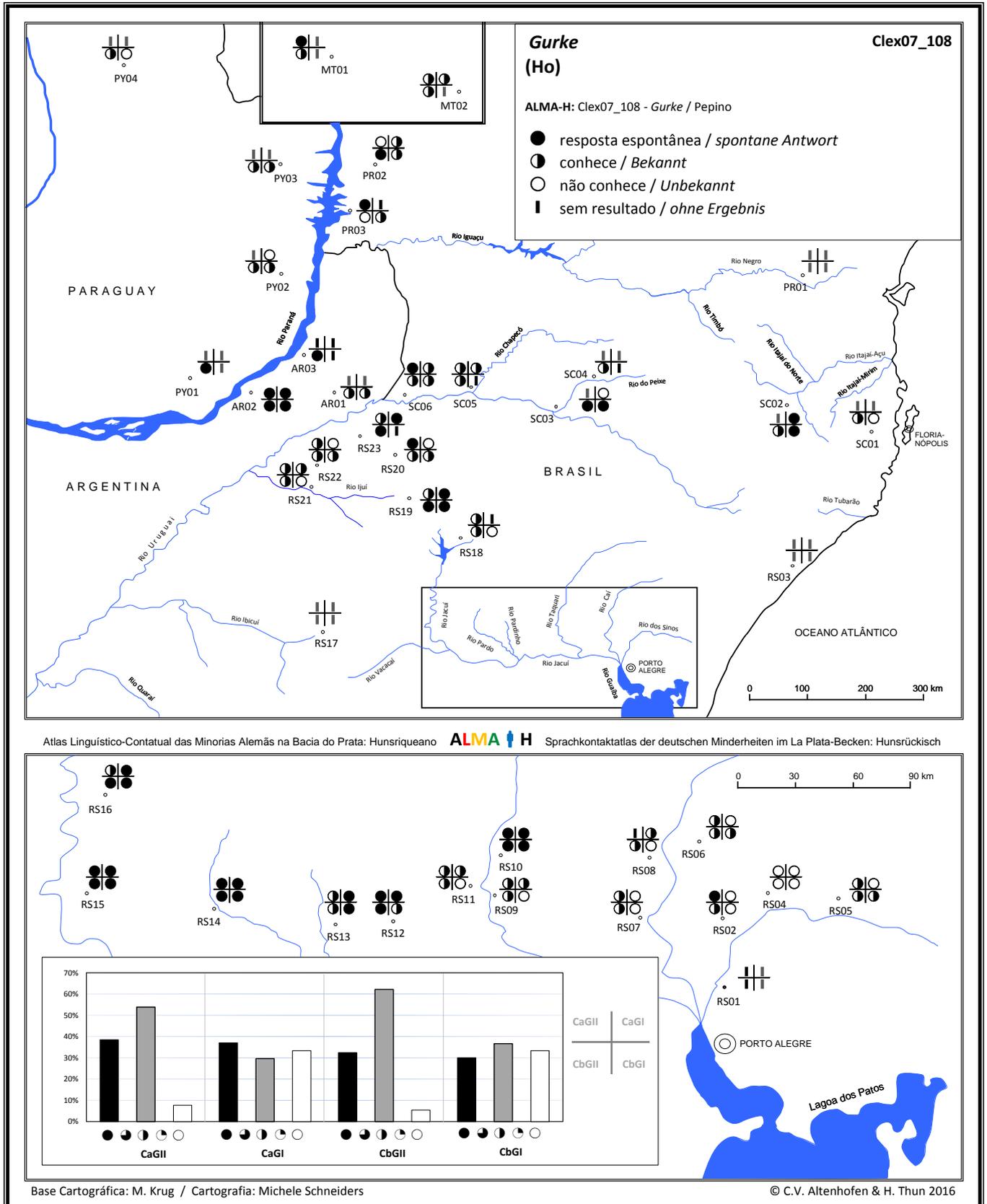
Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1992.

WEHRMANN, Clarí. **A situação do alemão em Tunápolis e em Cunha Porã, Santa Catarina: Dimensão diarreligiosa.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Fronteira Sul: Chapecó, 2016.

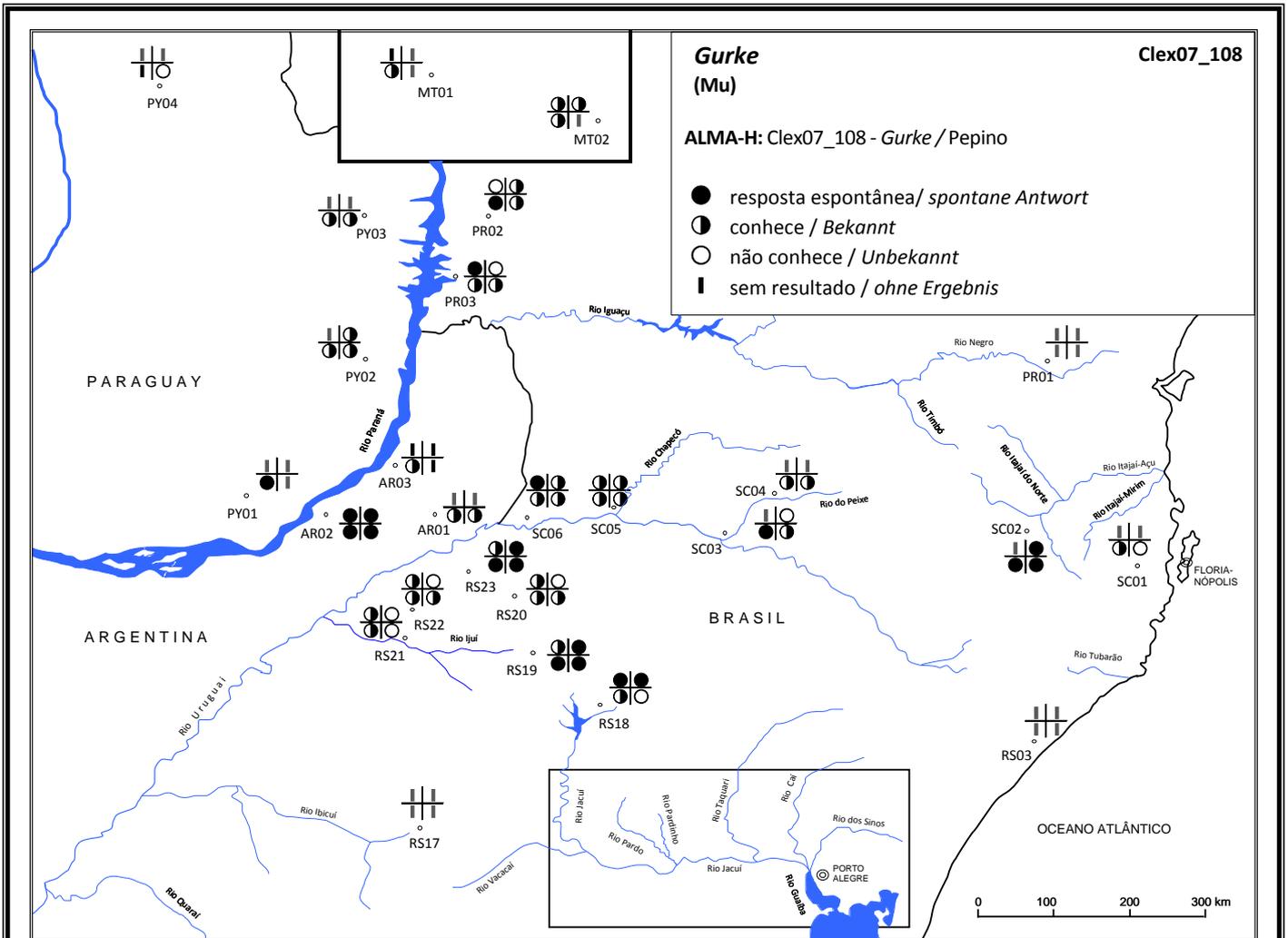
WILLEMS, Emilio. **A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; [Brasília]: INL.]: INL, 1980 [1946].

ANEXOS

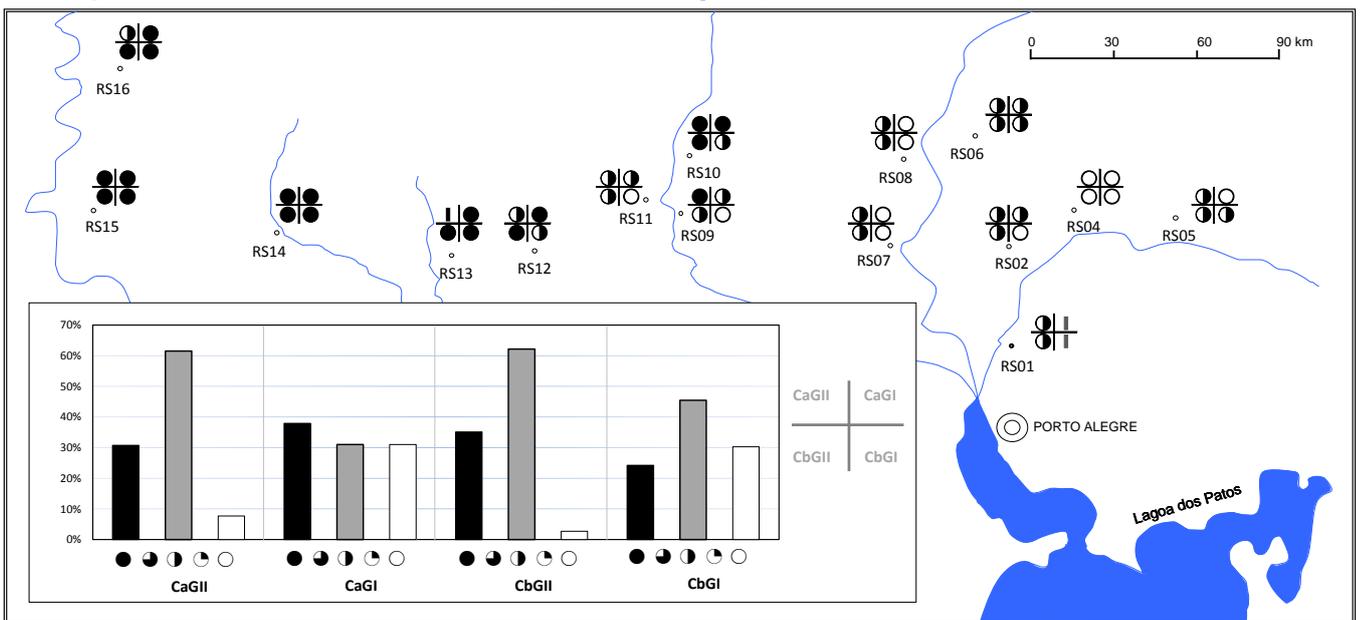
Mapa 07 – Variação de Gurke em relação aos homens (Ho):



Mapa 08 - Variação de *Gurke* na fala das mulheres (Mu):



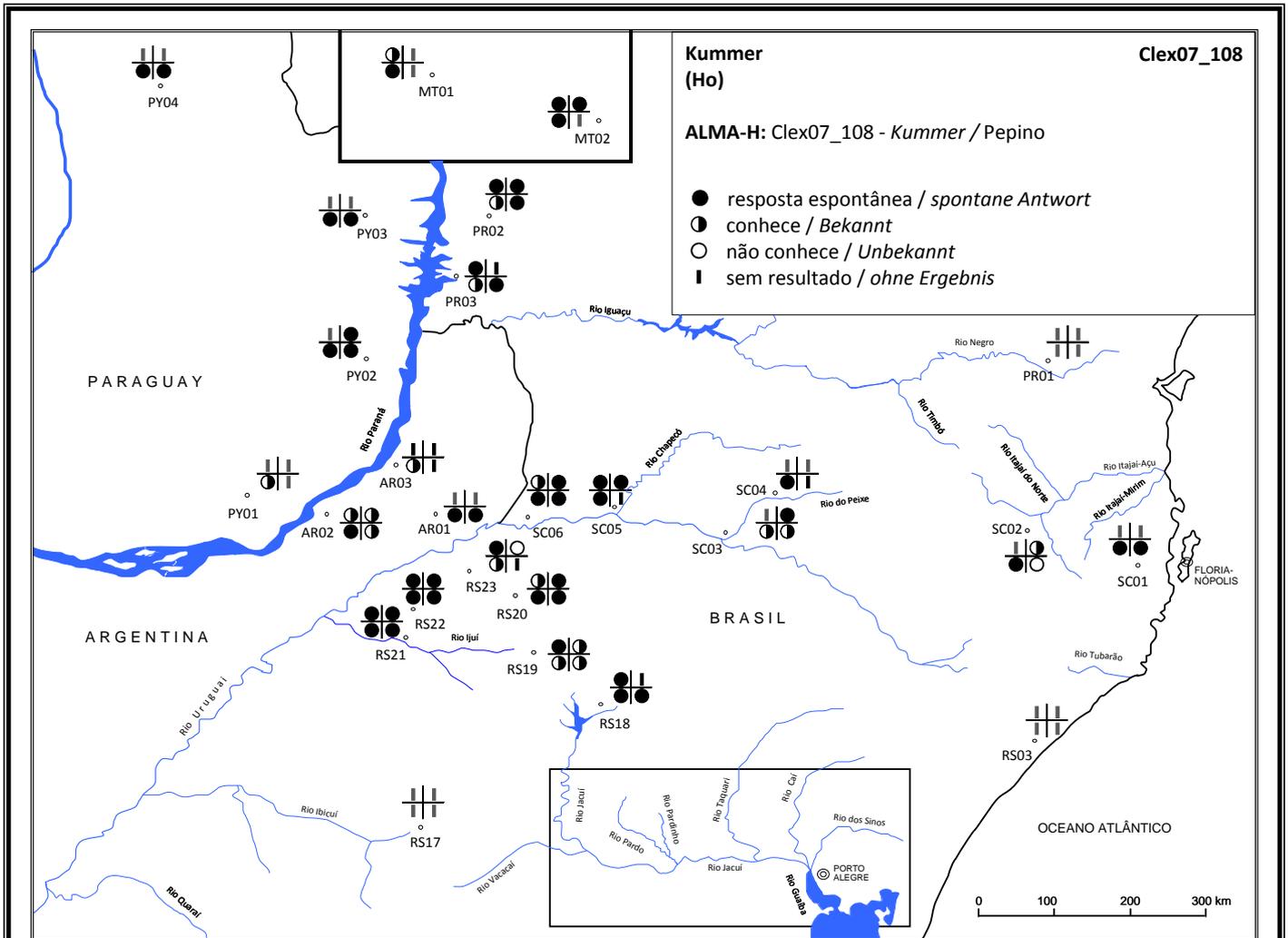
Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch



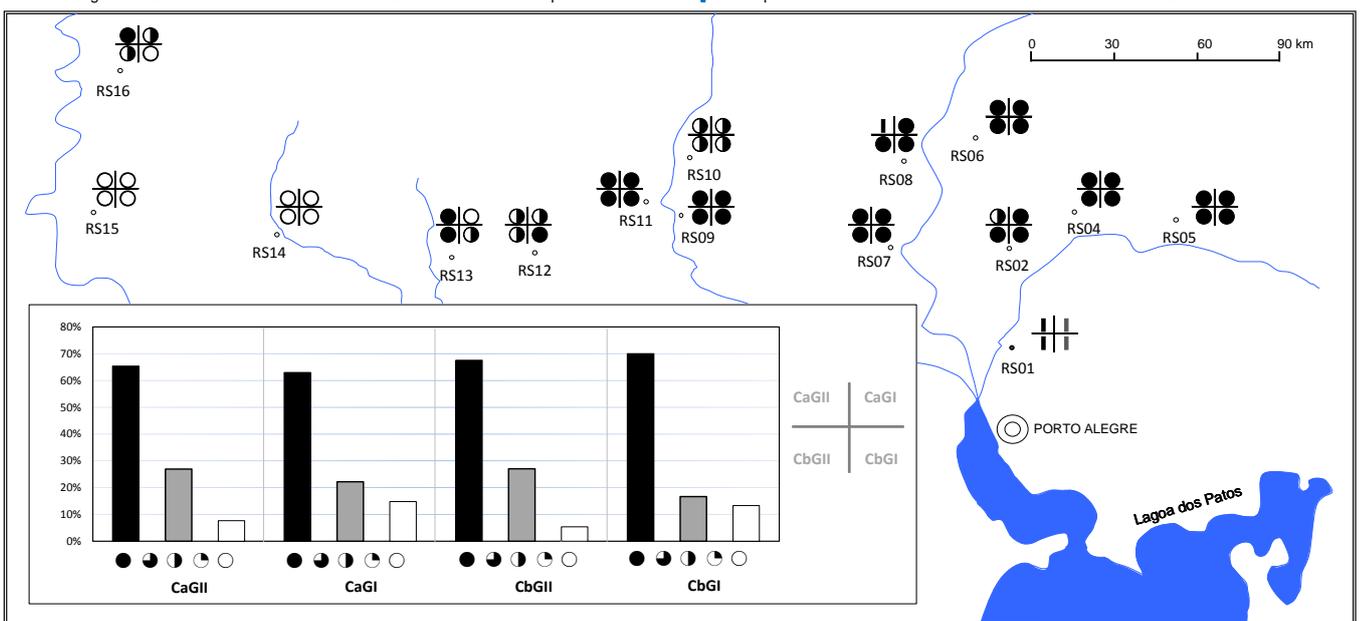
Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: Michele Schneiders

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2016

Mapa 09 – Variação de *Kummer* na fala dos homens (Ho):



Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückeano **ALMA H** Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch



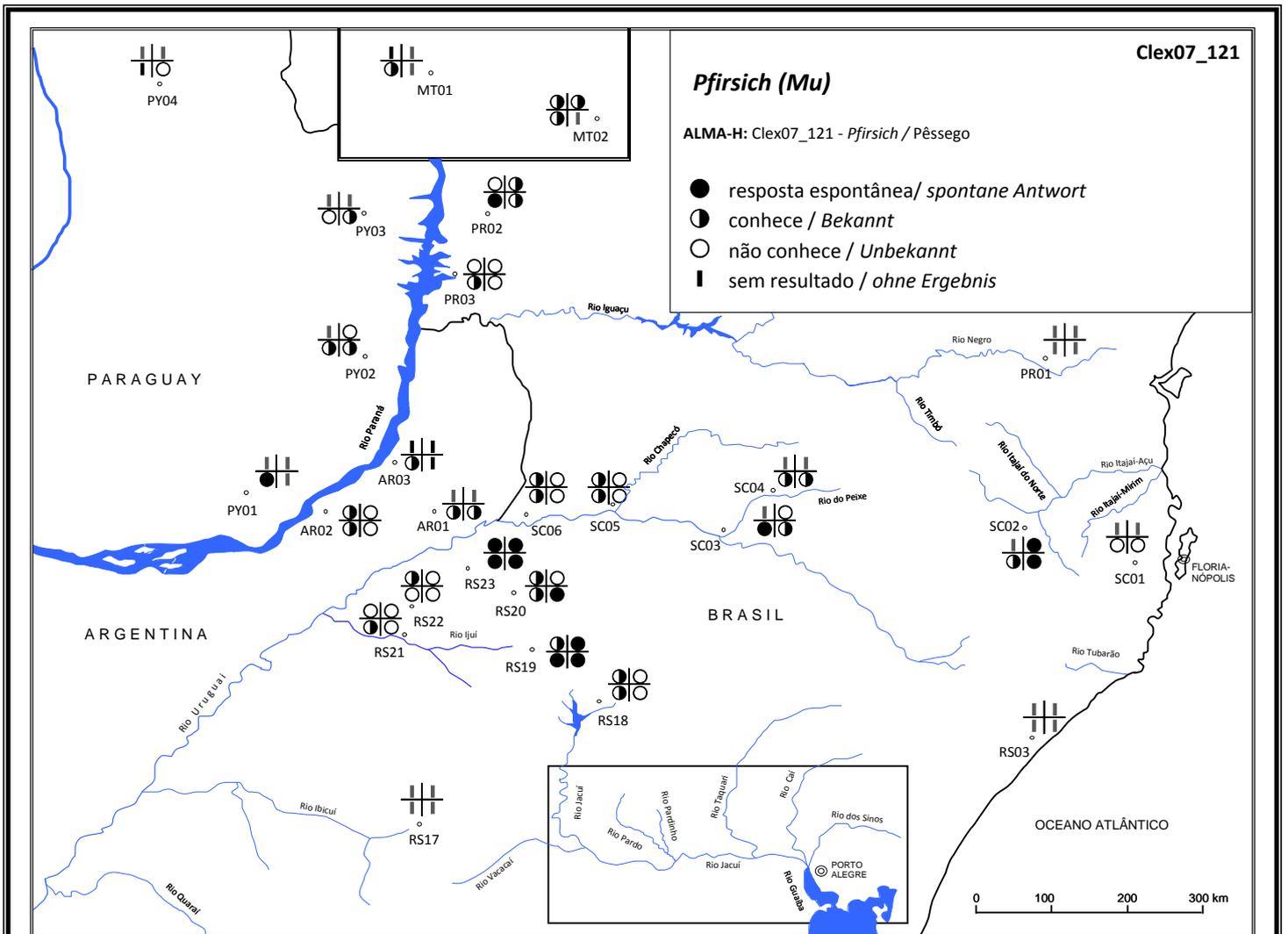
Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: Michele Schneiders

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2016

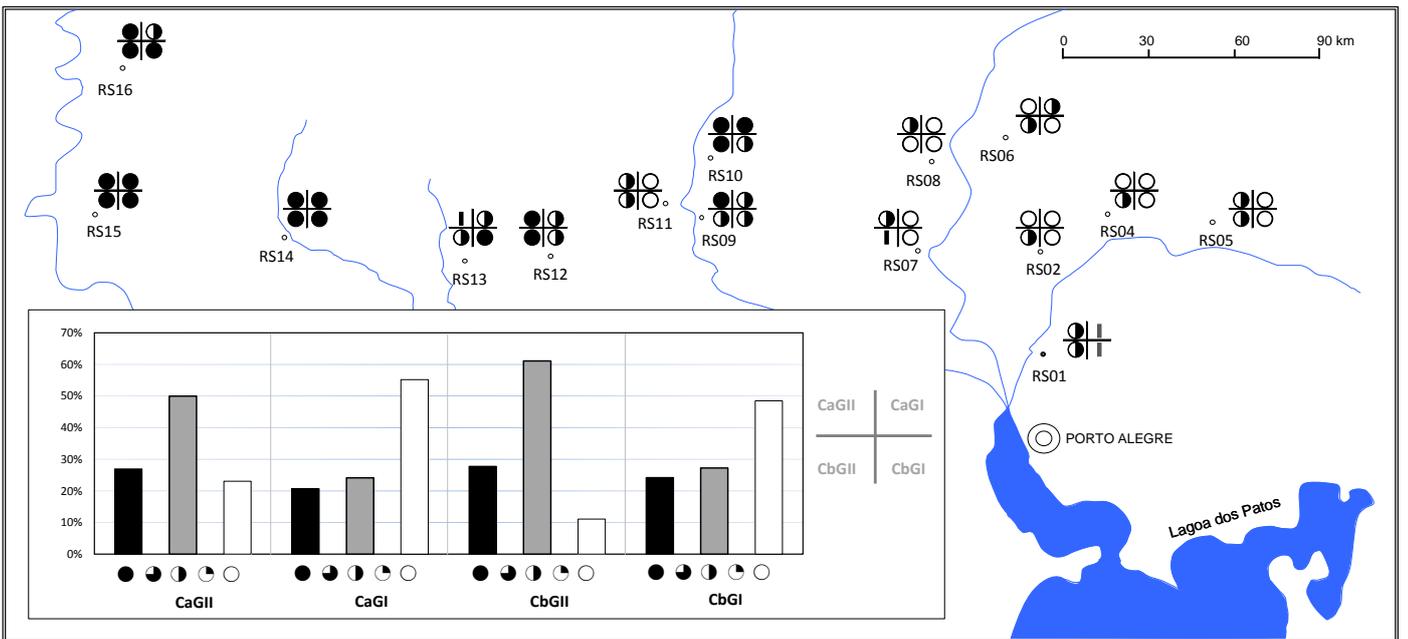




Mapa 12 – Variação de *Pfirsich* na fala das mulheres (Mu):



Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

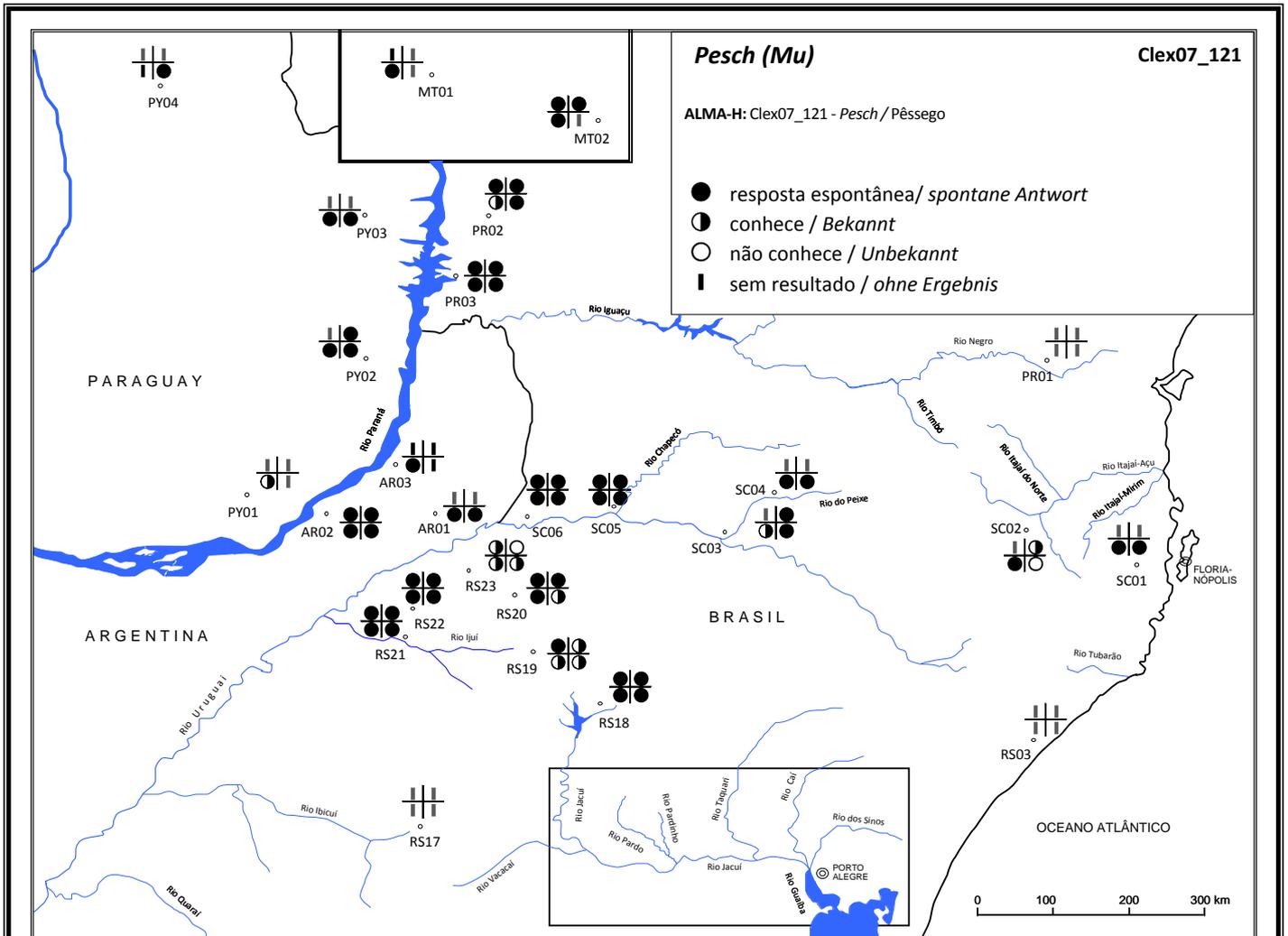


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: Michele Schneiders

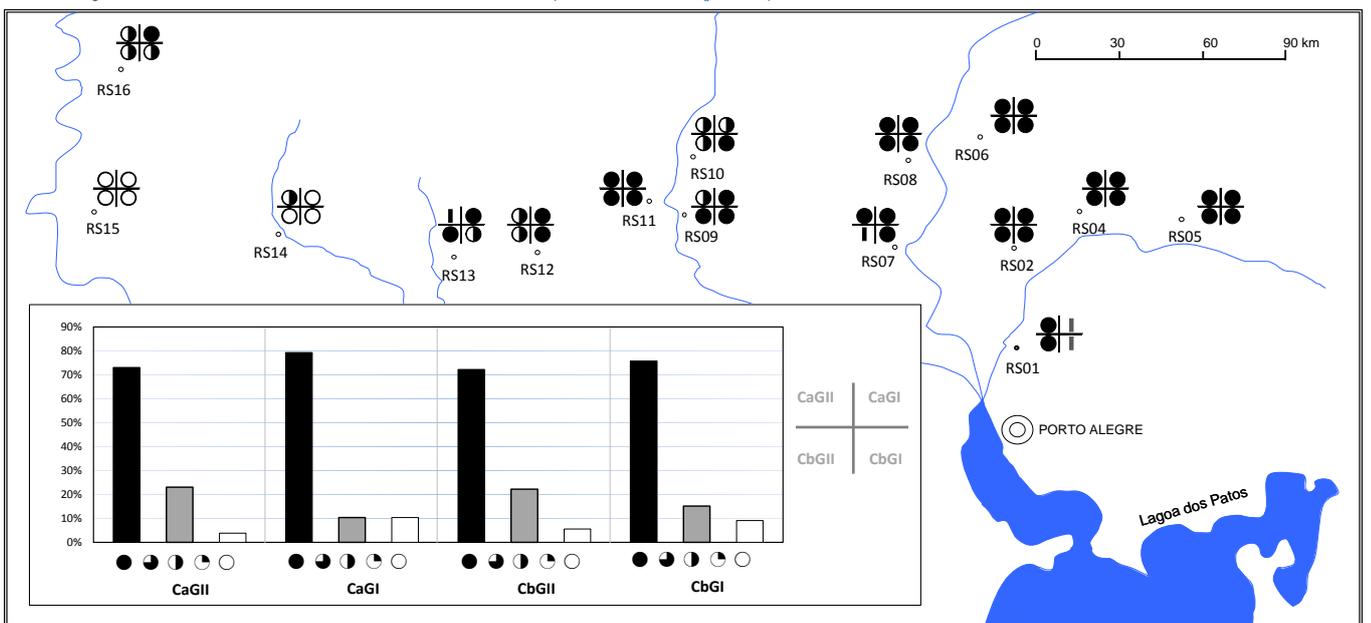
© C.V. Altenhofen & H. Thun 2016



Mapa 14 – Variação de *Pesch* na fala das mulheres (Mu):



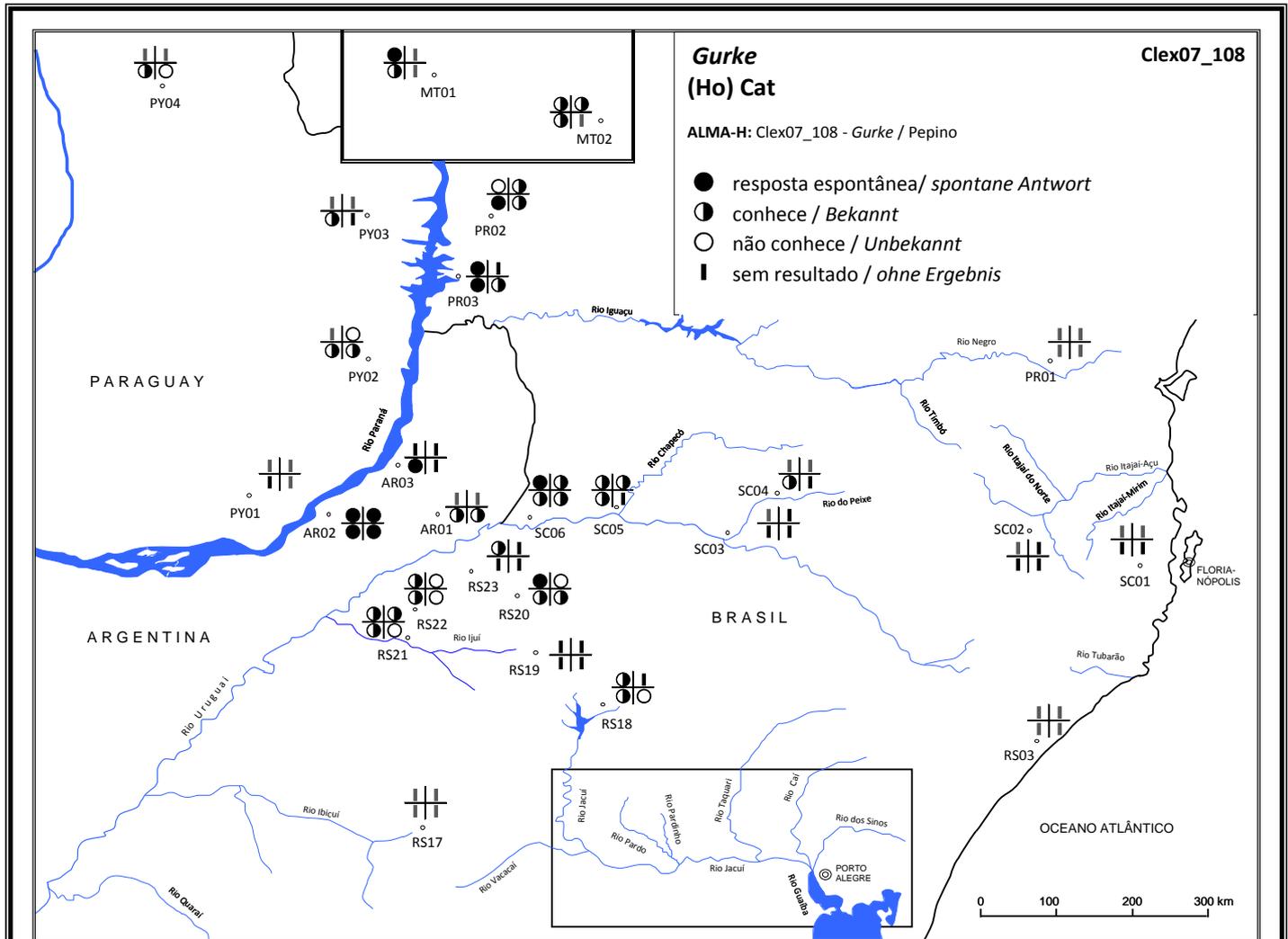
Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano **ALMA H** Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch



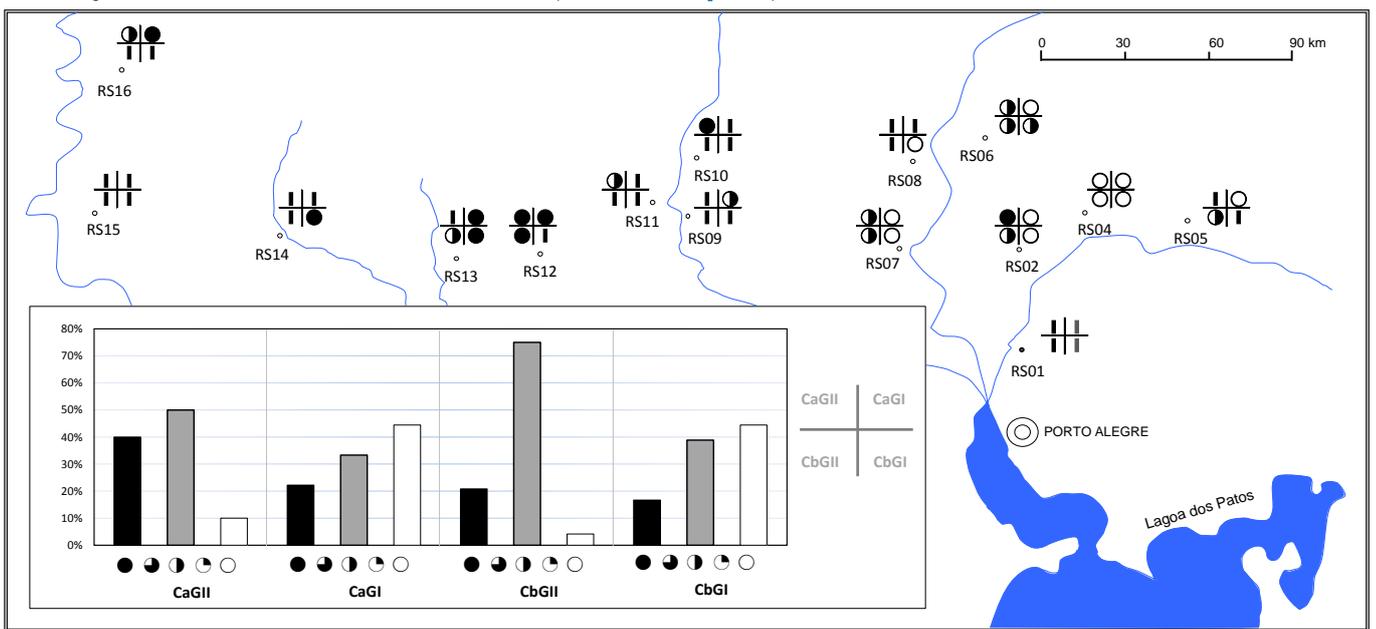
Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: Michele Schneiders

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2016

Mapa 15 - Variação de *Gurke* na fala dos homens (Ho) católicos:



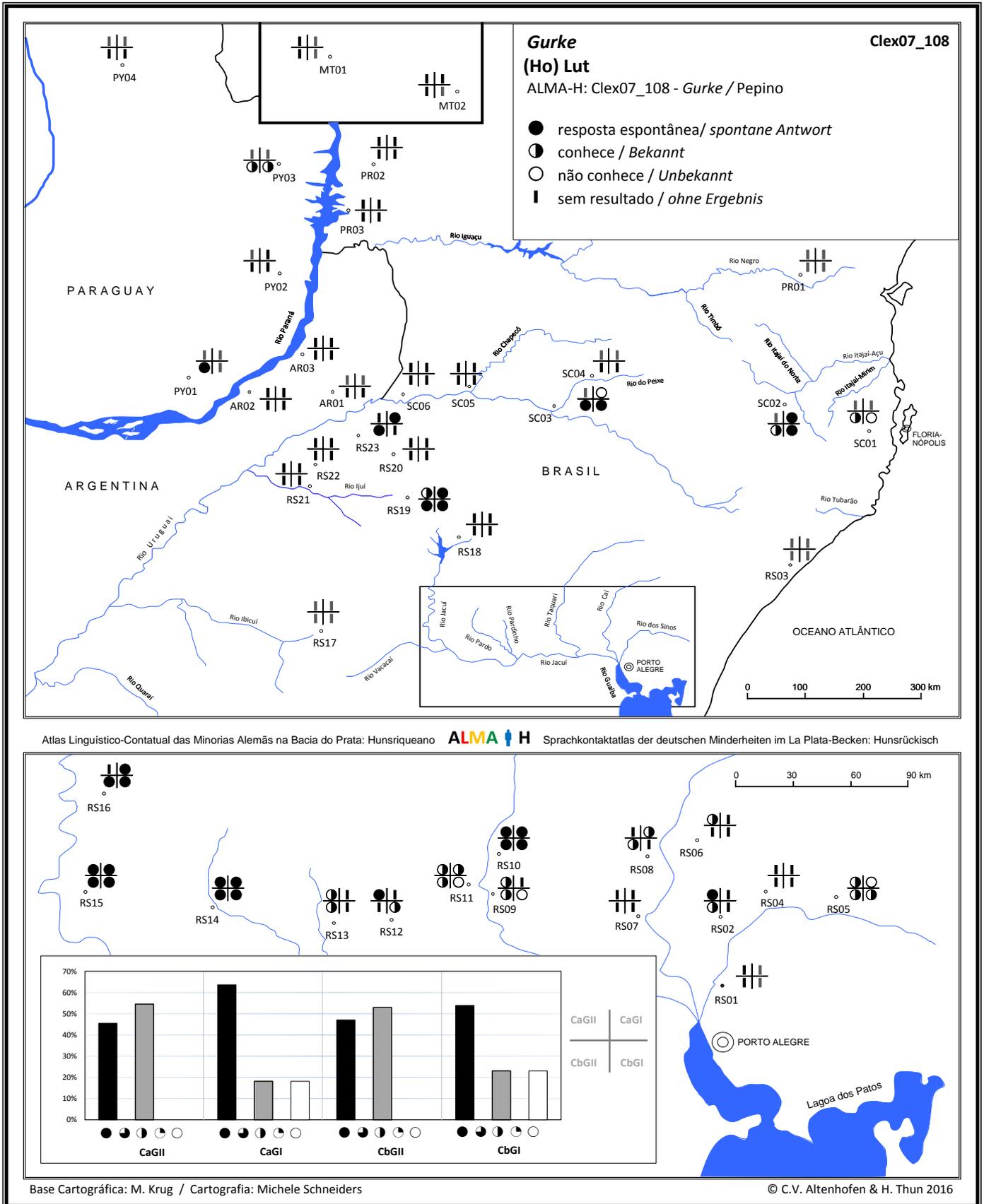
Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch



Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: Michele Schneiders

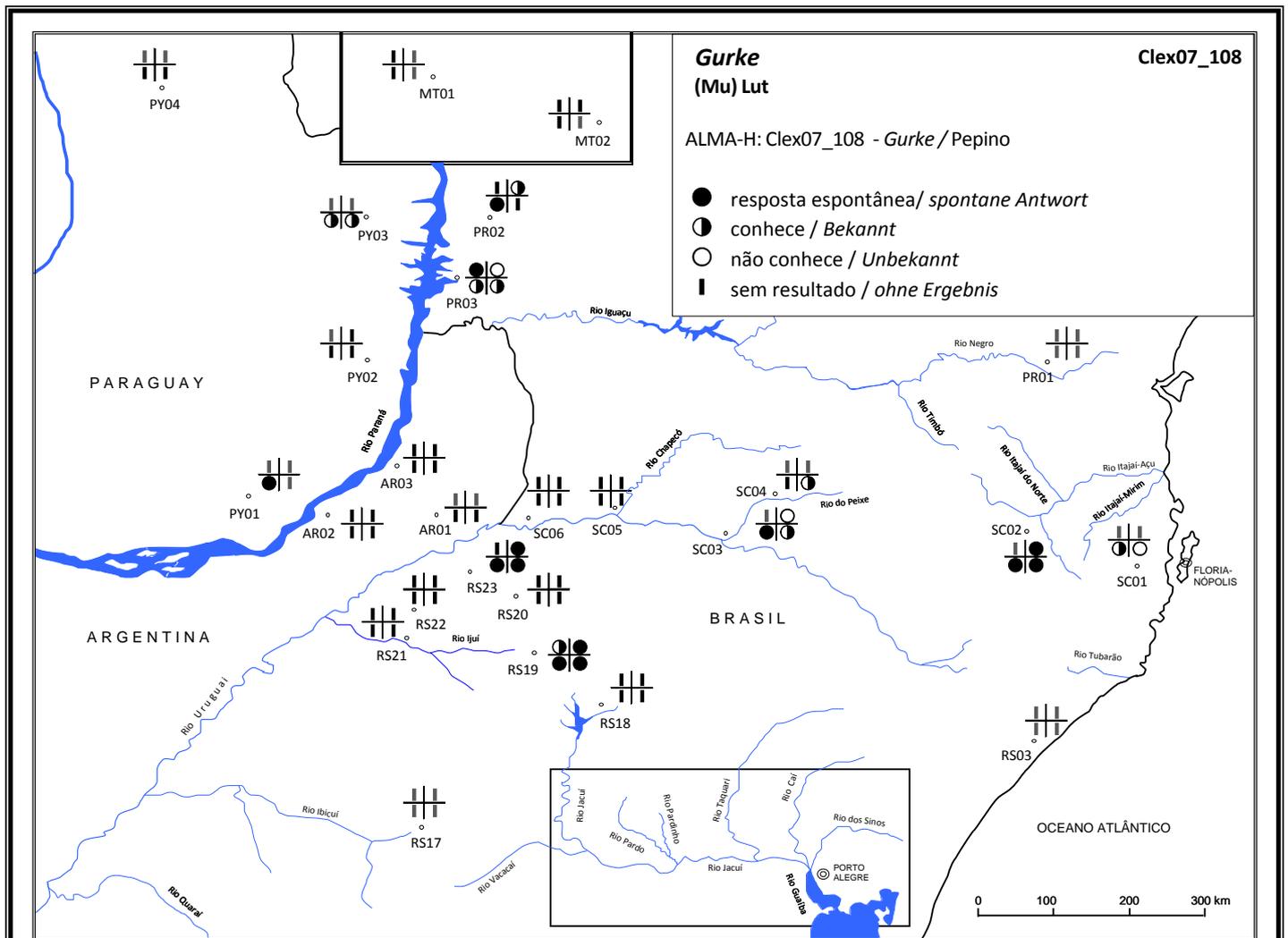
© C.V. Altenhofen & H. Thun 2016

Mapa 16 - Variação de *Gurke* na fala dos homens (Ho) luteranos:

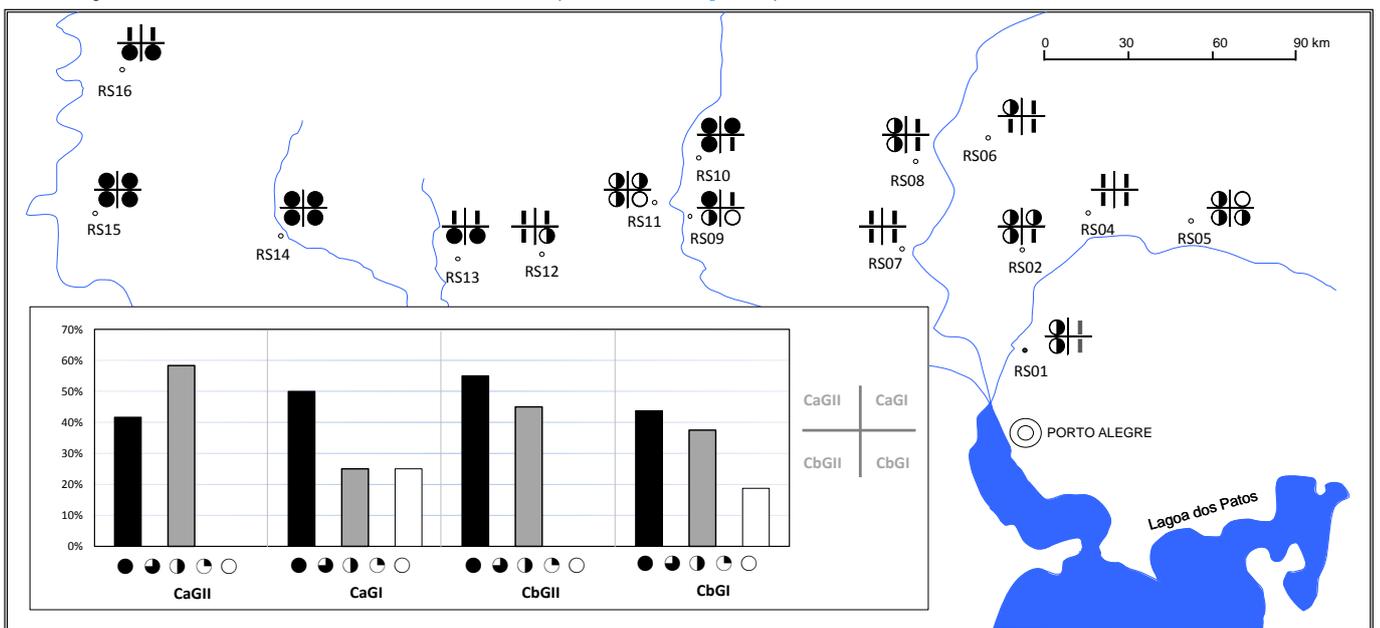




Mapa 18 - Variação de *Gurke* na fala das mulheres (Mu) luteranas:



Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch



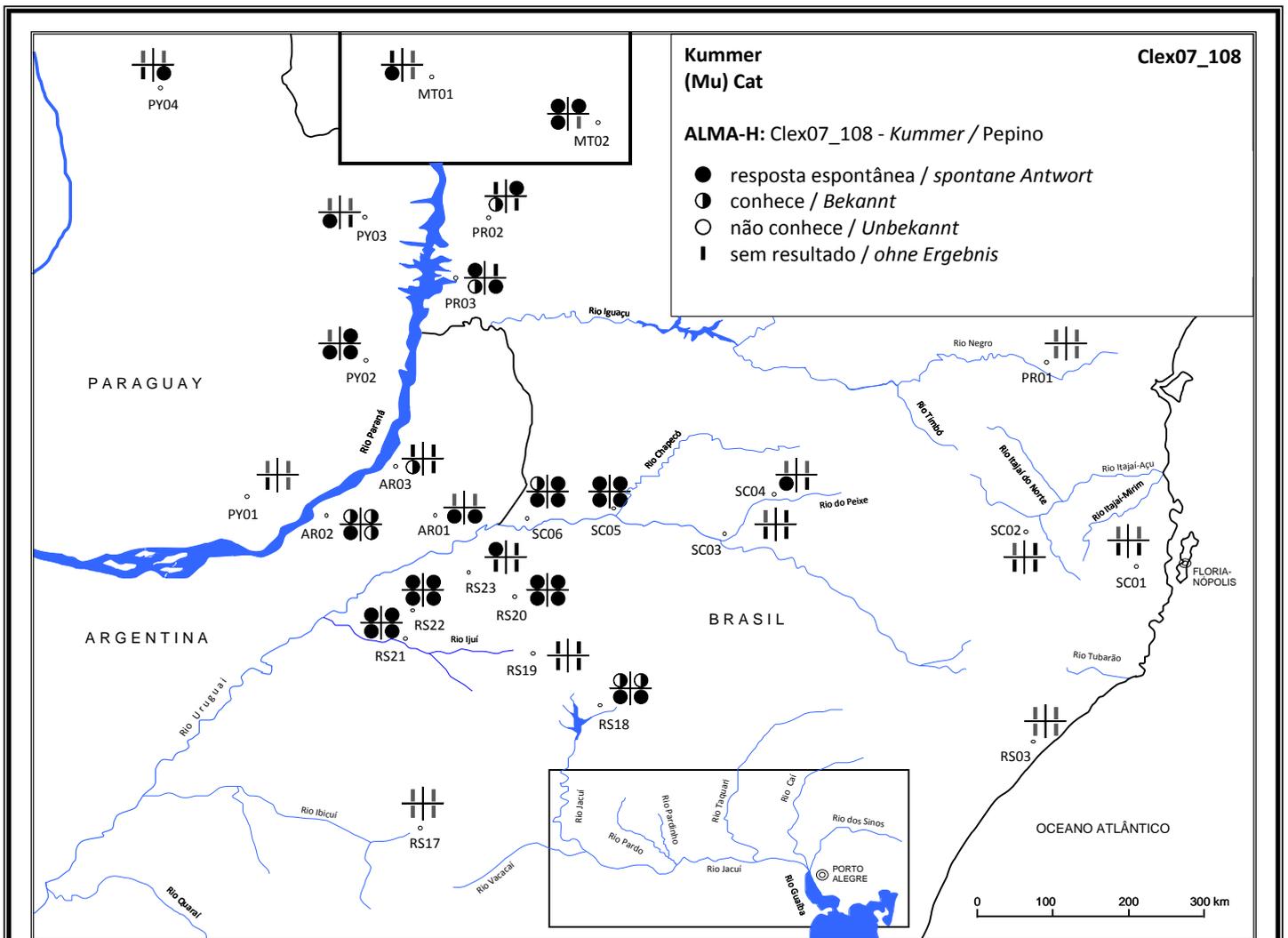
Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: Michele Schneiders

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2016

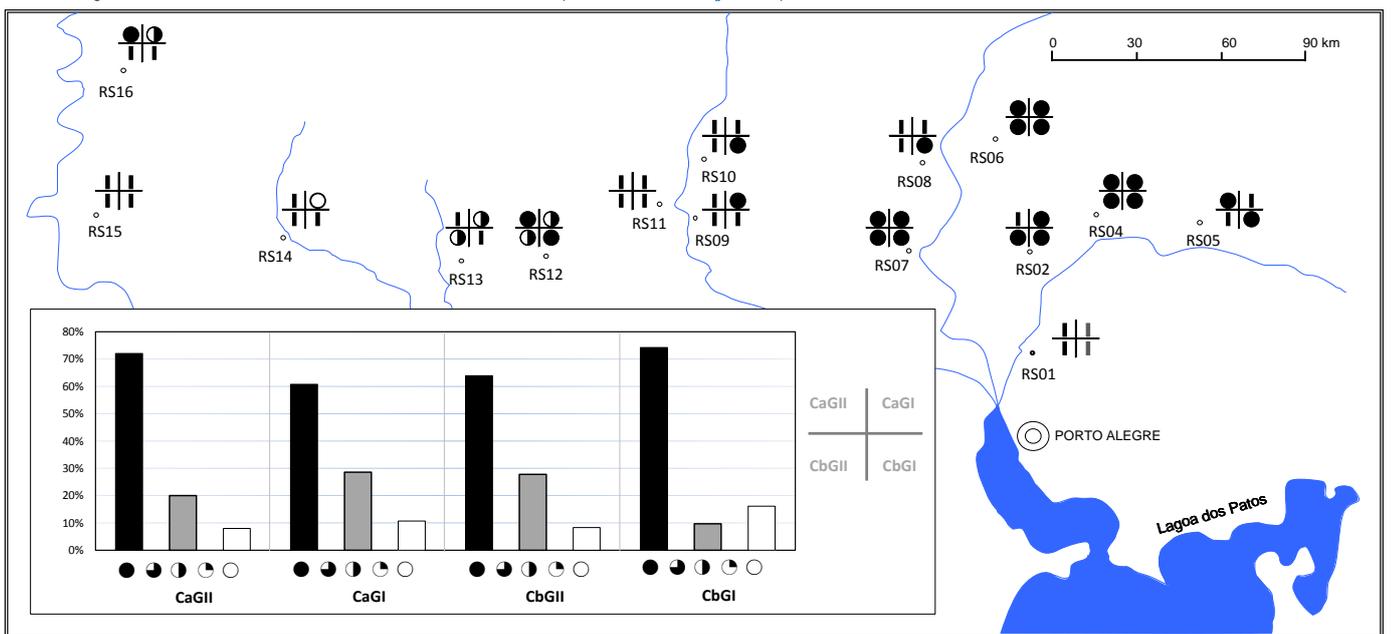




Mapa 21- Variação de *Kummer* na fala das mulheres (Mu) católicas:



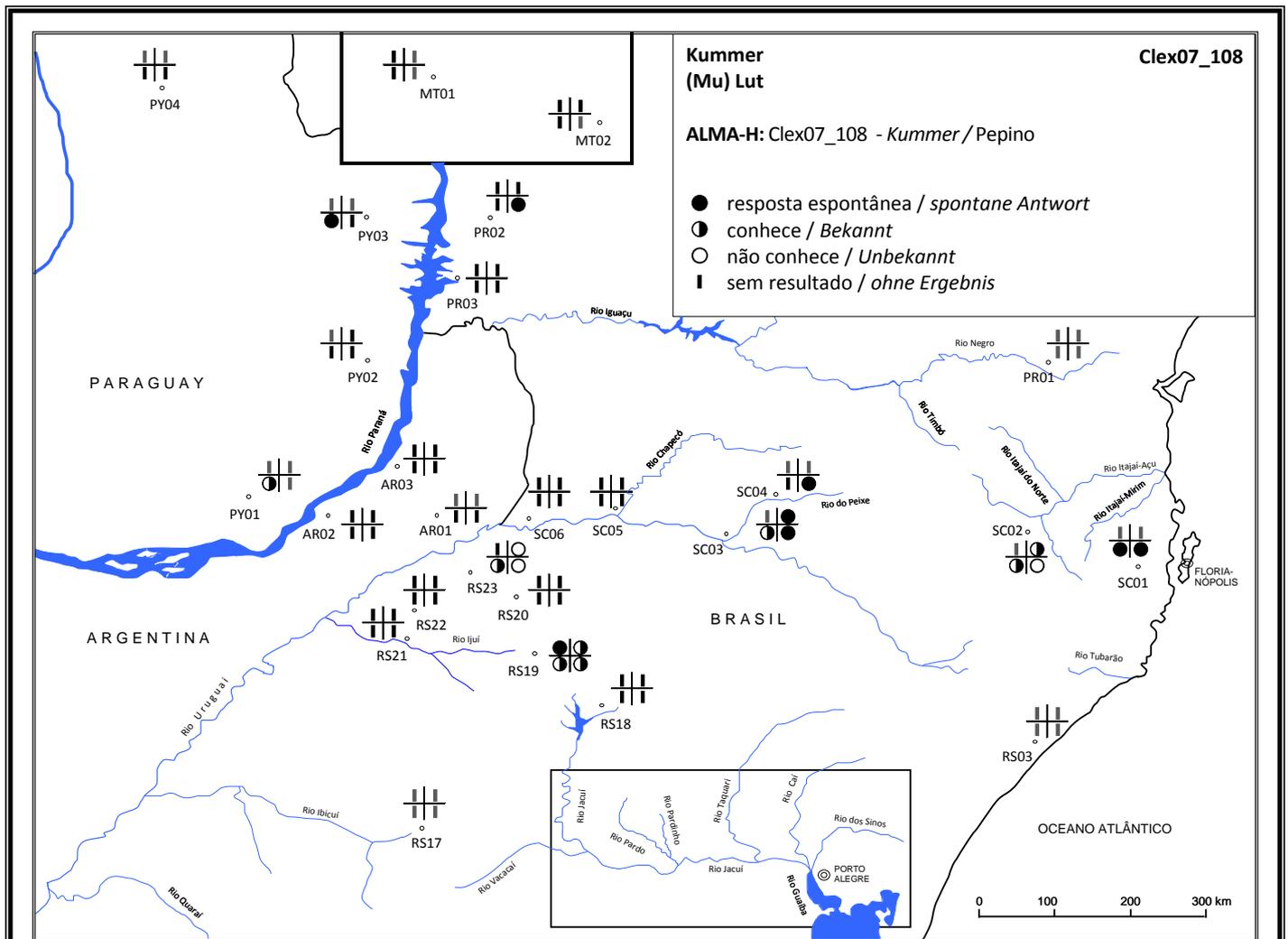
Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch



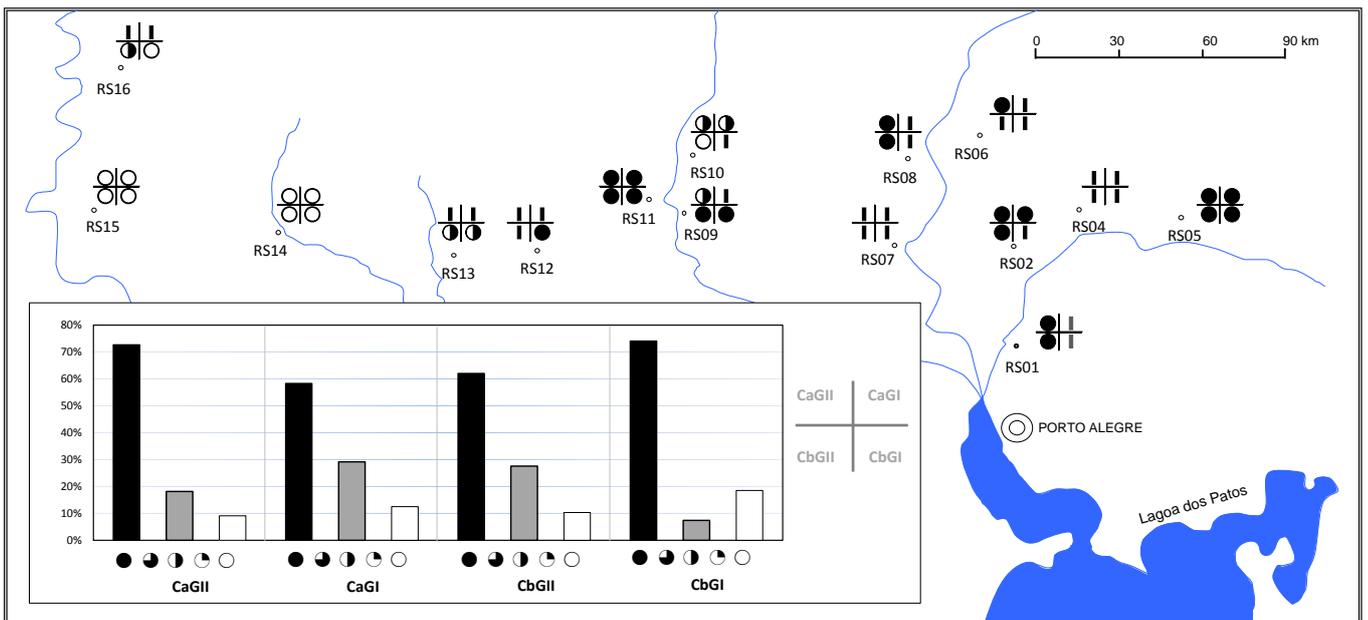
Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: Michele Schneiders

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2016

Mapa 22 - Variação de *Kummer* na fala das mulheres (Mu) luteranas:



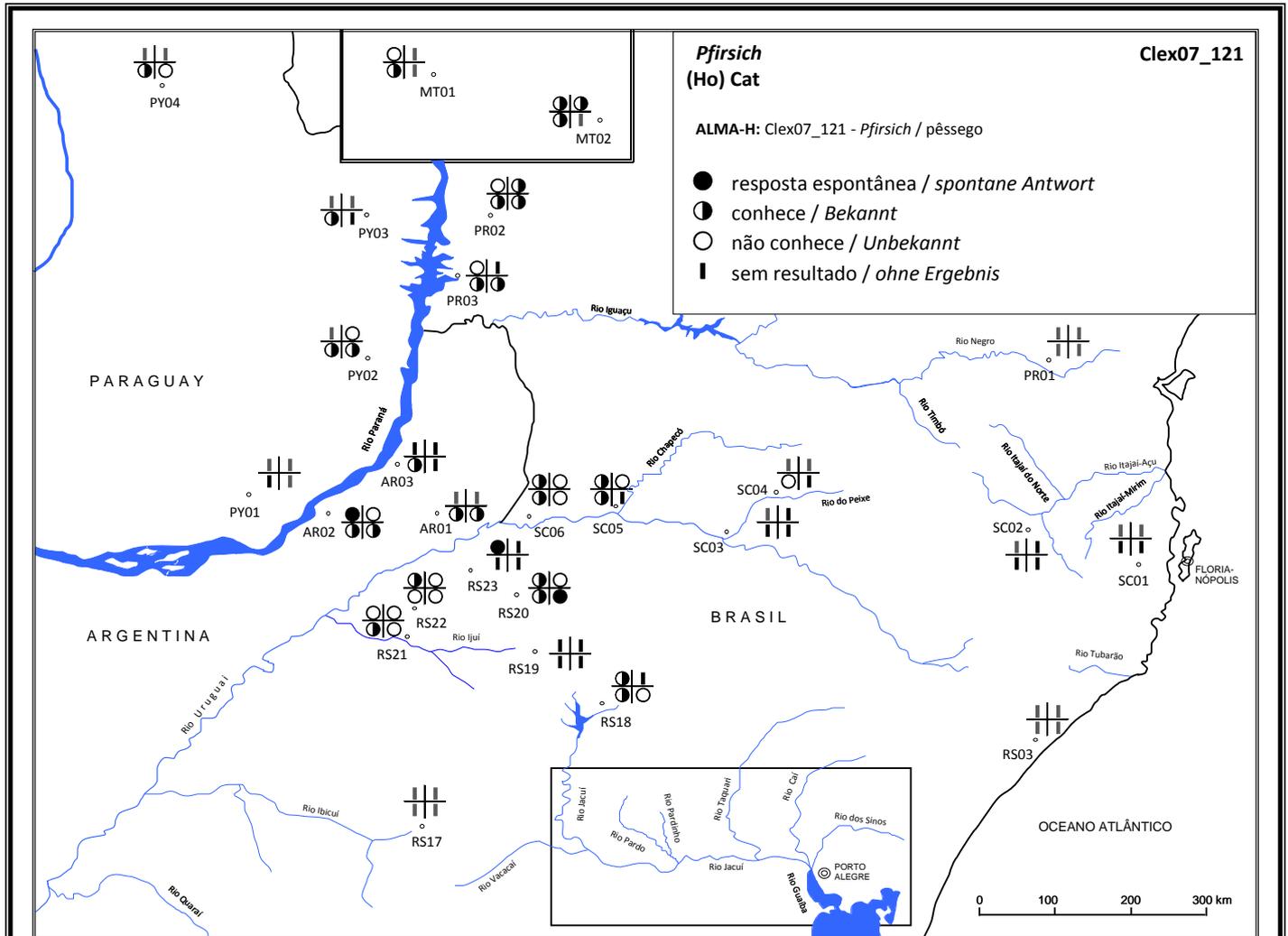
Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückeano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch



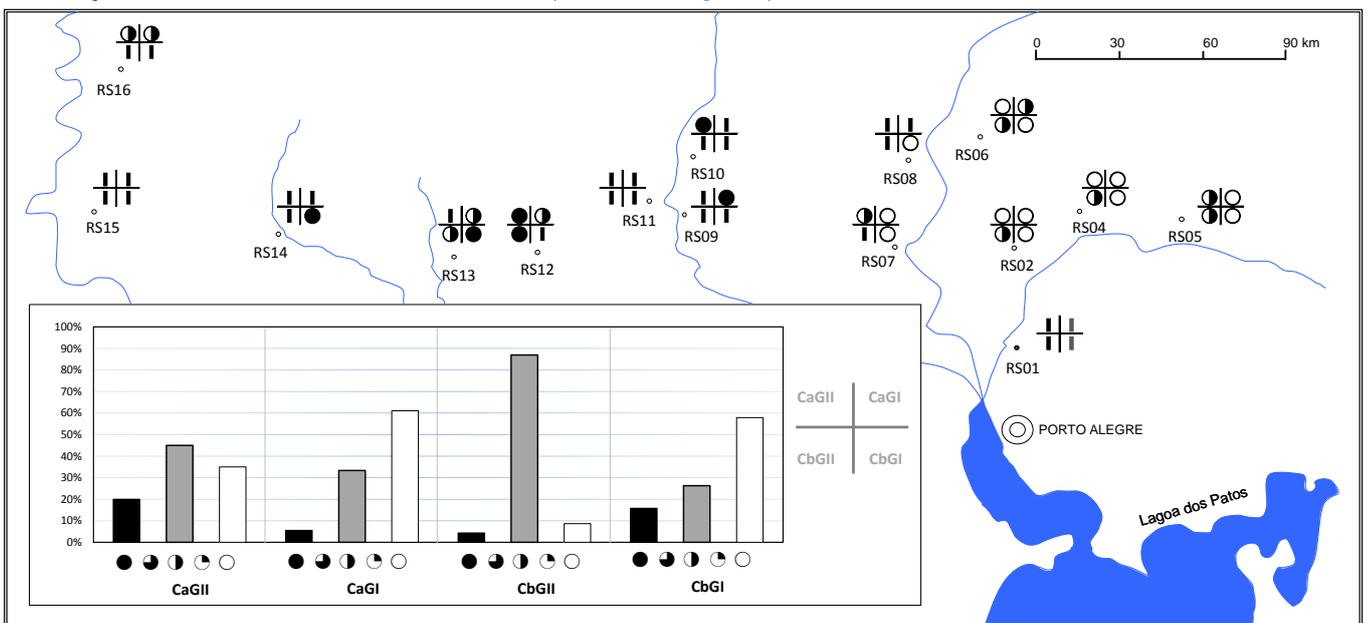
Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: Michele Schneiders

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2016

Mapa 23 - Variação de *Pfirsich* na fala dos homens (Ho) católicos:



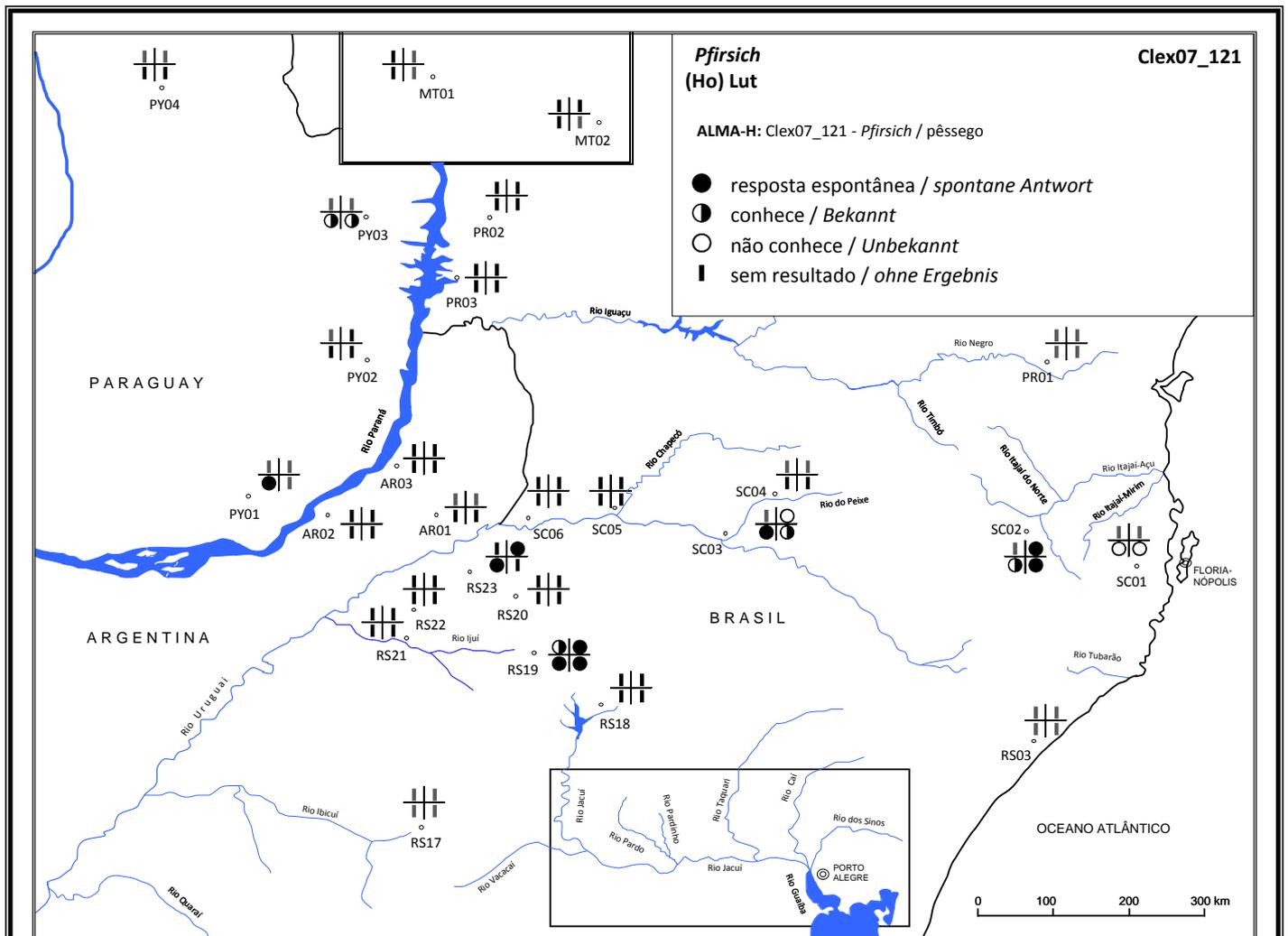
Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano **ALMA H** Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch



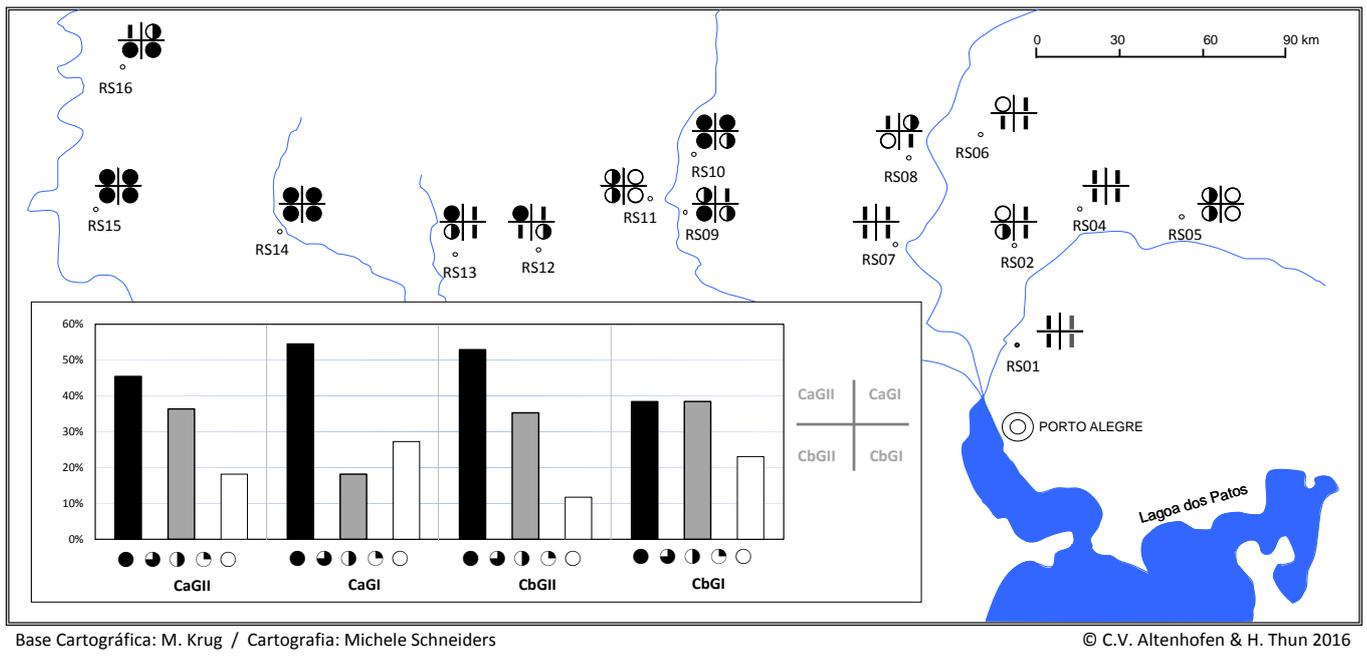
Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: Michele Schneiders

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2016

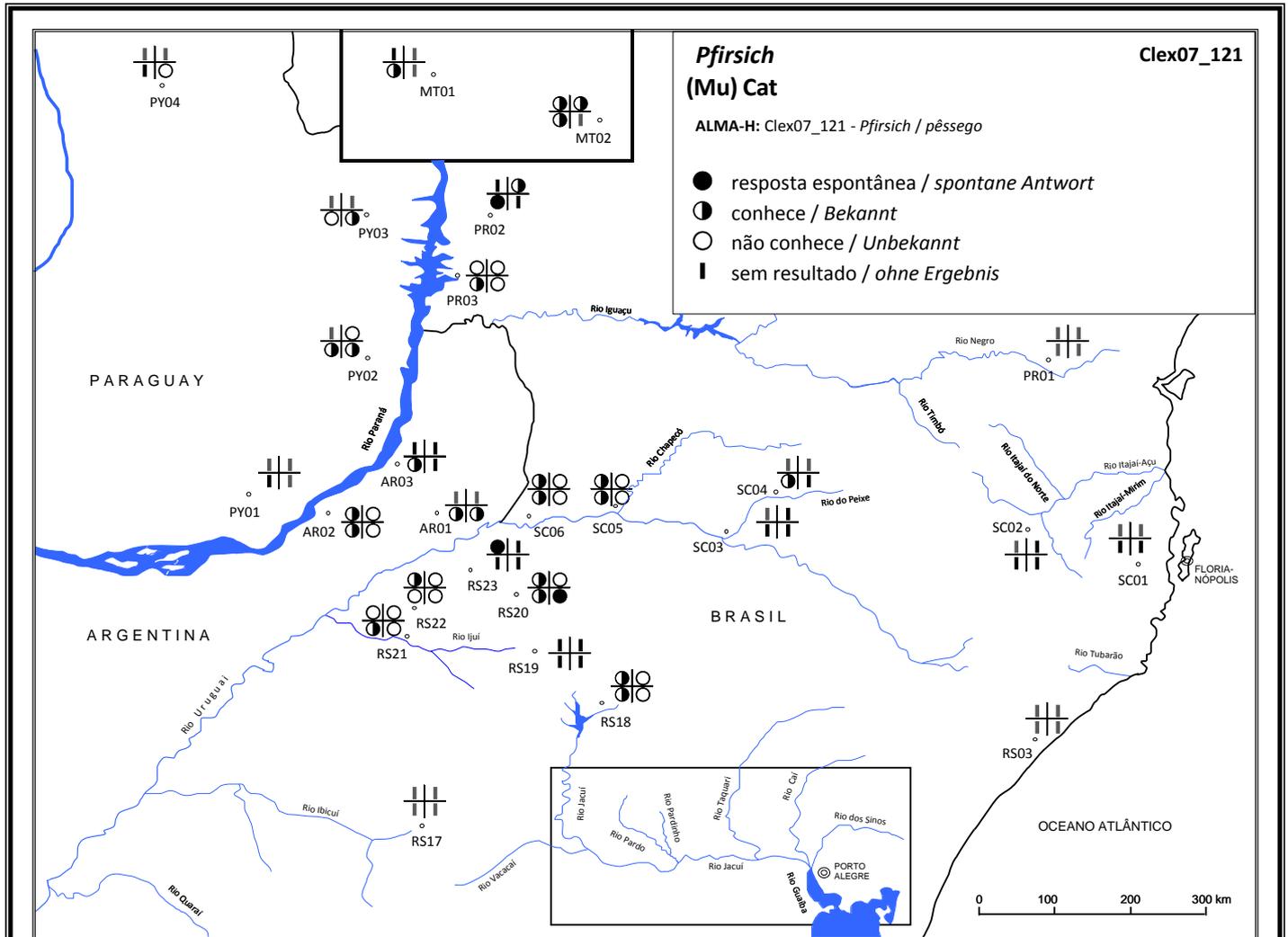
Mapa 24 - Variação de *Pfirsich* na fala dos homens (Ho) luteranos:



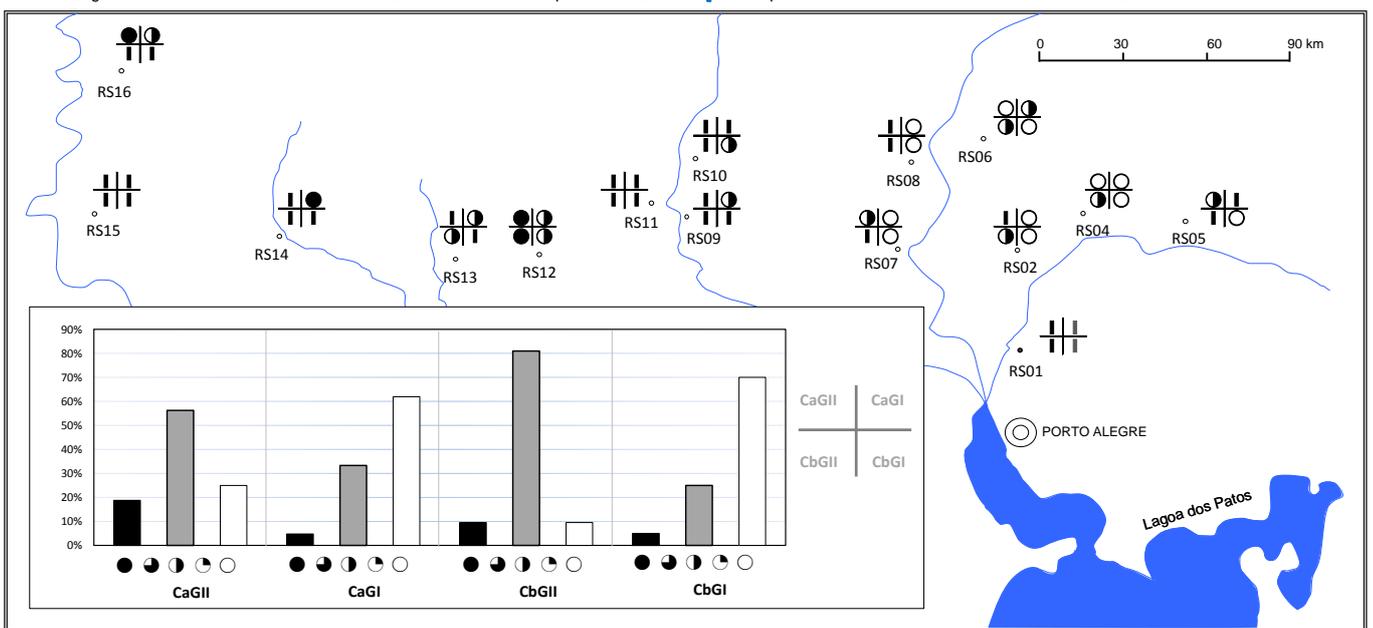
Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch



Mapa 25 - Variação de *Pfirsich* na fala das mulheres (Mu) católicas:



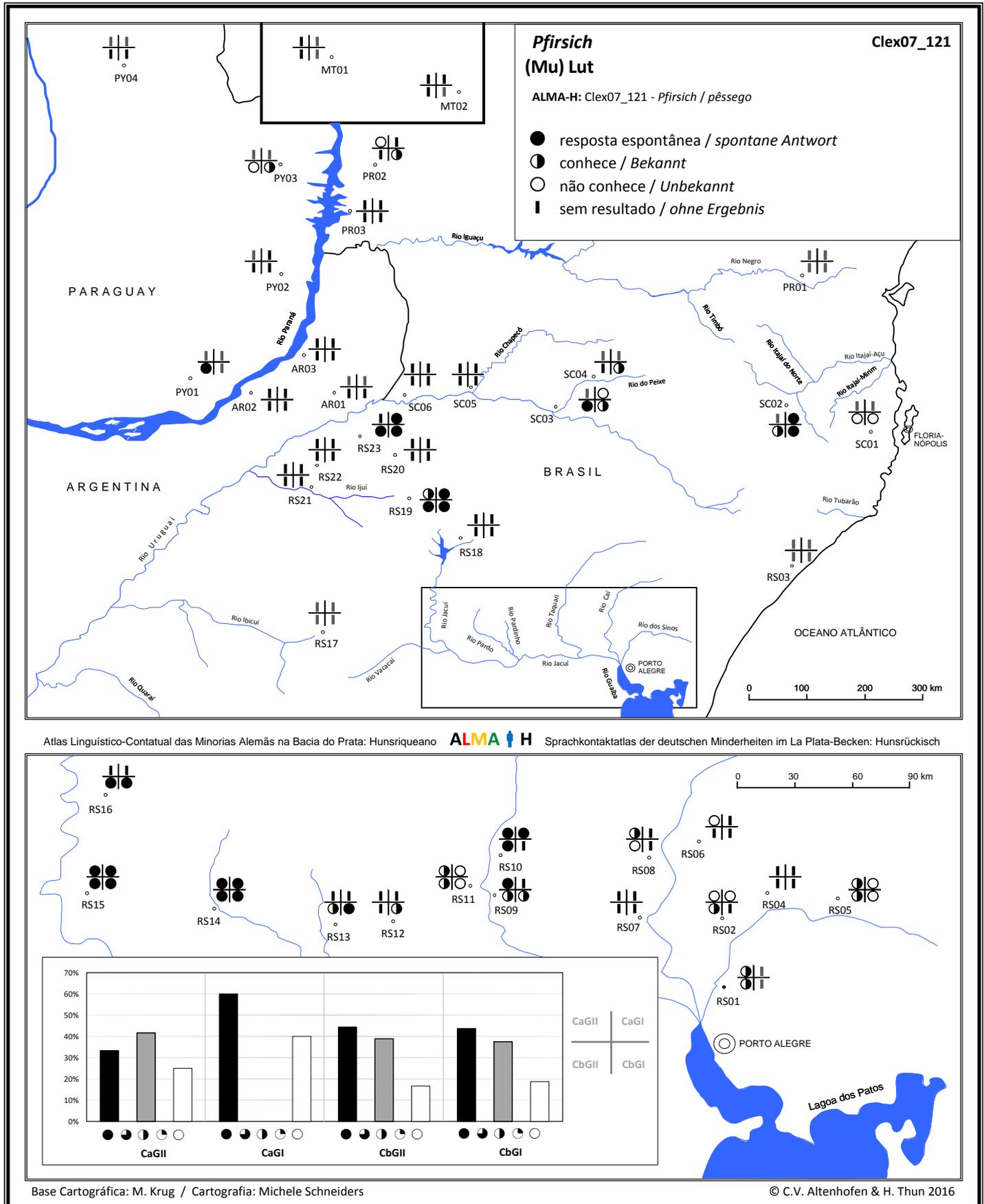
Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückeano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch



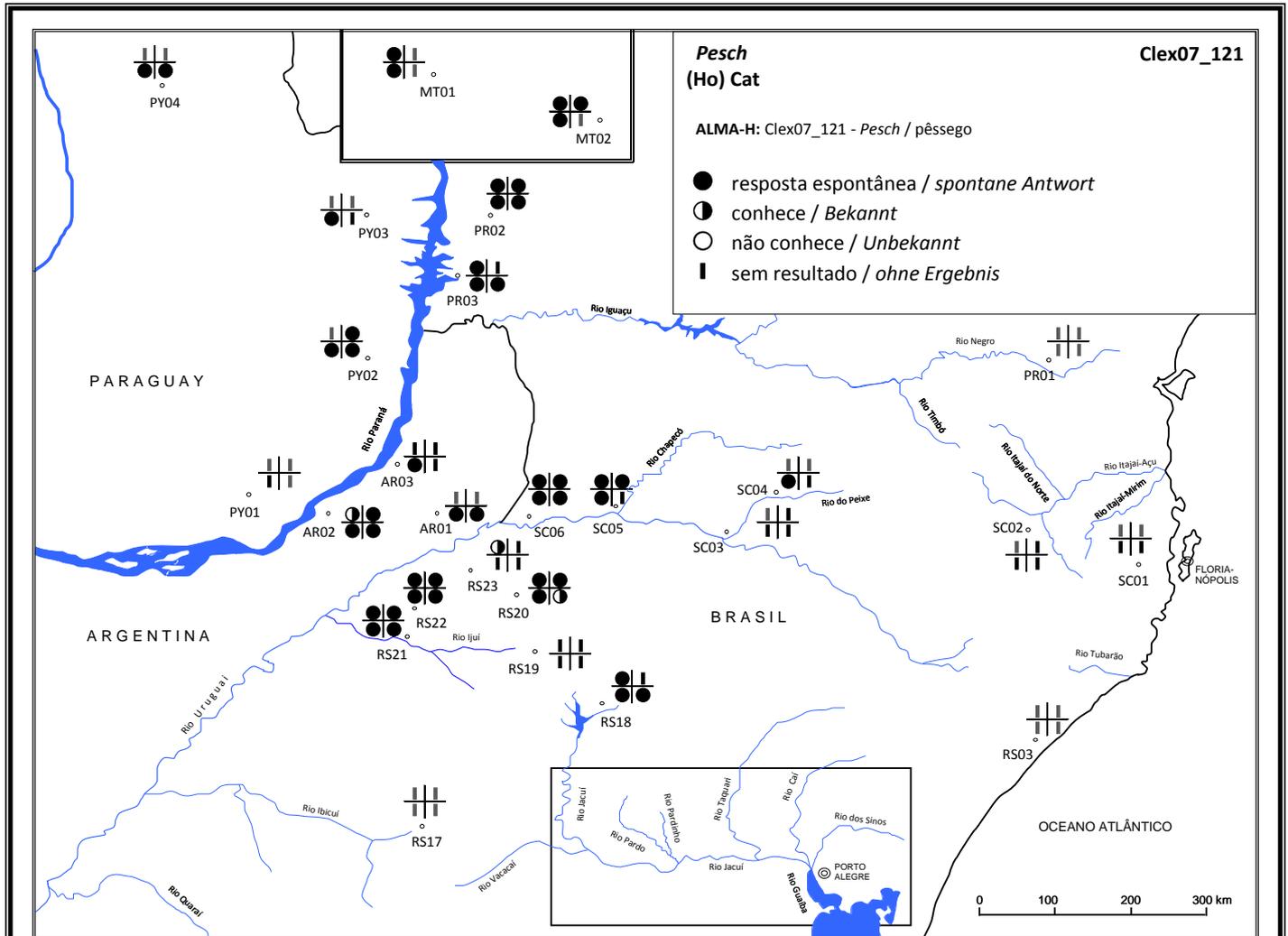
Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: Michele Schneiders

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2016

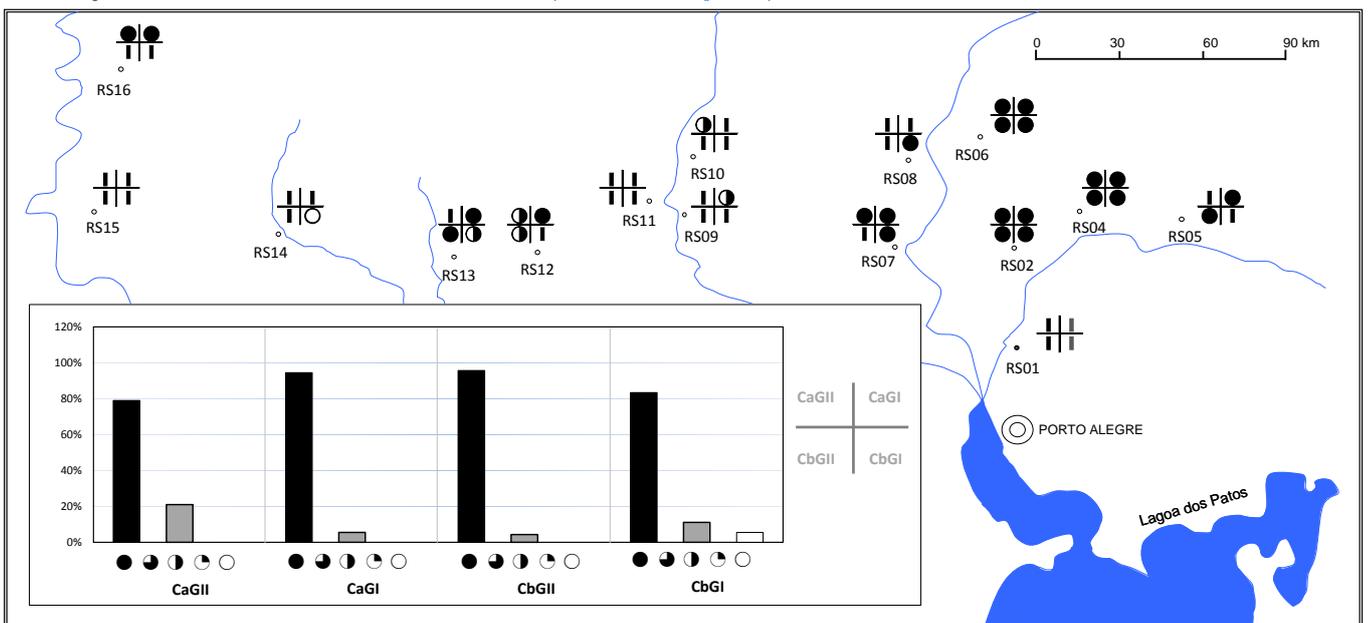
Mapa 26 - Variação de *Pfirsich* na fala das mulheres (Mu) luteranas:



Mapa 27- Variação de *Pesch* na fala dos homens (Ho) católicos:



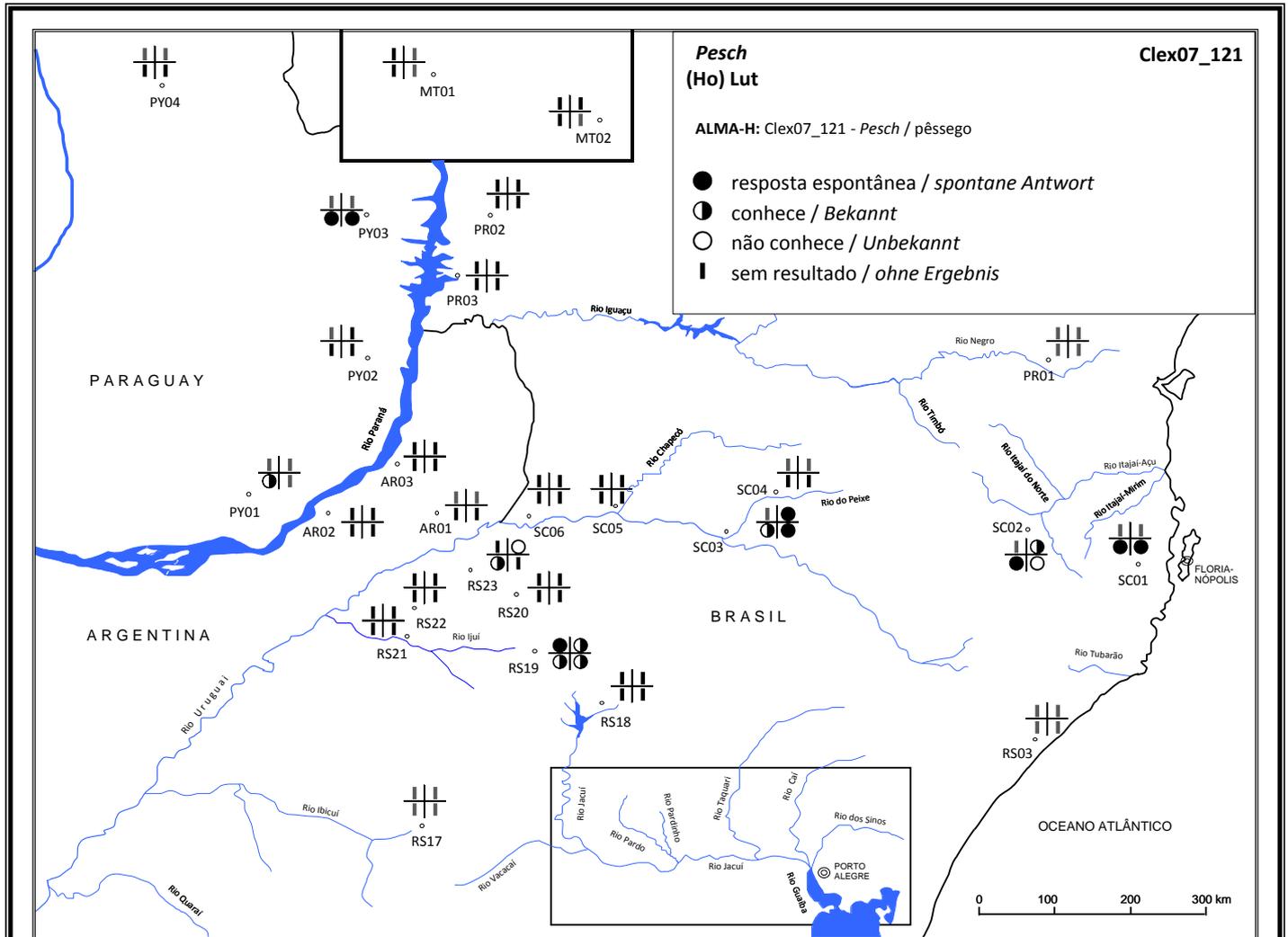
Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch



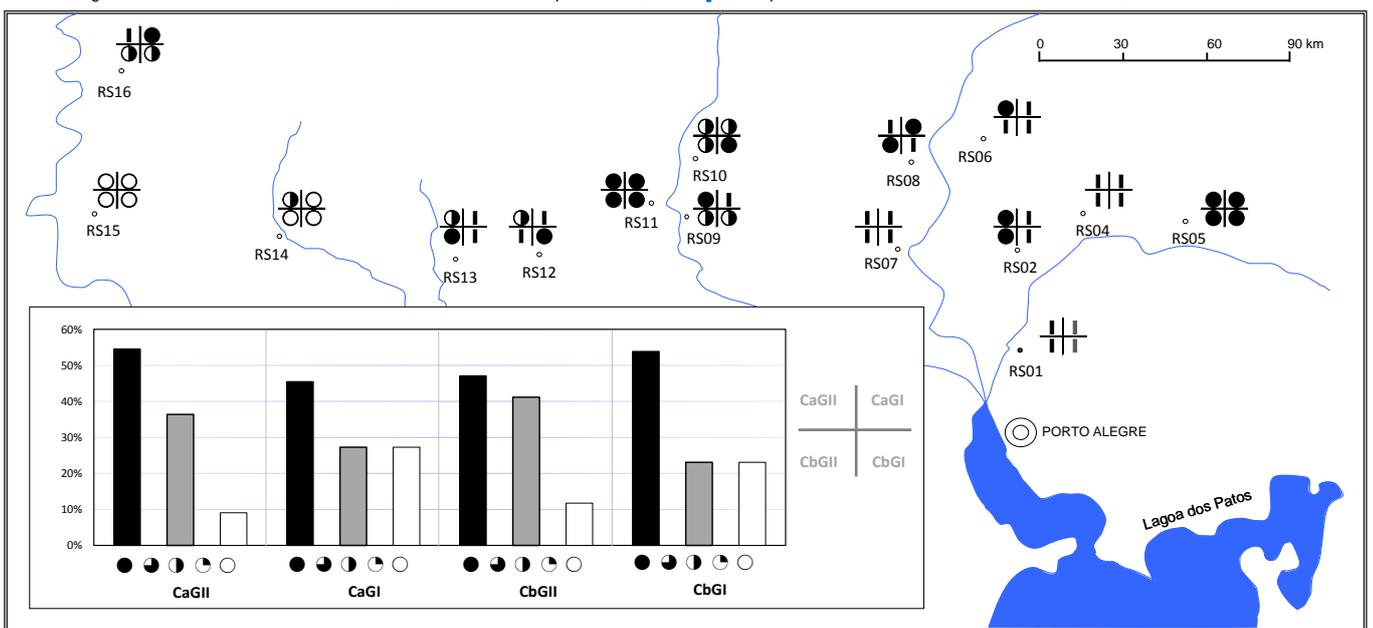
Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: Michele Schneiders

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2016

Mapa 28 - Variação de *Pesch* na fala dos homens (Ho) luteranos:



Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch



Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: Michele Schneiders

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2016



